

ABSTENÇÕES NÃO IMPEDIRAM UM GRANDE REFORÇO DA ESQUERDA

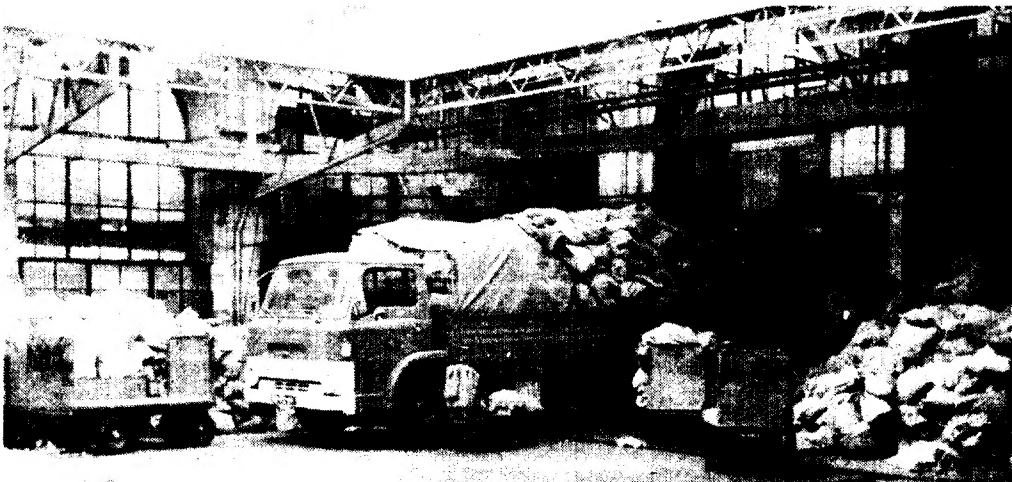
Vitória da APU em Évora desautoriza Vaz Portugal

Com 53,09 por cento dos votos entrados a Aliança Povo Unido registou ontem uma grande vitória nas eleições municipais de Évora, cujos resultados transcendem o mero âmbito regional. Compensando a acentuada queda que o Partido Socialista registou em quase todo o concelho, sendo relegado para terceiro lugar numa área onde em 1976 contestava ainda a primeira posição à então FEPU, recolheu 12 645 votos, mais 11,61 por cento do que nas últimas eleições locais, garantindo o reforço da esquerda. Sozinha, a Aliança Povo Unido recolheu mais votos do que o PSD,

PS e CDS somados, ou seja, o bloco que antes do início da campanha eleitoral tentou formar-se para destruir a sua influência. A expressiva vitória alcançada (a APU reúne numa frente eleitoral o Partido Comunista Português e o Movimento Democrático Português) é ainda uma vigorosa resposta à política que vem sendo praticada no Alentejo por sucessivos Governos desde 1976, impondo uma especial leitura em vésperas da tomada de posse do IV Governo onde, à frente da pasta da Agricultura e e Pescas, se mantém o maior respo: «sáve» pela ofensiva contra a Reforma

Agrária depois do ministério de António Barreto. Ao votar ontem maciçamente na APU o eleitorado do concelho de Évora desautorizou concretamente a política de Vaz Portugal. E tudo isto decorreu na maior calma, apenas quebrada pela agitada e mesmo provocatória campanha da direita, dentro do maior espírito democrático, que levou o PSD a colocar-se na segunda posição.

(Reportagem de Augusto Vilela na pág. 5)



Na estação central dos CTT no Terreiro do Paço a correspondência acumula-se: os trabalhadores aderiram ali a 100 por cento ao segundo dia de greve por melhorias salariais minimamente justas

CTT de novo em greve com maior adesão

(Pág. 15)

DRAMA PASSIONAL EM CARNIDE

Estrangulou a mulher e atirou-se do 6.º piso

Drama passional esta madrugada na Rua Conselheiro José Silvestre Ribeiro, em Carnide: Vítor Manuel Fernandes Dias, casado, de 29 anos, natural da freguesia de S. Sebastião da Pedreira, operador de centrais elevatórias na EPAL dos Olivais, estrangulou a esposa, Albertina da Fonseca Santos, quatro anos mais nova, professora de Trabalhos Manuais na Escola Manuel da Maia, e atirou-se, consumado o tresloucado acto, do 6.º piso do prédio n.º 16-A, estatelando-se no solo entre dois carros. Foi uma trapeira que cerca das 7 da manhã encontrou o cadáver, comunicando o facto à PSP da área, que por seu turno o transmitiu à PJ.

Para a família, Albertina Santos, «jovem muito inteligente», era um modelo de virtude. Filha única, vivia naquela rua há doze

anos com os pais, que no último fim-de-semana, como acontecia amiudadas vezes, se deslocaram para os lados de Tomar. Vítor Dias quase não era conhecido no prédio, de acordo com os vizinhos, um dos quais, nos dois últimos meses (Albertina e Vítor tinham-se casado em 28 de Setembro passado), apenas o vira uma vez no elevador. No entanto, o «DL» apuraria esta manhã junto dos Serviços de Pessoal da EPAL, que Vítor Manuel andava a tratar-se com o psiquiatra da empresa.

Embora não estejam completamente esclarecidas as razões que levaram à morte de um casal consorciado há pouco tempo, e ainda sem filhos, presume-se que um desfasamento conjugal possa explicá-lo.

Vítor Dias e Albertina Santos tinham-se conhecido em Janeiro

deste ano, segundo afirmou aos jornalistas a tia da vítima, Natália da Fonseca, que ontem, porque as relações entre ambos eram tensas de há um mês a esta parte, havia telefonado para a sobrinha a fim de averiguar da situação do casal. Ainda de acordo com aquela senhora os dois tinham gozado a lua-de-mel no Mediterrâneo.

O sector público, as resistências bancárias e um grande negócio à vista

(Pág. 11)

Mota Pinto não vai passar sem moção de rejeição

O Comité Central do Partido Comunista Português encontra-se reunido desde esta manhã. Não foram revelados os objectivos da reunião, mas, segundo pudemos apurar esta prende-se com a divulgação da composição do IV Governo anteontem anunciada por Mota Pinto. As conclusões dos trabalhos serão tornadas públicas ao fim da tarde de hoje. Para já parece certo que o PCP avançará com a decisão de apresentar uma moção de rejeição do programa do Governo quando este subir ao hemiciclo parlamentar, o mais tardar até ao dia 4 de Dezembro.

Ainda quanto à moção de rejeição, desconhece-se por enquanto se será acompanhada pelos socialistas, que ontem sofreram uma importante derrota em Évora. Círculos próximos da direcção socialista afirmam que há que tirar as necessárias ilacões deste fracasso e que estas só poderão conduzir a uma mais firme posição de esquerda, embora demarcada da política do PCP. A prevalecer esta opinião, os deputados socialistas poderiam acompanhar a restante esquerda parlamentar na rejeição do Governo. As posições nas cúpulas do PS não se encontram porém unidas quanto a esta última hipótese, havendo importantes sectores que defendem

que não vá além da abstenção. Em última análise o desempate deverá depender do próprio

Mário Soares, que até este momento parece inclinado para a abstenção.

(Mais noticiário nas págs. 6 e 7)

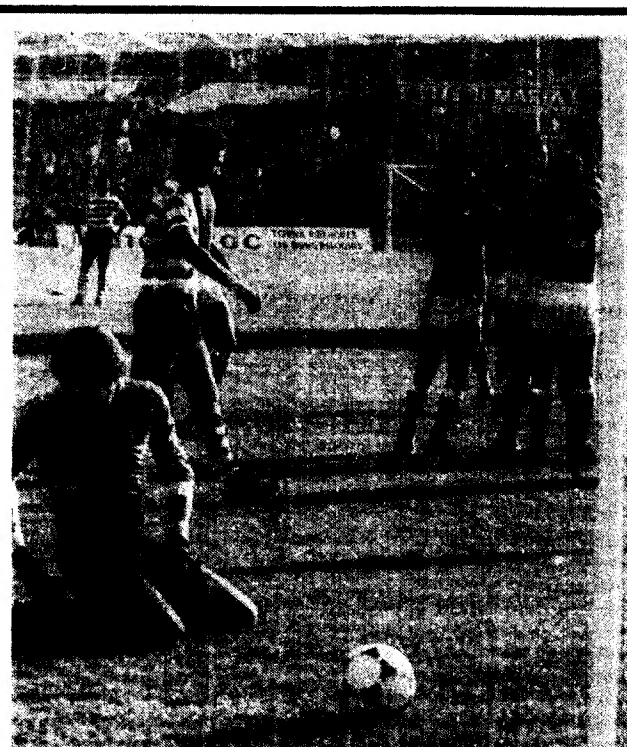


Imagem cinco vezes repetida

Cinco golos em 25 minutos: ao descalabro total da defesa sportinguista respondeu o Benfica, comandado por Alves e Toni, com uma das suas mais luxuosas exibições. (Na imagem: bola na rede, 5.º tento dos «encarnados»). O triunfo do grupo de Mortimore, no sábio aproveitamento da falência absoluta do flanco esquerdo e dos centrais de Alvalade, projecta a turma da Luz para o melhor degrau do campeonato nacional de futebol, onde divide a primazia com o FC Porto, ontem a ceder um ponto para o bolso de Mário Wilson (reportagens em «Desportos»)

post-scriptum



Exames, classificações, e o mais que esta carta vos dirá...

Venho por este meio pôr à consideração dos leitores do VV conceituado jornal, professores de todos os níveis de ensino, trabalhadores-estudantes, estudantes em geral, responsáveis pela Educação neste País e no meu - Cabo Verde e Guiné-Bissau, o que de mais insólito aconteceu há dois anos e se veio arrastando até este ano, com um desfecho verdadeiramente funesto.

Sou bolseiro da UNESCO pela República da Guiné-Bissau, e frequento Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Por razões familiares, ou melhor, responsabilidades familiares (casado com 5 filhos) também trabalhador estudante, na base das boas e fraternais relações de amizade e cooperação entre Portugal e o meu país, na situação de professor de Ensino Primário, uma possibilidade de adquirir conhecimentos novos e práticos e uma valorização pessoal, científica e pedagógica, indispensáveis ao bom desempenho das minhas funções docentes presentes e futuras.

Posto isto, passemos aos factos: Em Março do ano findo, encontrava-me numa das salas da referida Faculdade, onde tinha lugar um teste de Introdução aos Estudos Literários - 3.º teste, quando o senhor professor da cadeira, dr. Carlos Reis, me retirou o livro «O Malhadinho», por ele recomendado, e que eu consultava na página indicada - P. 28, sob pretexto de saber se o mesmo livro estava cabulado ou não.

Como não encontrasse nenhum sinal de cácula, notas ou apontamentos, vii, todavia, uns escritos na contra-capa do mesmo livro, os quais nada tinham a ver com a matéria constante da prova.

Sem que o professor tivesse o mínimo de serenidade, para detectar a natureza dos referidos escritos, numa atitude de irreflexão, de preponderância e sem qualquer respeito pela dignidade alheia, mandou-me pôr fora da sala.

Tentei infrutiferamente chamar a atenção do professor para a flagrante injustiça em que incorria ao mandar-me para fora da sala, sem justa causa.

No corredor, dei, à monitora do referido professor, hoje assistente dele, dr.ª Clara Rocha, a conhecer o facto, tendo esta, após consulta do livro, constatado que de facto havia uns escritos, mas que estes em nada se relacionavam com o assunto do teste, pelo que me aconselhou a esperar pelo professor para lhe mostrar de novo o livro e pedir-lhe justiça. Assim procedi.

Só com muito esforço da minha parte consegui que o sr. dr. Carlos Reis lesse os referidos escritos, para finalmente afirmar com tom marcadamente autoritário: «De facto, esses escritos não têm relação alguma com a matéria do teste, mas o professor da cadeira, a partir do momento em que vê escritos no livro recomendado, a sua obrigação é mandar o aluno para fora da sala, anular-lhe o teste, com a consequente perda de exame no fim do ano».

Através destas palavras, conclui-se que o senhor dr. Carlos Reis não encontrou o livro cabulado e comecei desde logo a tentar por vários meios, inclusive por intermédio da sr.ª dr.ª Helena Rocha uma possibilidade de o levar a repensar a posição tomada, de modo a reparar a situação desencadeada e evitar os males em perspectiva.

Todos os esforços foram debaldados, porque o sr. dr. Carlos Reis tomara uma posição de intransigência abusiva, surdo aos apelos, até de professores colegas.

Com essa atitude, apresentei o assunto ao Conselho Directivo, que tentou uma plataforma de entendimento e conciliação, mas com a condição de só fazer exame em Outubro do mesmo ano, depois de ter perdido a sequência dos testes.

Em Outubro, por vingança, o senhor dr. Carlos Reis reprovo-me na oral.

Durante o ano lectivo 1977/1978, a cadeira passou a ser ministrada pela sua assistente sr.ª dr.ª Clara Rocha.

Caso curioso é que, se a dr.ª Clara Rocha tomou inicialmente uma pretensa atitude de imparcialidade, a verdade é que depois começou a actuar de maneira marcadamente colaboracionista e de vingança, a despropósito, por isto:

Apesar dos esforços de toda a ordem que fiz ao longo do ano para adquirir pleno domínio das matérias da cadeira em causa, ela nunca me deu nota positiva nos dois primeiros testes, tendo-me eu escusado de fazer o 3.º, a fim de me preparar para o exame final.

De novo apareceu-me uma iniciativa na escrita Vou a oral. Depois de uma prova em que respondi a cerca de 80% das suas perguntas, acaba por me dizer que

Continua na pag. 4

Ex-director da PJ (Porto) teme "soluções drásticas"

PORTO, 20 - «Tudo parece apontar para soluções que podem vir a ser dramáticas» - sublinha o juiz dr. Guimarães Dias ao deixar o cargo de director da PJ do Porto e após reconhecer que não foram atingidas as vias adequadas para que aquela Polícia desempenhe o papel que lhe cabe no País que vivemos.

No anexo à Ordem de Serviço do dia 17, o dr. Guimarães Dias refere que, para a almejada alteração da PJ, se impunha «responsabilizar ou ilibar todos os funcionários sobre quem recaem as mais graves acusações e cujo comportamento tinha sido objecto de processos disciplinares». Mais: «pensava como agora que a corrupção e a viola-

ção dos «Direitos do Homem» tinham que ser banidos da sociedade portuguesa e que a PJ não poderia ter nos seus quadros funcionários em relação aos quais pesassem acusações provadas desse teor».

E para que a PJ se prestigiasse e alcançasse os fins para que foi criada, impunha-se - salienta aquele juiz que havia assumido as funções que agora abandona em Junho de 1975 - «o estabelecimento de facto, e não meramente formal, de uma cadeia hierárquica em que a direcção fosse o topo e o agente investigador fosse a base, passando por inspectores - magistrados do Ministério Público - que efectivamente controlassem a legalidade da investigação

criminal, e subinspectores que, na prática, chefiassem brigadas constituídas por agentes eficientes - todos dedicados à função, respeitadores da lei e conhecedores e cumpridores das normas deontológicas que devem nortear a sua profissão».

Outro aspecto defendido pelo dr. Guimarães Dias: condições materiais adequadas ao trabalho desenvolvido e justa compensação monetária. Com a concretização desses factores obter-se-iam «a curto prazo os resultados pretendidos». No entanto, «tendo de reconhecer que não só não foram atingidos tais aspectos como tudo parece apontar para soluções que podem vir a ser dramáticas» - diz.

Relativamente à actividade

antiterrorista desenvolvida pela Directoria do Porto, o ex-director, agora colocado no 5.º Juízo Correccional, alude à «abnegação, coragem, espírito de sacrifício e brio profissional de um grupo de funcionários que, em condições de todos conhecidos, se lançou num tipo de investigação que impressionou o País». E acrescenta: «Em minha opinião estes homens cumpriram o seu dever, mau grado as campanhas difamatórias e intimidativas de que foram alvo, da desconfiança de algumas pessoas muito responsáveis e do sarcasmo de alguns colegas».

Registe-se que o dr. Guimarães Dias recusou homenagens de despedida que lhe quiseram promover.

Plenário do MDM aprova plano de acção para o próximo ano

O plenário distrital de Lisboa do Movimento Democrático das Mulheres (MDM), reuniu, ontem, na Voz do Operário, com o objectivo de eleger a direcção distrital, estudar as formas de alargar o movimento e traçar o plano de acção para 1979.

O movimento tem já constituído três grupos de trabalho: um dedicado aos problemas de organização, outro encarregado da elaboração do plano de acção para 1979 cuja preocupação fundamental é o problema do

aumento do custo de vida e o terceiro virado para a informação que visa nomeadamente melhorar a revista «Mulheres».

No plano de acção consta também o propósito de aproveitar o próximo Ano Internacional da Criança para criar comissões locais para a defesa dos direitos da criança, nomeadamente a reivindicação do aumento generalizado do abono de família.

O plenário deliberou ainda que se reforce o trabalho de alfabeti-

zação e de planeamento familiar e de apoio à Terceira Idade tendo-se em relação a esta questão defendido a criação de novos centros de convívio para os idosos.

O Dia Internacional da Mulher e o Dia Mundial da Criança terão relevo particular no calendário das iniciativas do MDM. O novo plano de acção prevê ainda iniciativas de solidariedade internacional para com os povos sujeitos a regimes ditatoriais.

Socialistas do Poder Local reuniram-se em Lisboa e no Porto

Os socialistas eleitos para as autarquias locais estiveram este fim-de-semana em grande actividade.

No Porto reuniram-se os representantes eleitos nas zonas Norte, Centro e Ilhas, enquanto que no Estoril perto de 650 pessoas participaram no encontro de autarquias locais do PS.

Os mesmos temas foram debatidos nas duas reuniões - a lei das finanças locais, a lei do poder local, e o papel do aparelho partidário no apoio aos socialistas eleitos para as autarquias.

Outro ponto debatido na reunião do Porto foi o da Lei Eleitoral, ainda não promulgada, e a Lei do Recenseamento. Sobre esta última os participantes no encontro manifestaram «preocupações quanto à maneira de realizar o recenseamento, em face das dificuldades na sua futura execução», nomeadamente a carência de meios financeiros, «agravada pela circunstância de não ter sido ainda paga às Juntas de Freguesia a totalidade das verbas despendidas com o anterior recenseamento».

Durante o encontro foram ainda aprovadas moções de repúdio à actividade do III Governo, demitido nomeadamente no que se referem ao estrangulamento das cooperativas de habitação e à política repressiva desenvolvida pelo Ministério da Agricultura e Pescas, cuja equipa fará também parte do IV Governo. Idêntica atitude foi tomada em relação às desintervenções decretadas

pelo governo do antigo ministro da Indústria de Mário Soares.

Em Lisboa os trabalhos, que foram dirigidos pelo coordenador da FAUL, Rudolfo Crespo, destinaram-se a preparar teses a ser apresentadas no próximo encontro nacional de autarquias do Partido Socialista, que se reúne em Faro, nos próximos dias 25 e 26.

Aquele dirigente socialista teria a oportunidade de realçar a importância dos trabalhos, afirmando que as autarquias locais são «os únicos órgãos de poder constituído onde a democracia política se exerce plenamente, uma vez que o poder é exercido directamente pelos partidos».

ESTA NOITE NO VASCO SANTANA

Contra os ataques à Reforma Agrária

Conforme já anunciámos na nossa edição de sexta-feira realiza-se esta noite, pelas 21 e 30, no Teatro Vasco Santana, uma sessão pública de esclarecimento sobre as perigosas consequências para o nosso regime democrático-constitucional, da violência e repressão desencadeada pelo MAP na zona de intervenção da Reforma Agrária.

A iniciativa, que parte de individualidades dos mais diferentes quadrantes políticos e ideológicos (Goucha Soares, Riço Calado, Castro Guerra, Oliveira Baptista e Vitor Louro), insere-se numa ampla campanha de sensibilização e de luta, já responsável de um abaixo-assinado com milhares de aderências, destinada a exigir a resolução dos problemas pela via do diálogo, da concertação e da defesa da Reforma Agrária, nos termos previstos na Constituição.

OS ERROS DA IVONE

CONCURSO DA 2.ª RTP/2

CONCURSO DA 1.ª RTP-RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA, EP
Apartado 1423 - Lisboa 1

Nome

Morada

Telef.

O ERRO DO ANÚNCIO FOI

IMPORTANTE: Preencher o boletim com letra bem legível

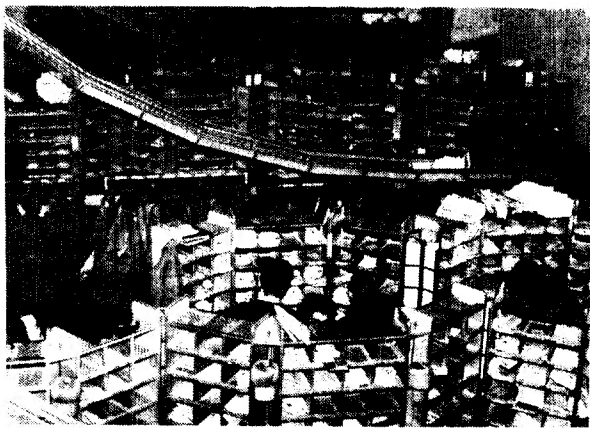
O boletim deve ser recortado pelo tracejado e remetido ao Apartado 1423 - Lisboa 1, colado em postal modelo normal dos CTP

cole no endereço postal

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

ponto a ponto



Portarias hoje publicadas no «Diário da República» autorizam a Caixa Geral de Depósitos a alterar para 16,75 por cento ao ano, as taxas de juro de dois empréstimos contraídos pela Empresa Pública Correios e Telecomunicações de Portugal. Sobem a 40 mil e a 51 mil contos, respectivamente, os empréstimos da Caixa aos CTT.

A convite do chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, chegou hoje a Lisboa o vice-almirante alemão Guenter Luther, que ocupa idêntico lugar na hierarquia militar da RFA. Do programa da visita, constam diversas reuniões com altas patentes da Marinha portuguesa e visitas de estabelecimentos militares e ainda a deposição de uma coroa de flores no Padrão dos Descobrimentos.



O combate à instalação de uma central nuclear em Ferrel, perto de Peniche, é um dos objectivos centrais da Juventude Monárquica, segundo decidiu o seu Congresso, reunido durante dois dias no Porto. O outro objectivo é a organização da JM em ordem a intervir nos principais problemas nacionais. Para já aquele agrupamento juvenil manifestou o seu apoio à ofensiva contra a Reforma Agrária e à formação de um bloco centrista, e contra o serviço militar obrigatório.

O presidente do Município de Vila Real, Armando Fonseca Moreira, e o poeta António Pires Cabral, representarão aquela cidade na «I Reunião sobre desenvolvimento cultural das cidades», organizada pelo Conselho da Europa. A reunião decorre hoje e amanhã em Estrasburgo, nela participando outras 16 cidades de países filiados naquela organização, prevendo-se que nela se venha a concretizar um programa de acção comum para o futuro.



A actual situação política e assuntos de carácter militar são os dois pontos inscritos na ordem de trabalhos do Conselho da Revolução, que se reúne na próxima quarta-feira no edifício do EMGFA, no Restelo. A formação do IV Governo presidido por Mota Pinto, deverá prender as atenções dos militares que fazem parte daquele órgão de soberania.

António Sérgio, a República e a Revolução (3)

VICTOR DE SÁ

Sérgio, no curso de toda a sua obra, nunca falou na hipótese da descolonização africana, um fenómeno histórico que começou a processar-se no caso da sua vida, e que no caso português ocorreu já depois da sua morte. Mas se nós não formos escolásticos, se soubermos ler com espírito dialéctico a mensagem intelectual do grande Mestre, é nele que demos assentar a teoria justificativa do nosso optimismo histórico, da confiança na Revolução portuguesa que apenas começou. Entre a independência do Brasil, 1822, e os decretos de Mousinho, 1832, decorreu uma década. E nós vamos ainda no 4.º ano da Revolução, os novos países africanos de expressão portuguesa comemoram apenas o 3.º ano da sua independência! Como, então, a nossa impaciência, ou o desalento de alguns?

O que nos falta é perspectiva histórica dos acontecimentos em que estamos envolvidos. A importância dos acontecimentos da nossa Revolução é grande demais para a pequenez dos meios que temos, dos instrumentos de análise adequados à sua apreciação. Aqui se insere o segundo aspecto da lição de Sérgio que nos cumpre saber colher, e que em grande parte se liga com a política da Primeira República.

Sérgio era de ascendência e formação monárquicas. Em 1910, dentiu-se de oficial da Marinha, porque não quis servir nas Forças Armadas da República. Foi um acto de coerência formal, que não invalidou a sua coerência de cidadão português

e de intelectual consciente dos seus deveres de cidadania. Pôde por isso prestar no seu País — e à República — o mais prestimoso serviço: criticando as instituições, procurar nos baixios mais profundos da história nacional a razão daquilo que no tempo dele era tema de reflexões literárias: as causas do que se chamava a nossa decadência.

Não vou aqui fazer a apreciação desse problema que tem um grande interesse, mas que nos levaria muito longe e afastaria do nosso objectivo. Lembrarei tão-somente que a decadência foi um sentimento generalizado entre nós (e não só) desde meados do século passado. Antero dera-lhe expressão na 1.ª das Conferências Democráticas de 1871, «As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares». Foi um problema que se tornou de grande acuidade sobretudo a partir de 1890 com o ultimato inglês que pôs em cheque a nossa soberania. Que nação éramos nós, afinal, que a um gesto de Londres nos agachávamos a cumprir as suas ordens? Foi esse vexame da soberania portuguesa, que comprometeu irremediavelmente a Monarquia, e que o Partido Republicano, até aí pouco representativo, soube aproveitar consubstanciando à sua volta o sentimento do orgulho nacional ferido. A proclamação da República revestiu-se por isso, além do mais, do significado de redenção nacional, de restituição do orgulho de sermos portugueses, da retomada dos destinos da Pátria nas próprias

mãos. A dinastia de Bragança consubstanciava, pelo contrário, a capitulação perante os imperativos com que o estrangeiro, de Londres, vexava os brios do nosso patriotismo.

Mas Sérgio não se contentava com a retórica das palavras. Dizia dos românticos republicanos: «era-me de todo impossível acamarar com eles numa casta de procedimento que me pareceu aérea: revolucionária em palavras, conservadora em actos.»

Sérgio acusava a República de ela não ter sido minimamente revolucionária. «As reformas económicas — escreveu — as de educação social, afiguravam-se-me as bases da reforma política (...). Nada nos republicanos me aborrecia tanto como o dizerem que a separação das Igrejas e do Estado era a base essencial da revolução portuguesa, o substancial da República. Fundamentais (pensava eu) — ele — só reformas económicas o poderiam ser, e as de pedagogia social que com o económico se relacionassem (...). O que julguei observar na nossa grei jacobina é que não tinha consciência desse imperativo económico, desse busca de democracia no «viver positivo dos homens» (...) e que encarava a República como uma finalidade em si, como qualquer coisa de estático, de só formal, só político propendendo a ficar-se na modificação dos nomes e incons-

ciente de que o que via como fim da política só poderia justificar-se como simples meio, ou instrumento, para uma gradual aproximação desse genuíno objectivo.

«O objectivo da igualdade e da justiça económica, da extinção das distinções de classe». Os corifeus da República não davam tino da importância do condicionamento económico, e não queriam perceber que sem remodelações económicas não existe realmente revolução autêntica, mas ruidosos espectáculos para celebrar tribunos.»

Concretamente, de que acusava Sérgio a Primeira República? Disse-o ainda na sua vigência, em 1923: «A República não resolveu, por enquanto, as dificuldades portuguesas, porque não atacou profundamente o problema básico da nacionalidade; abrir, na metrópole, empregos criadores à actividade dos cidadãos pela modificação do regime agrário, pelo aproveitamento das forças hidráulicas, pela modernização dos métodos de trabalho, pela importação do trabalho científico, pelo estabelecimento de uma pedagogia nova, essencialmente activa e produtora.»

Por isso Sérgio toda a vida se bateu por uma pedagogia nova, que extirpasse das nossas entranhas a tradição do «Reino Cadaveroso» de que já falava, no século XVIII, o «estrangeiro»

Continua na pag. 4



OS JURISTAS

Em matéria de Governos sem base política definida, nascidos de uma «vontade de poder» e reflectindo um equilíbrio precário (conjuntural apenas) de interesses contraditórios, o Governo Mota Pinto vem marcado pela «origem». Carlos Mota Pinto, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra propõe-se demonstrar a competência dos «juristas» para as tarefas de pública governação. Tal como o engenheiro Alfredo Nobre da Costa procurara dar-nos testemunho de que para gerir um Estado nada melhor do que uma equipa de «engenheiros» habituados a tarefas de gestão. Feita a prova breve de que a «política» não é incompatível com a «engenharia», vamos repetir, em condições diferentes, uma experiência (a prazo) de «governação coimbrã». Ainda não se fala de «salvação». O termo ocorre no discurso de Francisco Sá Carneiro, mas não tem o mesmo significado no vocabulário de António Ramalho Eanes.

Os «juristas» fizeram-se acompanhar de outros «quadros administrativos» e ao revelar a composição do seu Governo, o professor Mota sublinhou que se trata de homens «não vinculados aos partidos». Com a afirmação fica reforçada a hipótese, com que muitos sonham e para a qual alguns trabalham, de uma organização partidária (ou para-partidária) de «independentes». Não serão, alinhados com o programa, bandeira e condutores, os milhões de que falou o engenheiro Nobre da Costa, mas poderão vir a constituir uma corrente relativamente importante numa futura distribuição nacional das forças e grupos políticos.

Cidadãos ditos «independentes» e cidadãos reconhecidos como «partidariamente não vinculados» são figuras próximas. Uns e outros sobem ao «poder» não para completar «equipes políticas» com o lustre da «competência jurídica» ou com a eficácia da «capacidade técnica». Sobem ao «poder» para substituir os «políticos».

Este «reinado das competências» que, depois de tristes experiências passadas e da experiência Nobre da Costa, com Mota Pinto se vai repetir, não se augura favorável à consolidação institucional das conquistas de Abril. Conquistas que — acentuemo-lo — não são apenas vantagens materiais, foram, também, vantagens morais. A liberdade política e a quotidiana liberdade que devemos a Abril, não podem ser esquecidas porque os preços aumentaram, os homens decepcionaram e os cravos murcharam. Para os cidadãos politicamente conscientes (e que não são reaccionários) a Revolução de Abril abriu a Portugal novas possibilidades e deu ao povo o horizonte de uma vida nova. Do que se passou em Portugal,

venham os «juristas», saiam os «engenheiros», instale-se quem se instalar nas cadeiras de S. Bento e dos vários Terreiros do Paço, muito é irreversível.

Ou só poderá ter a reversibilidade da tragédia. Será preciso ser mais claro?

ÉVORA: A POLÍTICA EM NÚMEROS

Não tenhamos pressa de converter os resultados das eleições para a Câmara Municipal de Évora num teste nacional das variações do comportamento eleitoral. A grande vitória da Aliança Povo Unido (APU) deverá ser considerada como a resposta democrática de uma população aos demolidores da Reforma Agrária, a todos que querem sob o pretexto de cumprir uma lei moralmente infeliz, politicamente errada e tecnicamente imperfeita, reconstituir, com a presença dos latifundiários, a «ordem velha», obsoleta, parasitária, imoral. A resposta democrática, ordeiramente depositada nas urnas, não poderá deixar de impressionar os quadros e os homens das forças militarizadas chamados à realização de tarefas que desfiguram o perfil profissional das corporações em que servem.

Os números apurados esta manhã são significativos. A Aliança Povo Unido, com 53,1 por cento dos votos expressos, ganha uma posição maioritária e decisiva sob o aspecto administrativo. Polémica e grosseiramente confundida com o PC, a APU não foi expulsa da Câmara, conquistou pelo contrário, o direito de a presidir. Por seu lado, o Partido Socialista, porque ainda não compreendeu o erro da «Lei Portas-Barreto», nem se deu conta do desprestígio democrático da aliança espúria com o CDS, sofreu a crítica das bases e das populações na linguagem eloquente dos votos. O Partido Social Democrata, como em Mirandela, sobe, afirma-se como o «partido do centro-direita», como a força susceptível de hegemonizar a «direita» e de atrair na sua esteira a «extrema-direita» se conseguir resolver os espinhosos problemas de estratégia e de direcção.

O CDS não tem capacidade competitiva em relação ao PSD, e será questão para se ver com maior detalhe se, à escala nacional, terá condições para suportar a concorrência agressiva de outros grupos e partidos da «direita» e da «extrema-direita».

A derrota do Partido Socialista em Évora é um mau sinal. Não devem os democratas minimizar o seu significado, ou aceitá-la como um castigo merecido. Efectivamente, o Partido Socialista com os seus 17,2 por cento pode contribuir para a consolidação da administração municipal democrática em Évora, e, no País, constitui uma força indispensável para a institucionalização democrática e para a defesa de Abril.

Claro que a «lição de Évora» terá que ser aprendida em toda a sua profundidade e extensão. Não se trata de um erro pontual como em Mirandela, ou da simples erosão de um «partido» por ser Governo, trata-se de estratégia errada, trata-se de «discurso político» sem audiência local e sem correspondência, aliás, com um projecto político nacional.

MOVIMENTO FEMININO PRÓ-AMNISTIA NO BRASIL

Uma bandeira para todos os democratas

Já não é um fruto verde que amadurece: é um fruto que está maduro. E chama-se Movimento Feminino Pró-Amnistia no Brasil. Luta para que o Brasil seja um país humano, e não um país desumano. O seu objectivo é uma amnistia para todo o povo brasileiro. Sempre o foi, ainda o é. Porque, na verdade, desde o começo da ditadura, em 1964, o Brasil ficou sem direitos cívicos — e o povo, reprimido, «sem feijão e arroz no prato...»

Nós estamos a ouvir a dra. Theresinha Godoy Zerbine, dirigente daquele Movimento, advogada que, para além das leis consignadas nos códigos, sabe que outras leis existem que não podem ser deturpadas. Essas outras leis são íntimas, parte integrante do processo humano, do diálogo que se vem travando ao longo dos séculos, e, por isso mesmo, porque tendem para a perfeição da sociedade, têm forçosamente de ser respeitadas. «O que, presentemente, não está acontecendo no Brasil...»

Theresinha (deixemos o qualificativo de «dra.» num parêntesis) sabe sentir a amargura dos seus concidadãos. E, assim, quando fala, quando nos vai falando, diz as coisas essenciais,

doridas, com sangue, fome e prisão...

«SÓ UM BRASIL, NUNCA DOIS»

«O Movimento Feminino Pró-Amnistia no Brasil foi criado por uma necessidade absoluta de fraternidade. Não se pode tolerar o sofrimento dos nossos irmãos. Houve anos terríveis no Brasil. De 1969 a 1973 o meu país viveu num estado de guerra. O meu país, isto é, o nosso país, porque o Movimento interessa a todos os democratas. Que se repare no que a repressão então dizia... A repressão, a própria repressão, dizia isto textualmente: «Nós estamos em guerra...» Era assim mesmo. E

quando a repressão dizia isto estava mesmo fazendo guerra contra todo o povo brasileiro. E como fazia a repressão essa guerra...? Não era só com as prisões, com os assassinios, com os exílios forçados. Não: era também com a discriminação degradante, com a luta em surdina contra os que tentavam implantar reformas progressistas e democráticas, tais como a Reforma Agrária, a alfabetização, o saneamento básico, leis que impedissem a exportação de divisas para defesa da economia, a proliferação de centros de saúde...»

Theresinha não é um «slogan» a expressar-se em frases queimadas, já muito utilizadas: ela, neste momento, aqui em Portugal, é uma voz que pugna pela vida digna dos seus compatriotas. Uma voz que quer unir as coisas desunidas por critérios arbitrários.

Assim: «Devido à ditadura, o Brasil transformou-se em dois Brasis: um, o Brasil dos explorados, dos banidos de todos os direitos essenciais; o outro, o Brasil das multinacionais, o dos negócios lesivos do país, o dos aviões particulares dos milionários... O primeiro, é o Brasil verdadeiro; o segundo, é o Brasil falso, o Brasil só de alguns, o Brasil, enfim, que não pode ser... Quando um povo é patriota, não pode admitir essa divisão...»

«Então...» «Então, nós, mulheres, Movimento Feminino Pró-Amnistia, levantamos mesmo uma bandeira. Essa bandeira é a da liberdade do povo, uma bandeira que ondula sobre todos os democratas, uma bandeira que cobre todas as tendências do pensamento humano, e que, por isso, sendo apartidária, nos pode irmanar a todos neste momento crucial da vida brasileira. Numa povo brasileiro que vai comer a carne desse gado, nem agasalhar-se com as suas peles, pois que o negócio é outro e muito outro... Anda tudo ligado com negócios internacionais. Quando a Volkswagen pegou fogo na floresta, tão grande foi esse fogo, e tão demorado, que um satélite americano de observação «detectou» (e veio noticiado) uma «explosão» no Brasil... Mas não era uma explosão: era, sim, um passo grande na destruição ecológica da minha pátria. Corrompia-se, numa palavra, o maior pulmão ecológico de mundo: a Amazônia...»

IMPÕE-SE VASTA AMNISTIA

«Perante tudo isto, pois, impõe-se uma amnistia vasta. Uma amnistia que cubra todo o povo brasileiro. Que fique bem claro: 110 milhões de brasileiros têm o direito de escolher o seu



A dra. Theresinha Godoy Zerbine quando, no «DL», recebida pelo nosso director-adjunto, Fernando Piteira Santos, um dos elementos fundadores do Movimento Pró-Amnistia no Brasil

destino. Que 30 milhões deixem de ser analfabetos e 55 milhões deixem de ser semiletrados. Por que só amnistiado (e isso quer dizer também livre organização e livre expressão) o povo brasileiro pode dar passos em direcção à felicidade. Liberdade democrática — esta a aspiração de todos os homens de bem. Nós, Movimento Feminino, com núcleos em muitos Estados (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, palavra: uma bandeira para todos que respeitam a dignidade humana...»

QUEM SALVA OS HOMENS DO FUTURO?

«De três princípios básicos preconizados pela ONU, no Ano Internacional das Mulheres, e que são «Igualdade, Desenvolvimento e Paz», nós, mulheres brasileiras, optámos pelo último. Porque, nesta altura, o Brasil precisa é de paz. É necessário que a repressão termine com a sua «guerra» contra os direitos humanos. Mas não queremos a paz dos cemitérios, e sim a paz da Justiça. E essa paz, por tão simples, é tão complicada! Tantos entraves! É, no entanto, uma paz que se está impondo para que o povo possa ter feijão e arroz no prato, e tenha carne, e tenha um tecto, e tenha leite para as crianças... Ah, as crianças! Nunca a mortalidade infantil foi tão grande entre nós! Depois de 1964, aumentou consideravelmente... Hoje podemos dizer (há números devidamente registados) que a mortalidade infantil no Brasil é igual à da Índia. E isso porquê...? Por muitas e diversas coisas que a dignidade humana não pode consentir. Apontamos aqui, por exemplo, que S. Paulo, centro económico e político do país, mostra a sua capital com um terço unicamente usufruindo de saneamento básico... E outros pontos do país...? Um caos. Dizem especialistas que caso se resolvesse o problema do saneamento básico, a mortalidade infantil decresceria em 70 por cento... Mas a repressão não quer ouvir isto, e dá razões que não colhem, e os homens do futuro vão morrendo...»

Vão morrendo, em meninos,

os homens do futuro, enquanto a cobiça das multinacionais se vai alimentando. Ouçamos esta voz emocionada do Movimento Feminino Pró-Amnistia no Brasil:

«As multinacionais estão comendo a Amazônia, Belém, Mato Grosso... Que se veja só isto: um multimilionário norte-americano, de nome Ludwig, adquiriu na Amazônia uma área superior à superfície da Bélgica. Depois, esse mesmo homem comprou uma fábrica de celulose no Japão e fê-la transportar, em barcos, para a Amazônia, a fim de aí a implantar. Que a mão-de-obra era barata, disse o multimilionário. E nós sabemos o que isto significa: exploração e nada mais. Outro exemplo: também a Volkswagen comprou terra na Amazônia, pegou fogo na floresta, e pôs-se a semear capim para a criação de gado. Estamos apostando que não é o Pernambuco, Paraíba, Ceará...), entendemos que a amnistia para nós é um imperativo de consciência. E tão assim é que o Movimento tem dinamizado e catalisado forças. E deu origem, a partir de 1975, ao nascimento de outros movimentos, força a outras organizações. Por exemplo: a Associação Brasileira de Imprensa, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, a Ordem dos Advogados, a Associação Brasileira do Progresso e Ciência, directórios académicos, centros culturais, etc.

AGUARDA-SE CARTA URGENTE

Embora apartidariamente, o Movimento Feminino Pró-

Entrevista de PEDRO ALVIM

Amnistia tem vindo a participar activamente na vida do país. Assim, quando em Abril de 1977, o Governo encerrou o Congresso, e decretou o «Pacote de Abril», constituído por uma série de medidas arbitrárias, «todas as esperanças se foram...»

«Todas as esperanças se foram e nós parámos para pensar. Porque, de vez em quando, é necessário parar para se poder pensar um pouquinho... Depois — resolvemos assumir como nossa a bandeira da Constituinte. Isto é: uma Assembleia Constituinte que dotasse o país de uma nova Constituição. Isso seria o primeiro passo para uma abertura democrática, para a concretização futura da democracia, para a fraternidade que se impõe na minha pátria. A Carta Constitucional, como nós lá dizemos, é que poderá levar notícias a todos os brasileiros. E também ao Mundo... Como se sabe, a bandeira da Constituinte é também solução proposta ao país pelo MDB. Todos os democratas ondulam a bandeira da liberdade e aspiram pela chegada dessa maravilhosa Carta...»

E com os olhos húmidos: «Esta é a única saída pacífica para a situação de excepção que o Brasil vive desde 1964...»

E depois, quando aos pontos essenciais do programa do Movimento Feminino:

«Duas são as nossas finalidades: defender todo o homem atingido no direito de cidadania, e promover a mulher cultural, social e civicamente, para que ela não mais se divorcie da comunidade...»

Depois de mencionar os Comités de Apoio ao Movimento Feminino Pró-Amnistia no Brasil (Portugal, França, Suécia, Suíça, Bélgica, Holanda e Itália), a dra. Theresinha Godoy Zerbine, que lamentou ainda a situação de 200 presos políticos e de 10 mil exilados brasileiros, disse-nos como quem afinal se não despede, uma vez que a solidariedade é internacional:

«Oxalá vocês, portugueses, recebam um dia notícia da nossa Carta Constitucional. Não virá fechada: virá aberta como a amizade que vai ganhando todos os povos...»

post-scriptum

Continuação da pág. 2

estou reprovado e «teria de ter paciência e esperar pela segunda época».

Profundamente chocado e desmoralizado, resolvi sacrificar, todavia, as minhas férias grandes, deixando assim de ir ver os meus entes queridos, os meus filhos, para me submeter a um exame novamente em Outubro.

Feito o exame escrito, aguardo os resultados, que entretanto nunca saíram.

Marcadas as orais, já na sala, a sr.ª dr.ª Clara Rocha, mostra-me o resultado da prova com a classificação de 4 valores, classificação insultante a todos os títulos.

Em termos correctos, patentei-lhe o meu desagrado por esse resultado inferior ainda ao resultado da prova escrita atribuído em Julho passado.

De frisar ainda, por ser paradoxal, constatei que afirmações que fiz na escrita, a partir do que diz o livro do dr. Carlos Reis, Técnicas de Análise Textual e da Obra «O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga», livros de consulta obrigatória, essencialmente indispensáveis, por as lições em 80% se basearem neles, também foram cortadas!...

Não pretendo com isto pôr em causa a veleidade, as vantagens da consulta dessas obras, o que aliás seria ilógico para os leitores ideais, isto é, para centenas de alunos que frequentam a Filologia Românica nesta Faculdade; nem tão pouco prejudicar o negócio, até porque sem eles ninguém faria o Curso de Românica nesta Faculdade. Só que isso aconteceu única e exclusivamente para reduzir as qualidades da minha prova.

Perante a admiração de todos os colegas presentes, e espanto total da minha parte, a sr.ª dr.ª Clara Rocha diz:

«Bem, o seu exame oral foi muito bom, mas eu não lhe dou mais de 14 valores; 4 da escrita com 14 valores da oral fazem 18, que dividido por 2 dá 9. Fica portanto reprovado. Para passar precisaria de ter 15, que não lhe dou».

Nota: A senhora dr.ª Clara Rocha examinou-me sem a presença de nenhum professor, como por lei e em exames sérios é habitual fazer-se.

Não poderei deixar de dizer que tanto o senhor dr. Carlos Reis, como a Senhora dr.ª Clara Rocha, sabem que sou bolseiro de um país com expressa falta de quadros, e que a Guiné-Bissau não tem ainda ninguém formado em Românicas; sabem que a Guiné-Bissau sacrifica o seu ensino primário e preparatório. (É de frisar no entanto, que sou professor do ensino primário, diplomado, e desempenhava com proficiência, na Guiné-Bissau, as funções daqueles dois ramos de ensino); Sabem que a perda desta cadeira poderá determinar consequente e decisivamente a perda da Bolsa, de confiança, de reputação junto do Governo da Guiné-Bissau, que me mandou estudar.

Quem é responsável por tudo isto? Quem lhe vai sofrer as consequências?

Em conclusão:

Que pretenderão os senhores doutores Carlos Reis e sua assistente Clara Rocha com este cortejo de injustiças e de perseguição desenfreadas?

Eu, da minha parte, como vítima da arbitrariedade desses senhores doutores, penso que pretendem levar-me à dissuasão, à prescrição da respectiva cadeira, o que me levaria a deixar de frequentar qualquer faculdade durante 3 anos consecutivos, com base na inveja, no ódio e na vingança.

E também no racismo? Talvez não.

Tanto mais que o senhor doutor Carlos Reis, que é «progressista», substitui o senhor doutor Victor Manuel de Aguiar e Silva, que foi saneado sob pretexto de que era «fascista».

Se o era ou não, não está em causa, nem me compete a mim indagar.

Apenas pretendo salientar a chamar a atenção de V.ªs Ex.ªs para a flagrante injustiça de que fui e continuo a ser vítima, com elevado prejuízo para o meu país.

Coimbra, 30 de Outubro de 1978
Angelo Gomes Furtado

António Sérgio

Continuação da pág. 3

Ribeiro Sanches. Por isso Sérgio, tendo sido por dois meses ministro da Instrução Pública (1923-24) logo criou os esquemas legais para se poder mandar os nossos intelectuais estudar ao estrangeiro (Junta Propulsora dos Estudos, génese do que depois foi o Instituto de Alta Cultura e é hoje o de Investigação Científica) para por eles se poder fazer a tal «importação do trabalho científico».

Dez anos antes, em 1913, já ele defendia: «Mandemos para o estrangeiro a nossa melhor mo-

cidade: e não só para as escolas, mas para as granjas, as minas, as oficinas.»

O ideal pedagógico de Sérgio, como para Herculano também foi, era o de ligar a escola à vida, ao trabalho, à sociedade. O combate de Sérgio foi travado, porém, num período intercalar, entre a revolução liberal decorrida há um século, e aquela que é a nossa revolução, mas que Sérgio já não pôde viver. Enquanto Herculano, já vimos, falava sobre a hora, ele próprio fora combatente das lutas liberais.

CONCURSO

Departamento estatal angolano abre concurso para fornecimento de:

Ferro de engomar (carvão)

Frigoríficos a petróleo médios

Candeeiros a petróleo e petromax

100.000 unidades de cada

As propostas devem ser enviadas até ao dia 30 de Novembro para a Embaixada da República Popular de Angola, Av. das Descobertas, n.º 13 em LISBOA.

MAIORIA ABSOLUTA DA APU NAS ELEIÇÕES DE ÉVORA

"Bloco" PS-PSD-CDS perde votos em relação a 76

ÉVORA, 20 — (Pelo enviado especial do «Diário de Lisboa», Augusto Vilela). «O Povo Unido jamais será vencido», gritaram ontem à noite pelas ruas de Évora milhares de alentejanos festejando a expressiva vitória da APU nas eleições para a Câmara Municipal daquela cidade, em que a coligação do Partido Comunista Português e do Movimento Democrático, alcançou uma maioria absoluta, ultrapassou a votação de 1976 (apesar das abstenções), e obteve quatro dos sete lugares, ficando apenas a 28 votos de conseguir um quinto vereador, o que aliás poderá eventualmente acontecer, embora não seja provável, após a verificação final dos resultados.

O facto mais significativo destas eleições, em que a vitória da APU era de resto esperada, foi a queda vertical do Partido Socialista, que perderia cerca de 50 por cento do seu eleitorado, uma parte a favor do PSD, outra da APU e outra possivelmente para o grupo abstencionista.

Os resultados (ainda não oficiais) registaram 12645 votos para a APU (mais 1387 que em 1976), o que equivale a 53 por cento; 4131 para o PS (menos 4860) resultado que se traduz em 17,3 por cento; 5115 para o PED (mais 2139) que equivalem a 21,4 por cento; 1280 para o CDS (menos 487) que representam 5,4 por cento; 534 para a UDP (menos 450) equivalentes a 2,2 por cento; e 202 para o MRPP que significam 0,8 por cento. Estas votações

dos do passado que a representação não compensa.

ANÁLISE DE UM CONCELHO

Perdendo mais de metade dos seus votos, o Partido Socialista teve a demonstração de que uma campanha fundamentalmente anticomunista como a que conduziu juntando-se inexplicavelmente aos partidos da direita, num discurso político que apenas apontava para um objectivo — expulsar «os comunistas» da Câmara não resulta. Se os comunistas ficaram indiferentes às acusações e ataques que lhes eram feitos, a população em geral sentiu-se «agredida» e sentiu que, ao ser alvo de uma tão maciça e tão dispendiosa

Na Graça Divor a APU perdeu 7 votos, o que é inexpressivo, enquanto o PS perdeu 82. Aqui se encontra a Cooperativa «Liberdade», duramente atingida pela política de Barreto e Portas, o que deve ter tido os seus reflexos.

N.ª S.ª de Machede caracteriza-se pela existência de duas UCP's e uma cooperativa de pequenos agricultores. A APU subiu 59 votos enquanto o PS perdeu 110.

As votações do PSD foram aqui inexpressivas.

Tourega é uma freguesia rural composta por duas aldeias onde a APU subiu ligeiramente (12 votos) e o PS perdeu 114. As votações do PSD são também inexpressivas.

Santo Antão é uma freguesia urbana, zona habitacional de classes médias. O PS teve aqui uma descida na vertical. Baixou de 692 votos em 1976 para 336 agora. A APU subiu 77.

A grande deslocação de eleitores deve ter ido para o PSD, que passou de 248 para 425 votos. A APU registou uma ligeira subida de 77 votos.

Azaruja é outra freguesia rural, esta caracterizada pela existência de muita gente que vive do pequeno artesanato — fabrica de facas, mantas, objectos em madeira e cortiça, etc.

É outro indicador importante. A APU passou de 227 para 336 votos e o PS baixou de 422 para 161.

S. Mamede é uma freguesia urbana, onde residem essencialmente trabalhadores de serviços. Aqui verificou-se uma significativa subida da APU, de 803 para 950 e uma descida do PS de 407 para 305. O PSD teve também uma importante subida.

S. Manços é uma freguesia rural com duas cooperativas, uma afecta ao PCP e outra ao PS. Era considerado um bastião do PS, que vencera nas eleições anteriores. A APU triunfou agora com uma vantagem de 20 votos. Aqui, o deputado Florêncio Matias, teve que transportar eleitores do PS na carrinha, «senão ainda seria pior», como teria sabafado na presença de algumas pessoas. O deputado socialista era de facto uma imagem de desânimo e perplexidade.

S. Miguel de Machede é também uma freguesia rural. Ali se situa a UCP «Flor do Alentejo». Subida da APU e do PSD e descida grande do PS.

S. Pedro é uma freguesia urbana com uma população diversificada, onde se localizam as unidades militares. Houve uma grande baixa do PS, subida da APU e do PSD que foi aqui o mais votado.

Vendinha é outra freguesia rural com duas UCP's. A APU baixou embora sendo a mais votada.

Torre de Coelheira é outra freguesia rural com duas UCP's. A APU perdeu 16 votos mas venceu folgadoamente. Todos os partidos de resto baixaram. Isso deve-se a um significativo número de abstenções. O fenómeno abstencionismo prende-se já com problemas de desemprego e emigração causados pela política do Governo. Muitos trabalhadores rurais emigram

para campanhas sazonais, no estrangeiro. Outros, procuram trabalho em diversas zonas, vítimas de novo desemprego crónico dos anos do fascismo.

Na Giesteira, freguesia rural com duas UCP's, terra de um dos candidatos do PS, a APU subiu e venceu. O PS baixou muito.

Finalmente a Sé, uma freguesia urbana com mais eleitores que todas as outras; mais de 20 mil. Abrange principalmente bairros periféricos da cidade. A APU passou de 6146 para 7071. O PS caiu na vertical passando de 4860 votos em 1976 para 2203. Aqui é significativo que o eleitorado se deslocou para o PSD, o qual passou de 1943 para 3053 votos.

«REPÚDIO PELA DIREITA» — DIZ ABÍLIO FERNANDES

«Os resultados foram superiores ao que prevíamos. Houve deslocações bastante grandes no eleitorado, o que numa zona alentejana não seria de prever» — declarou-nos Abílio Fernandes, o candidato da APU eleito para a presidência pela segunda vez.

«Essas deslocações» — seguiu — «deram uma afirmação muito clara de esquerda, que se traduziu nos números totais da APU, que aumentaram em relação às anteriores eleições e correspondem a tudo quanto se encontrou ao longo da campanha, de manifestações claras, vivas, de adesão, em movimentação concreta ao lado dos principais militantes da APU, revelando aqui uma certeza de que se vai continuar a lutar energeticamente».

Sobre o significado destas eleições e seus reflexos políticos, Abílio Fernandes disse que, a nível local, «a população mostrou o seu repúdio pelos partidos de direita, reacção, ligados aos latifundiários e grandes capitalistas; mostrou o seu repúdio por campanhas eleitorais assentes em calúnias, mentiras e ofensas pessoais; mostrou o seu repúdio pelos divisionistas; mostrou que o povo do concelho de Évora, que se manteve em grande serenidade durante toda

Resultados por freguesias (provisórios)						
	APU	PS	PPD	CDS	UDP	MRPP
N. S.ª Boa Fé	193	38	61	10	4	3
N. S.ª Graça Divor	488	26	21	12	7	5
N. S.ª Machede	673	72	31	31	13	4
N. S.ª Tourega	416	54	54	22	21	10
Santo Antão	676	336	425	101	41	13
S. Bento do Mato	326	161	209	38	30	27
S. Mamede	950	347	574	161	67	16
S. Manços	295	274	89	14	3	10
S. Miguel Machede	373	117	150	29	8	9
São Pedro	367	196	377	110	29	6
S. Vicente Pigeiro	184	46	13	13	8	1
Sé	7071	2173	3053	714	301	93
Torre Coelheiros	283	94	42	18	1	3
S. Sebast. Giesteira	340	107	16	7	1	2
TOTAIS:	12635	4041	5115	1280	534	202

a campanha, tem uma grande confiança na democracia, revela maturidade política e não se deixa enredar pelo aparecimento súbito de partidos que só surgem nas campanhas eleitorais agressivos e provocadores».

Afinal «não tem medo dos latifundiários nem dos reacçãoários, mas é consciente e está disposto a lutar democraticamente».

«Finalmente estes resultados eleitorais mostram a todos os portugueses, de Norte a Sul do País, que a unidade entre todas as forças antifascistas progressistas, entre os trabalhadores e os pequenos e médios agricultores, comerciantes e industriais, intelectuais, mulheres e jovens, é possível, como é possível, acreditar nas conquistas do 25 de Abril, consolidá-las e muito especialmente nesta zona, lutar pela Reforma Agrária, mostrar que inequivocamente tem havido liberdade e democracia e o

povo está com esta grande conquista da revolução».

Abílio Fernandes disse ainda que apesar da campanha eleitoral «agressiva, mentirosa e provocatória», a APU não respondeu a essas provocações, respondeu no entanto ao que era merecedor de consideração, e ganhou assim sectores da população que até à data tinham andado afastados da participação colectiva.

Como projectos imediatos Abílio Fernandes, depois de salientar que ficou assegurado para a APU o «crédito das populações», disse que procurará que os outros vereadores do PS e do PSD venham a acompanhar os projectos de uma reestruturação da Câmara de modo a que esta se adapte à nova Lei das Finanças Locais. Além disso procurará também «chamar para o nosso lado camaradas que ainda não vieram e que não têm razões nenhuma para estarem com a reacção e os latifundiários».

Resultados Gerais (provisórios)				
	1976	1978	DIFERENÇA 78-76	
			Número	%
Inscritos	36 985	36 985		
Votantes	27 139 73,3 %	23 907 64,0 %	+ 3 232	
Abstenções	9 846 26,6 %	13 078 36,0 %	+ 3 332	
APU	11 258 41,5 %	12 645 53,0 %	+ 1 387	+ 12,2 %
PS	8 991 33,1 %	4 131 17,3 %	- 4 860	- 55,0 %
PPD	2 976 11,0 %	5 115 21,4 %	+ 2 139	+ 71,8 %
CDS	1 767 6,5 %	1 280 5,3 %	- 487	- 27,5 %
UDP/GDUP	984 3,6 %	534 2,2 %	- 450	- 45,0 %
MRPP	—	202 0,8 %	—	—

traduzem-se em quatro mandatos para a APU (mais 1 que em 1976), 2 para o PSD/PPD (mais 1) e 1 para o PS (menos 2).

A presidência da Câmara fica portanto entregue a Abílio Rodrigues, e aos mesmos vereadores da APU que lá se encontravam, o que demonstra que o povo de Évora ratificou sem reservas o seu trabalho.

Mas os resultados têm que ser encarados também numa outra perspectiva, que é a de uma resposta ao III Governo Constitucional, e uma mensagem ao IV, pela sua ofensiva contra a Reforma Agrária, ofensiva cujo repúdio não tem limites nas populações alentejanas, e ultrapassa mesmo os contornos partidários das forças que a incitam.

A presença de grandes efectivos da GNR em Évora, em efectivos tais que ocupou as instalações da Junta dos Produtos Pecuarios para lá guardar cães, cavalos, «jeeps», blindados e outro material utilizado na repressão, não assustam, antes indignam as populações, mesmo aquelas a quem a Reforma Agrária não dizia respeito directamente. E a indignação cresce, como se viu bem expresso nos resultados de ontem, demonstrando aos sau-

campanha de propaganda, não eram os seus interesses que esse partido pretendia defender. Évora era um laboratório político. Os seus eleitores não quiseram ser cobaias e sabotaram a experiência aos novos alquimistas da política.

O PSD teve de facto uma grande subida, mas, se considerarmos como atrás foi dito as propostas apresentadas ao eleitorado, por todas as forças políticas presentes (excepção da UDP), visavam «correr os comunistas da Câmara» — mais palavra, menos palavra — verificamos que esse bloco (o bloco que aliás ao abandonar a Câmara, há cerca de quatro meses, pretendia coligar-se contra a APU) teve no total menos 3208 votos. Continuará o PS a pensar que o seu lugar é à direita?

Vejamos no entanto como votaram as diversas freguesias e as características de cada uma delas.

Começando pela Boa Fé, uma freguesia rural que era a mais pequena de todas em número de eleitores encontramos uma grande subida da APU e do PSD e perda importante do PS. Esta freguesia é sede da Cooperativa «Boa Fé».

TEMPOS NOVOS
agora em Português
uma revista nova sobre o homem novo

Depois de "Temps Nouveaux" e "Tiempos Nuevos" a edição portuguesa do Panorama Político Mundial, na perspectiva esclarecida e competente duma grande equipa jornalística soviética.

Venda e assinaturas:
Livraria Bertrand, S.A.R.L.
Livrarias C.D.L.

TEMPOS NOVOS
TOMANDO O PULSO AOS POVOS

Assinatura anual — 400\$00
Número avulso — 12\$50



**Sindicato dos Trabalhadores
da Função Pública da Zona Sul**

Proposta reivindicativa dos Sindicatos representativos dos Trabalhadores da Função Pública da Administração Central, Regional e Local

CONSIDERANDO:

- Que, apesar das intenções expressas nos respectivos Programas, os sucessivos Governos Constitucionais não têm dado cumprimento à Lei 47/77 aprovada pela A.R. quer no que toca à legislação base sobre a Função Pública (regime e âmbito, direitos individuais e colectivos, responsabilidades e garantias, etc) quer no que se refere à reestruturação de carreiras e consequente correcção das condições salariais do sector;
- Que a 6.ª Conferência Internacional do Trabalho, realizada este ano em Genebra no âmbito da OIT, aprovou uma Convenção e uma Recomendação sobre «Liberdade Sindical e processos de determinação das condições de emprego na Função Pública» que consagram direitos fundamentais dos TFP;
- Que algumas reivindicações da anterior PRC, no que toca nomeadamente a regalias sociais e à revogação e alteração da legislação fascista em vigor, não foram concretizadas por não estarem concluídos os estudos, oficiais necessários e a sua discussão com os Sindicatos ter sido interrompida com a crise aberta pela queda do II Governo;
- Que, aquando da negociação da actual tabela salarial, ficou assente com o II Governo Constitucional que a mesma teria uma vigência máxima de 12 meses, prazo actualmente em vigor para a revisão dos Contratos Colectivos;
- Que os últimos aumentos salariais ficaram aquém das propostas apresentadas pelos trabalhadores, não cobrindo o aumento do custo de vida entretanto verificado;
- Que a diminuição do poder de compra nos primeiros 8 meses de 1978 atingiu mais de 16% e os valores previstos até final do ano, segundo dados oficiais do INE, rondam os 22%, índice este que certamente assumirá valores ainda mais elevados devido ao recente aumento de combustíveis decretado pelo Governo demérito;
- Que na ausência de uma reestruturação global de carreiras, condição indispensável para um tratamento correcto da questão salarial, impõe-se que a presente tabela seja complementada com a aplicação das medidas de correcção de anomalias já conhecidas e a sua extensão a outras carreiras, grupos profissionais e categorias da Função Pública;
- Que no âmbito da acção social complementar se torna necessário corrigir e melhorar alguns benefícios já existentes com vista à sua uniformização e aproximação dos valores já praticados noutros sectores de actividade.

EXIGIMOS

- 1 — Abertura de negociações com o Governo, sobre proposta sindical previamente discutida com os trabalhadores, relativas às seguintes matérias:
 - Vínculo
 - Carreiras e Quadros
 - Direitos e Deveres
 - Direitos de Exercício Colectivo
 - Responsabilidade e Garantias

de forma a que a legislação respectiva seja presente à Assembleia da República no decurso da actual Sessão Legislativa, e que:

- Consagre definitivamente a denominação genérica «Trabalhadores da Função Pública», conquistada pela classe após o 25 de Abril;
- Consagre plenamente o exercício dos direitos constitucionalmente reconhecidos a todos os trabalhadores portugueses, nomeadamente o direito à Negociação Colectiva, plena e livre sem arbitragem obrigatória;
- Se aplique a todos os sectores de trabalhadores da Função Pública sem discriminação;
- 2 — Negociação dos termos de transição da actual situação dos TFP para a decorrente da aplicação da legislação que vier a ser aprovada, com prévia garantia de emprego para todos os trabalhadores actualmente ao serviço, independentemente do vínculo, bem como a garantia expressa da participação na elaboração de todos os diplomas regulamentares;
- 3 — Que o Governo submeta à AR a fim de serem aprovados para ratificação e transformação em lei nacional a Convenção e a Recomendação sobre «Liberdade Sindical e processos de determinação das condições de emprego na Função Pública» aprovadas na 6.ª Conferência Internacional do Trabalho;
- 4 — Saída imediata de legislação previamente negociada com os Sindicatos que respeitante a prática e garantias e direitos já contemplados em textos oficiais de eficácia precária, assegure inequivocamente:
 - O direito de associação sindical e o exercício pleno da actividade sindical na Função Pública;
 - Os direitos e garantias dos Dirigentes e Delegados Sindicais;
 - O exercício do direito de negociação colectiva e participação das associações sindicais na elaboração do regime legal das condições de prestação de trabalho;
 - A institucionalização e garantia de representatividade e intervenção dos órgãos dos trabalhadores em todas as questões relativas às condições de trabalho, nomeadamente na gestão de pessoal e aspectos disciplinares;
- 5 — Conclusão imediata das negociações tendentes à revogação dos preceitos inconstitucionais dos Estatutos Disciplinares Fascistas ainda em vigor e promulgação do respectivo diploma revogado;
- 6 — Alteração do Estatuto de Aposentação, tendo em conta as posições anteriormente assumidas pelos Sindicatos, nomeadamente quanto ao abrandamento da idade de reforma e tempo de serviço e à eliminação das restrições ainda existentes para inscrição na Caixa Geral de Aposentações;
- 7 — Substituição da resolução n.º 72/78 do Conselho de Ministros de 5/4/78, por diploma legal que estabeleça um esquema uniforme de facilidades para todos os trabalhadores-estudantes, de acordo com as reivindicações já formuladas pelos Sindicatos;
- 8 — Institucionalização imediata da Semana de Trabalho de 5 dias e início do estudo das situações de horário superiores e 40 horas com vista ao seu abrandamento;
- 9 — Revogação imediata do Decreto-Lei 100/78, de 20 de Maio (ajudas de custo), unanimemente repudiado pelos Trabalhadores da Função Pública, e sua substituição por um novo diploma legal a discutir com os Sindicatos tendo em conta as críticas e objecções já formuladas;
- 10 — Institucionalização de um esquema de segurança no trabalho;
- 11 — Revisão do regime de faltas e licenças de acordo com as reivindicações já antigas dos Sindicatos, nomeadamente quanto à concepção inequívoca da licença como um direito do trabalhador, à definição objectiva do conceito de «falta justificada» e à consideração de situações especiais de ausência ao serviço (períodos de amamentação, doenças prolongadas, faltas dadas por doença de familiares a cargo, etc);
- 12 — Saída de legislação que consagre inequivocamente a segurança e estabilidade de emprego para todos os trabalhadores que actualmente não pertencem aos quadros, não admitindo formas de contratação que ponham em causa aqueles princípios;
- 13 — Discussão com os Sindicatos da continuação das medidas de correcção de anomalias já aprovadas para algumas carreiras e a extensão das medidas de correcção das carreiras, grupos profissionais e categorias ainda não abrangidas;

- 14 — Negociação antes da aprovação do OGE da seguinte tabela salarial a vigorar a partir de 1/1/79, por um período não superior a 12 meses:

LETRAS	TABELA ACTUAL (escudos)	AUMENTOS		TABELA PROPOSTA (escudos)
		ESCUDOS	PERCENTAGENS	
A	24 000	2400	10	26 400
B	22 500	2400	11	24 900
C	20 500	2400	12	22 900
D	18 500	2400	13	20 900
E	17 500	2400	14	19 900
F	16 000	2400	15	18 400
G	14 700	2300	16	17 000
H	13 700	2300	17	16 000
I	12 600	2100	17	14 700
J	11 700	2100	18	13 800
K	10 700	2000	18	12 700
L	10 400	1900	18	12 300
M	9 600	1900	20	11 500
N	9 400	1900	20	11 300
O	9 100	1800	20	10 900
P	8 700	1800	21	10 500
Q	8 300	1700	21	10 000
R	7 900	1700	21	9 600
S	7 600	1600	21	9 200
T	7 200	1500	21	8 700
U	6 800	1500	22	8 300

Paquetes, aprendizes e praticantes - 22% sobre os salários actualmente praticados = pacotes - 5500\$00; aprendizes 1.º ano - 5800\$00, ap. 2.º ano - 6700\$00; ap. 3.º ano - 7500\$00; ap. 4.º ano - 8300\$00.

Trabalhadores Rurais:

- a) Trabalhadores que, há mais de 1 ano e a tempo completo, desempenhem funções que correspondam a necessidades permanentes dos respectivos serviços - venham correspondendo à letra U;
- b) Trabalhadores admitidos para acorrer a necessidades puramente ocasionais - salário corrente na região, sem prejuízo das remunerações superiores já praticadas, não podendo em caso algum ser inferior ao salário mínimo nacional garantido aos trabalhadores rurais;
- 15 — Actualização do subsídio de almoço para 60\$00, e garantia de que os preços a praticar nos refeitórios não podem nunca ser superiores ao montante do subsídio atribuído;
- 16 — Aumento das diuturnidades para 1000\$00, igualando-as aos valores praticados em outros Sectores da Função Pública;
- 17 — Atribuição de um subsídio de creche no valor de 1000\$00, estendendo assim a todos os trabalhadores um benefício já atribuído aos de alguns serviços, até à implantação de estruturas próprias;
- 18 — Extensão aos ascendentes dos benefícios da ADSE;
- 19 — Comparticipação do Estado na utilização de todos os meios de pré-diagnóstico e terapêutica, próteses, tratamentos termiais e outros, em montantes iguais aos da Previdência;
- 20 — Revisão das atribuições de subsídio de morte e da pensão de sobrevivência de acordo com os princípios constitucionais;
- 21 — Actualização dos quantitativos das pensões de reforma, aposentação e invalidez com especial incidência nas pensões mais baixas e degradadas.

AS DIRECÇÕES DOS:

Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Norte • Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Centro • Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul • Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) • Sindicato dos Professores da Grande Lisboa • Sindicato dos Enfermeiros da Zona Norte • Sindicato dos Enfermeiros da Zona Centro • Sindicato dos Enfermeiros da Zona Sul • Sindicato dos Profissionais de Enfermagem do Funchal • Sindicato dos Trabalhadores Paramédicos da Zona Norte e Centro • Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Adm. e Juntas Paroquiais • Sindicato dos Trabalhadores da CML • Sindicato dos Engenheiros Técnicos da Zona Norte • Sindicato dos Engenheiros Técnicos da Zona Sul • Sindicato dos Engenheiros Técnicos Agrários • Sindicato Nacional dos Construtores Cíveis • Sindicato Nacional dos Agentes Técnicos Agrícolas • Sindicato dos Trabalhadores das Federações dos Municípios • Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito de Lisboa • Sindicato dos Trabalhadores Judiciais do Distrito de Coimbra

Nota: Esta proposta está em discussão em todos os locais de trabalho.

Vai ser discutida e votada na Assembleia Geral do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul no dia 22 de Novembro corrente, às 20 e 30, na «Voz do Operário».

A DIRECÇÃO

GOVERNO MOTA PINTO TOMA POSSE NA QUARTA-FEIRA

Um Executivo de direita conotado com Belém

Toda a esquerda parlamentar se apresenta unânime na afirmação de que será um Governo de direita (fortemente conotado com o Presidente da República) o que tomará posse na próxima quarta-feira. A partida, Mota Pinto apenas conta com o apoio do PSD e do CDS, embora a posição final dos três partidos de esquerda ainda não esteja definida. O PS, que este fim-de-semana se apresentou bastante crítica quanto ao próximo Executivo, não foi no entanto além de manter a já conhecida posição de não obstaculizar o novo gabinete. Quanto ao PCP, que desferiu violentas acusações contra o novo Governo, irá reunir hoje o seu Comité Central mas parece poder afirmar--se desde já que avançará com uma moção de rejeição. Finalmente a UDP disse publicamente da sua oposição e da decisão de «fazer tudo para que não passe na Assembleia da República».

A composição do gabinete de Mota Pinto foi anunciada no sábado, após uma audiência com o Presidente da República, regressado na véspera de Londres. Para o novo Primeiro-Ministro, segundo palavras proferidas na altura, trata-se de «cidadãos (ministros) não vinculados aos partidos políticos», o que na sua opinião será vantajoso para quem quer «percorrer o caminho do realismo». Mota Pinto, com mais este gabinete constituído à margem do Parlamento e por empenhamento presidencial directo, pretende «dotar o País de um Governo que, pela sua eficácia e homogeneidade, seja capaz de evitar a erosão a que o regime democrático vem sendo submetido».

O novo Primeiro-Ministro tem agora um prazo que decorre até ao dia 4 de Dezembro para levar o programa do seu Governo à apreciação da Assembleia da República onde serão tomadas as posições finais dos partidos. Mota Pinto, contudo, poderá antecipar-se à expiração do prazo constitucional, tendo já admitido que poderá fazer subir o seu programa ainda este mês. Depois disso os partidos parlamentares disporão de 5 dias para o debater e eventualmente votar.

15 MINISTROS DO 24 DE ABRIL?

«Quase todos os ministros de quem se fala para o próximo Governo poderiam perfeitamente ter integrado um Governo de Marcelo Caetano» — acusou Carlos Brito, membro do CC do PCP e presidente do seu Grupo Parlamentar. Carlos Brito, que falava em Lisboa no encerramento da II Assembleia de Organização da Célula dos Ferroviários da zona da capital sublinhou tratar-se de «um Governo que não tem nada a ver com a composição política da Assembleia da República, que é maioritariamente democrática e maioritariamente de esquerda; um Governo que não tem nada a ver com o quadro político do País, que é maioritariamente democrático, de esquerda, como se tem visto em todas as eleições».

Na realidade, a fisionomia do IV Governo apenas se distingue da de o III, primeiro, por uma maior inflexão à direita do seu conjunto; por um ainda maior envolvimento presidencial na sua formação. E estes dois aspectos, por sua vez, traduzem-se em algumas alterações sectoriais, «novidades» menores face ao que deverá ser uma política assente na continuidade (isto em relação ao Executivo cessante).

Entre estas alterações conta-se o aparecimento pela primeira vez, desde a entrada em vigor da Constituição, do cargo de vice-Primeiro-Ministro para os Assuntos Económicos e a Integração Europeia, criando-se assim um «super»-Ministério da Economia entregue a um «homem do presidente», o prof. Jacinto Nunes. Pela primeira vez também (agora desde o 25 de Abril) surge ainda um diplomata de carreira à frente dos Negócios

menos tecnocrata e mais político que o Gabinete de Nobre da Costa.

PSD: «O QUE SEMPRE PRECONIZOU»

Meneres Pimentel, presidente da Comissão Política do PSD, foi o primeiro dirigente partidário a pronunciar-se abertamente pelo novo Executivo. «O PSD votará contra qualquer moção de rejeição apresentada» — revelou, adiantando que o novo gabinete corresponde àquilo que o seu partido «sempre preconizou para o momento excepcional que a democracia atravessa em Portugal».

Nuno Abecassis, da Comissão Política do CDS, adiantou ontem, por seu turno, que «valeu a pena a oposição do CDS ao II Governo», mas reservou uma posição final para resolução a tomar pelos órgãos competentes do partido.

Falando entretanto no Porto, Jorge Campinos, do PS, diria que o seu partido «não vai apoiar este Governo» (...) «que é o mais à direita após o 25 de Abril». Campinos, contudo, insistiu na fórmula «não obstaculizar o Governo», o que deixa dúvidas quanto à posição que os socialistas assumirão face a uma moção de rejeição na Assembleia da República, embora se saiba que a rejeição do Governo é defendida por um importante sector da direcção socialista.

Finalmente o PCP, para além do já adiantado nas citadas de-

Composição do IV Governo

Primeiro-Ministro — Carlos Mota Pinto
Vice-primeiro-ministro para os assuntos económicos e cumulativamente como ministro das Finanças e do Plano — Jacinto Nunes
Ministro da Defesa — tenente-coronel Loureiro dos Santos
Ministro adjunto do Primeiro-Ministro — Álvaro Monjardino
Ministro da Administração Interna — coronel Gonçalves Pereira
Ministro das Justiça — Eduardo Correia
Ministro dos Negócios Estrangeiros — Freitas Cruz
Ministro da Agricultura e Pescas — Vaz Portugal
Ministro da Indústria e Tecnologia — Álvaro Barreto
Ministro do Comércio e Turismo — Raulo Correia
Ministro do Trabalho — Eusébio Marques de Carvalho
Ministro da Educação e Investigação Científica — Valente de Oliveira
Ministro dos Assuntos Sociais — Pereira Magro
Ministro dos Transportes e Comunicações — Marques da Costa
Ministro da Habitação e Obras Públicas — Almeida Pina
Ministro da Comunicação Social — Preença de Carvalho
Secretário de Estado da Presidência do Conselho — Xavier de Basto
Secretário de Estado da Administração Pública — Figueiredo Lopes

de Oliveira (MEIC), Marques da Costa (Transportes e Comunicações), Eduardo Correia (Justiça) e Raulo Correia (Comércio e Turismo).

No conjunto: sete licenciados em direito, quatro engenheiros, dois militares, um agrónomo e um economista — um Governo

clarações de Carlos Brito, reuniu esta manhã o seu Comité Central, que deverá tomar posição oficial, não restando dúvidas que será a de anunciar a sua intenção de apresentar uma moção de rejeição. Os resultados desta reunião serão tornados públicos ao fim da tarde.

O "CASO" DO PALÁCIO VALE-FLOR

O Governo Nobre da Costa revogou o decreto-lei que autorizava a compra do Palácio Vale-Flor, onde deveriam ficar instalados os serviços da Presidência do Conselho de Ministros e a residência oficial do primeiro-ministro.

A Sociedade Agrícola Vale-Flor, proprietária do imóvel e dos terrenos anexos prepara-se perante a medida para salvaguardar os seus interesses e direitos pois, segundo afirmaram alguns dos seus membros, considera-

se seriamente prejudicada.

Entretanto, tudo indica não recuar somente sobre a Sociedade proprietária do Palácio Vale-Flor os prejuízos derivados da revogação do decreto-lei. Com efeito, alguns empreiteiros, a quem já tinham sido adjudicadas obras de transformação e de beneficiação, sentem-se também lesados e estão dispostos, conjuntamente com os proprietários do Palácio Vale-Flor, a pedir indemnização pela denúncia da compra.

Quem são os novos ministros?

Há consenso do PS e do PCP sobre a classificação a atribuir ao Governo de Mota Pinto: «o mais à direita desde o 25 de Abril», dizem os socialistas; integrando ministros que «poderiam ter sido ministros de Caeetano», precisam os comunistas. Para os partidos da direita parlamentar, por seu turno, o IV Governo é «equilibrado».

Com efeito, com o terreno limpo pela equipa demitida de Nobre da Costa, tudo leva a crer que o Governo que vai ser empossado não deixará de acelerar a recuperação capitalista e a destruição das conquistas populares, agravando as tensões sociais e não dando resposta adequada à crise económica, ao ponto de muitos temerem que a composição do novo Gabinete signifique, de facto, o primeiro passo para a criação de uma situação inconstitucional.

E, na verdade, difícil de admitir que a direita minoritária, derrotada sem apelo em sucessivas eleições, dite ao país a sua política.

Eis os perfis dos novos ministros (exclusão para Jacinto Nunes cuja biografia é tratada em outro ponto desta edição):

Loureiro dos Santos (ministro da Defesa) — Professor do Instituto de Altos Estudos Militares, foi, antes do 25 de Abril, nomeado chefe do Estado-Maior do Comando Territorial de Cabo Verde. Promovido a tenente-coronel, passou, em 1975 a desempenhar as funções de secretário permanente do Conselho da Revolução, desempenhando, a partir de Abril de 1977, o cargo de vice-chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, demitindo-se dessas funções em 7 de Novembro do mesmo ano.

Alvaro Monjardino (ministro adjunto do Primeiro-Ministro) — Depu-



tado à Assembleia Nacional antes do 25 de Abril, é actualmente presidente da Assembleia Regional dos Açores. De 1975 a 1976 fez parte, com Mota Pinto, da comissão de análise do estatuto provisório para a autonomia dos Açores.

Gonçalves Ribeiro (conserva a pasta da Administração Interna) — Professor do curso do Estado-Maior, cumpriu duas missões militares em Moçambique e uma em Angola, onde se encontrava em Abril de 1974. Radicado em Lisboa, passou a exercer as funções de alto comissário para os desalojados, vindo a integrar o último Governo provisório no Gabinete da Administração Territorial.

Eduardo Correia (ministro da Justiça) — Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, substituiu, por escolha de Eanes, Mota Pinto na Comissão Constitucional, e foi ministro da Educação no primeiro Governo provisório.

Freitas Cruz (ministro dos Negócios Estrangeiros) — Primeiro diplomata de carreira a chefiar o MNE, depois do 25 de Abril, Embaixador de Portugal na NATO, em Bruxelas, foi cônsul-geral em Nova Iorque, ministro plenipotenciário em Salisbúria, e

embaixador junto da OCDE e do Governo da RFA.

Vaz Portugal (ministro da Agricultura e Pescas) — Grande agrário na região do Ribatejo. Campeão, com Ferreira do Amaral (PPM), da destruição de UCP's e cooperativas, foi, antes de ser ministro, secretário de Estado do Fomento Agrário do II Governo Constitucional.

Alvaro Barreto (ministro da Indústria e Tecnologia) — administrador da Lisnave, é representante de Portugal na «Association of West European Shipbuilders», membro do conselho directivo da «Lloyd's Register of Shipping» e membro efectivo da comissão dos construtores navais europeus. Foi ainda presidente do conselho de administração da Setenave e acompanhou o presidente Eanes na visita ao Brasil e à Venezuela.

Repolho Correia (ministro do Comércio e Turismo) — Transitou também da equipa de Nobre da Costa, onde era secretário de Estado da Energia e Indústrias de Base. Foi administrador do Banco Fonsecas e Burnay e, vice-presidente da Siderurgia Nacional.

Marques de Carvalho (ministro do Trabalho) — Gerente da Sociedade Central de Cervejas, foi director do Banco Borges e frequentou, nos Estados Unidos, cursos de Sociologia e Economia.

Valente de Oliveira (ministro da Educação e Investigação Científica) — Licenciado em Engenharia pela Universidade do Porto, é presidente da comissão de planeamento da Região Norte.

Pereira Magro (ministro dos Assuntos Sociais) — Outro dos que transitam do terceiro Governo. Foi dirigente da Fundação de Oeiras e participou em comissões «ad hoc» formadas no âmbito do Ministério da Indús-

tria e Tecnologia.

Marques da Costa (ministro dos Transportes e Comunicações) — presidente do conselho de gerência da Siderurgia Nacional.

Almeida Pina (ministro da Habitação e Obras Públicas) — Também transita do terceiro Governo. Exerceu os cargos de presidente da Junta Autónoma de Estradas e de ministro das Obras Públicas no primeiro Governo Constitucional.

Proença de Carvalho (ministro da Comunicação Social) Foi inspector da Polícia Judiciária e substituiu Artur Portela na direcção do «Jornal Novo». Como advogado, distinguiu-se na defesa de personalidades e associações como Vera Lagoa, Centeio Maria, PC de P (m-l), etc. Actualmente era defensor de Edmundo Pedro.

Xavier de Basto (secretário de Estado adjunto da Presidência do Conselho de Ministros) — Dissidente do PPD, é tido como um «homem de confiança» de Mota Pinto.

Figueiredo Lopes (secretário de Estado da Administração Pública) — Exerce actualmente funções no Palácio da Ajuda, na dependência directa da Presidência da República.

Cooperativa em Évora para reabilitação de crianças inadaptadas

ÉVORA, 20 — A CERCIDIANA — Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas de Évora — constituída por escritura pública em Agosto do ano passado, abriu, depois de decorridos mais de um ano, o seu primeiro centro de educação e reabilitação.

Apesar de as instalações ficarem situadas distantes da cidade — no Monte das Cortiçadas, a cerca de 17 km desta cidade — o que dificulta, sobretudo, o contacto com os pais das crianças, os membros da CERCIDIANA resolveram escolher provisoriamente esse local, porque consideram que as crianças, e os res-

pectivos pais não podem ficar à espera mais tempo, até que sejam criadas as condições óptimas para a resolução dos seus problemas.

Por outro lado, e segundo disse à ANOP Alice Cabral, assistente social naquela cooperativa a CERCIDIANA pensa resolver definitivamente o problema das instalações ainda este ano, construindo o centro nos terrenos cedidos para o efeito, na herdade dos Pinheiros.

A CERCIDIANA, que, presentemente, tem 368 accionistas e 746 quotizantes, conta com o apoio do MEC e dos Centros de Saúde e de Saúde Mental de Évora. Por outro lado, o Governo Civil, a câmara municipal a escola de Bento de Jesus Caraca, o Instituto Universitário e ainda várias UCP's e a Rodoviária Nacional têm colaborado activamente com esta cooperativa.

Tendo em conta que são grandes as carências e dificuldades com que a cooperativa se debate, a CERCIDIANA vai proceder — segundo disse ainda Alice Cabral — a uma campanha de angariação de simpatizantes, que atinga os 2000 associados.

Medicina Nuclear debatida em Coimbra

COIMBRA, 20 — Está a decorrer até ao fim da tarde de hoje, a terceira Reunião Nacional de Medicina Nuclear, organizada pelo Laboratório de radioisótopos da Faculdade de Medicina de Coimbra, em colaboração com a câmara municipal desta cidade, a comissão municipal de

Turismo e a Fundação Calouste Gulbenkian.

A sessão inaugural foi proferida pelo professor Vaz Serra que fez um breve historial dos radioisótopos. No decorrer dos trabalhos serão realizadas várias comunicações e debates sobre temas da especialidade.

CD

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS E EQUIPAMENTOS AGRO-PECUÁRIOS, S. A. R. L.

Rua Braancamp, 66, 1.º - Dto. - Lisboa - Tel. 574447/574522/44590

Presente com uma variada gama de maquinaria para agricultura e pecuária

FILAGRO / 78

PAVILHÃO-C Exterior



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL

AOS TÉCNICOS PARAMÉDICOS

OS RETROACTIVOS, O VISTO DO T. CONTAS
E OS CRITÉRIOS

R. Rodrigues Sampaio 138-3

Telefs 57 62 22-57 63 47-57 63 72 - LISBOA

Após a realização do plenário de técnicos «Paramédicos», do dia 8 de Novembro, que tinha aprovado mandar a Direcção Sindical para diligenciar junto do Secretário de Estado da Saúde, no sentido de serem resolvidos os problemas pendentes até ao dia 16 deste mês, a

1. SITUAÇÃO ACTUAL É A SEGUINTE:

— O Decreto-Lei que contempla a aprovação do pagamento dos retroactivos e a contagem da antiguidade a partir de 1 de Março, a aplicação a todos os departamentos em regime de administração normal e instalação e a resolução dos problemas com o Tribunal de Contas, foi aprovado em Conselho de Ministros do dia 2 de Novembro.

— Nas últimas diligências efectuadas, fomos informados que o Decreto-Lei ainda não foi enviado para a Presidência da República para promulgação, porque necessitava dos pareceres do Ministro das Finanças e do Plano e Secretária de Estado da Administração Pública, para onde, entretanto, foi remetido.

— Uma vez que os problemas não se encontravam resolvidos, conforme as decisões do passado dia 8 de Novembro, foi convocado novo plenário de Técnicos para ontem, dia 16 de Novembro, a fim de discutir e aprovar eventuais formas de luta.

2. DECISÕES DO PLENÁRIO

Após aprofundada discussão de todas as circunstâncias que rodeiam a resolução destes problemas, foi aprovada a seguinte proposta:

PROPOSTA

Considerando:

- Que não se encontram resolvidos os problemas dos técnicos paramédicos referentes à aplicação do Decreto Regulamentar 87/77 nomeadamente o pagamento dos retroactivos a 1 de Março, a garantia de obtenção do Visto do Tribunal de Contas bem como a correcção dos critérios de integração;
- Que o Conselho de Ministros de 2 de Novembro aprovou o número adicional ao Decreto Regulamentar 87/77, não tendo este sido ainda enviado para a Presidência da República para promulgação;
- Que o êxito das formas de luta a adoptar com vista à resolução definitiva destes problemas passa por uma unidade entre todos os técnicos paramédicos a nível nacional, designadamente com os trabalhadores representados pelo Sindicato dos Técnicos Paramédicos do Norte e Centro;
- Que o Sindicato dos Técnicos Paramédicos só em 25 do corrente efectua a sua Assembleia Geral para discussão e aprovação de formas de luta;
- Que a tomada de posse do novo Governo, prevista para a próxima semana, também condiciona de algum modo a adopção de formas de luta imediatas

OS TÉCNICOS PARAMÉDICOS REUNIDOS EM PLENÁRIO NO DIA 16 DECIDEM:

- Mandar a Direcção para desde já diligenciar junto das entidades competentes (Ministério das Finanças e do Plano, Sec. Estado da Administração Pública e Presidência da República) com vista à rápida promulgação do Decreto-Lei;
- Que a partir desta data se realizem em todos os Hospitais plenários para aprovação de moções exigindo a publicação de legislação que resolva as questões em aberto acima referidas;
- Que estas moções sejam enviadas ao Ministro dos Assuntos Sociais, ao Secretário de Estado da Saúde, à Presidência do Conselho e à Presidência da República;
- Recomendar à Direcção, que a forma de luta a adoptar seja um dia de greve, a efectuar no próximo dia 4 de Dezembro, caso até dia 30 de Novembro os problemas não estejam resolvidos;
- Que sejam estabelecidos desde já contactos com o Sindicato dos Paramédicos do Norte e Centro, de modo a que no próximo dia 25 de Novembro a Assembleia Geral daqueles técnicos apoie a forma de luta adoptada no Sul;
- Que a Direcção do Sindicato contacte os responsáveis do MAS e Presidência do Conselho, após a tomada de posse do novo Governo, no sentido de apressar a promulgação do Decreto-Lei já aprovado.

3. TÉCNICOS PARAMÉDICOS NÃO SÓCIOS DO SINDICATO

No plenário ontem efectuado, mais uma vez compareceram técnicos paramédicos não sindicalizados. Logo no início foi aprovada pela Assembleia uma proposta que determinava o seguinte:

— Os técnicos paramédicos não sócios do Sindicato podem assistir e participar na discussão da ordem de trabalhos, encontrando-SE apenas impedidos de votar, tendo em consideração o preceituado nos Estatutos do Sindicato e na Lei Sindical.

Já no acto da votação das propostas, alguns dos técnicos não sindicalizados, não compreendendo a justeza e correcção desta posição, adoptaram atitudes incorrectas e tendentes ao boicote do plenário

A UNIDADE NECESSÁRIA

Dado que estas atitudes em nada contribuem para a unidade dos técnicos paramédicos, unidade tão necessária para a resolução dos problemas da classe, apelamos aos sócios e delegados sindicais para que nos locais de trabalho esclareçam esses colegas e dinamizem a sua sindicalização.

TÉCNICOS PARAMÉDICOS!
UNIDOS E ORGANIZADOS NO SINDICATO DA FUNÇÃO PÚBLICA RESOLVERÃO OS SEUS PROBLEMAS!

Lisboa, 17 de Novembro de 1978

A DIRECÇÃO

Ensino vem para a rua em Paris



Também em França o universo do ensino conhece profunda agitação: durante a discussão do Orçamento nacional para a Educação, estudantes, universitários, professores e jovens dos liceus manifestaram-se em Paris. O mundo das escolas considera que os dinheiros do Estado para o ensino são insuficientes

Livros de Virgínia Rau vendidos em Leilão

Está a decorrer no n.º 5 da Praça do Príncipe Real um leilão de livros antigos promovido pelo conhecido livreiro Arnaldo Henriques de Oliveira.

Trata-se do 328.º leilão promovido pelo conhecido livreiro e que não sendo dos mais famosos, possui, no entanto, algumas peças raras, nomeadamente os restos da biblioteca que pertenceu à professora Virgínia Rau.

Na primeira sessão, uma edição de «Orlando Furioso», com gravuras de Doré, atingiu os 1200 escudos; A «Arte Portuguesa», sob orientação de Gabriel Pereira, atingiu 1650 escudos e a colecção do «António Maria», de Rafael Bordalo Pinheiro, justificou bem os 2600 escudos por que foi vendida; os «Brasões da Sala de Sintra», de Anselmo Braamcamp Freire,

chegaram aos 1900 escudos. O exemplar dactilografado de uma tese de licenciatura sobre Lisboa seiscentista, da autoria de Fernando Castelo Branco, foi adquirido por 1050 escudos.

Os preços que acabamos de referir estão onerados com o lucro de 10 por cento para o almoedeiro, e uma taxa de 10 por cento de imposto de selo. Tudo indica que este leilão se animará nos próximos dias, nomeadamente quando for a praça uma colecção de manuscritos com grande interesse histórico, alguns dos quais em pergaminho e datados do século XV. Há ainda documentos que interessam à história do comércio português no século XVI e um maço de papéis com as contas e facturas da casa do marquês da Graciosa.

APESAR DA AUSÊNCIA DE OTELO Seminário sobre Portugal em universidade americana

Com um debate sobre as relações entre a história e o cinema, decorreu, no Instituto de Tecnologia do Massachusetts (MIT), em Cambridge, um seminário sobre Portugal, que foi documentado com seis filmes realizados em Portugal, entre 1937 e 1977.

Na sessão inaugural do seminário (organizado conjuntamente pela secção de filmes e vídeo do MIT e pelo Centro de Estudos Europeus, com sede em Harvard) foi lido, por Richard Leacock, director da secção de filmes do MIT, um telegrama de Otelio Saraiva de Carvalho, justificando a sua ausência.

Na sua mensagem, Otelio lamentou «profundamente» não poder estar presente, atribuindo

o facto a uma proibição das deslocações suas ao estrangeiro «até ao fim do ano».

Os filmes exibidos foram «Chaimite», de Jorge Brum do Canto, «A Revolução de Maio», de António Lopes Ribeiro, «Brasões do Costume», de Alberto Seixas Santos, «Deus, Pátria e Autoridade», de Rui Simões, «Torre Bela», de Thomas Harlan, e «Scenes of the Class Struggle in Portugal» (Cenas da Luta de Classes em Portugal), de Robert Kramer e Philip Spinelli.

As sessões de cinema e debate, com acesso livre, contaram com a presença de realizadores, professores, estudantes e membros da comunidade portuguesa residente na área de Boston.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Serviço de Aquisições

Anúncio

Concurso n.º 3 - 2546/78-P

Fornecimento de material para Laboratório destinado ao Serviço de Sangue do Hospital de S. José.

Recebem-se propostas até às 15 horas do dia 18 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 9 de Novembro de 1978.

PEL' O CHEFE DO SERVIÇO
a) Júlio José Mendes

Passos Manuel junta ex-alunos

O prof. José Esteves é um dos ex-alunos do Liceu Passos Manuel que recebe inscrições para o almoço dos 40 anos de conclusão do curso de 1931-1938, a efectuar no próximo dia 25, na cantina.

A refeição-conívio custa 120\$00, podendo os interessados contactar por carta ou telefone, além de José Esteves, na Rua do Alcaide, 2, em Cascais (telefone 280816, depois das 20 horas), também Renato Guerra, Avenida Elias Garcia, 53, 4.º esquerdo, em Queluz (957854).

Seminário estudantil de associativismo

«A Unidade Estudantil», o «repúdio por quaisquer manobras tendentes a dividir os estudantes», o «respeito das opções ideológicas» bem como «o direito de reunião e de agrupamento em torno das bases associativas comuns», foram algumas das conclusões aprovadas no II Seminário de Associativismo Reformista que decorreu durante o fim-de-semana no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

No decorrer do seminário foi

Para breve a Universidade do Algarve?

FARO, 20 — A Universidade do Algarve, velha aspiração das gentes do Sul, poderá ser criada dentro de pouco tempo segundo declarou ontem o deputado social-democrata José Vitorino, membro da Comissão Parlamentar, que estuda o assunto.

Para aquela individualidade «será em breve tomada uma decisão que sirva o Algarve e o País, apesar de algumas dificuldades e diferenças de pontos de vista».

O deputado que, durante o fim-de-semana, participou em algumas actividades do seu partido, designadamente na constituição da Comissão Política Concelhia de Vila do Bispo, acto

em que estiveram igualmente presentes membros da Comissão Política Distrital, do PSD, produziu afirmações contundentes sobre o momento político nacional.

Foram particularmente visado o PCP, e o PS por se «prepararem para lavar as mãos como Pilatos» face a governos como de Nobre da Costa e de Mota Pinto, que no entender de José Vitorino procuram um rumo coerente, democrático e de reconstrução nacional, a partir da desgraça herdada dos seus antecessores.

O secretário Regional do PSD, repudiando as afirmações de socialista e comunistas que «procuram dar a entender que os dias negros que se aproximam resul-

tam da actuação desses governos», afirmou que «é preciso não esquecer que a actual situação se deve quase exclusivamente ao golpismo do PCP e à indefinição, incompetência e falta de realismo político do PS».

Também o actual movimento grevista mereceu a atenção de José Vitorino, para que «o PCP e a Inter aproveitem e explorem de forma inadmissível as dificuldades e necessidades de toda a ordem que se deparam aos portugueses, e de que são afinal, os principais responsáveis, e servem-se de alguns deles como autêntica tropa de choque para a conquista de uma sociedade totalitária» o que «agrava ainda mais a situação e inviabiliza a recuperação nacional».

Governo de direita vai agravar problemas da juventude estudantil — afirma a UEC

A Comissão Central da União dos Estudantes Comunistas (UEC), reunida este fim-de-semana, considerou que o próximo Governo Mota Pinto «sendo um Governo de direita, vai agravar todos os problemas da juventude estudantil».

Reunida para analisar a situação política e os seus reflexos sobre o movimento estudantil, a Comissão Central da UEC fez também o ponto da preparação do «Encontro Nacional sobre a Reestruturação do Ensino Su-

perior», que se realiza nos dias 2 e 3 em Coimbra.

Durante a reunião foram definidas linhas para a luta estudantil que apontam para a «reestruturação democrática da Universidade. A acção contra a política de selecção arbitrária do acesso à Universidade e a denúncia do carácter antipedagógico e degradado do ano propedéutico».

A UEC propõe-se também lutar «pela defesa do ensino uni-

ficado, por uma correcta avaliação de conhecimentos e contra o desemprego».

Relativamente à criação da «União Nacional dos Estudantes Portugueses», a UEC alerta para o perigo da sua tentativa de formação apressada e pronunciou-se pela necessidade de dinamizar a constituição de listas unitárias para os órgãos de gestão das escolas.

LICEU DE BISSAU

As aulas ainda não começaram por falta de professores-cooperantes

BISSAU, 20 — O início das aulas no Liceu de Bissau está atrasado cerca de um mês, devido à chegada tardia de parte dos professores cooperantes, portugueses e brasileiros.

O funcionamento do Liceu de Bissau é essencialmente assegurado por professores cooperantes, mas, neste momento, faltam ainda cerca de 30 portugueses e 20 brasileiros, estes últimos contratados ao abrigo de um programa das Nações Unidas.

Em relação aos professores portugueses, uma fonte oficial

em Bissau admitiu esta manhã que as razões do atraso na sua chegada sejam estranhas ao país, remetendo-as «ou para os próprios professores ou para a cooperação».

O número de professores portugueses que neste ano lectivo serão colocados no Liceu de Bissau eleva-se a cerca de 90. Frequentado por cerca de cinco mil alunos, repartidos pelos cursos diurno e nocturno, o liceu da capital é o maior do país. As aulas deveriam ter-se iniciado no dia 23 de Outubro.

COFRE DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

ASSEMBLEIA GERAL

(SESSÃO EXTRAORDINÁRIA)

2.ª CONVOCATÓRIA

Vai reunir, pelas 21.30 horas do dia 22 de Novembro, no anfiteatro do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, na Avenida do Brasil, Lisboa, a Assembleia Geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Informações.
- 2 - Apreciação das conclusões a que chegou a comissão nomeada pela Assembleia Geral de 14/6/78.
- 3 - Apreciação de sugestões apresentadas pelos associados com vista à alteração de algumas normas estatutárias.
- 4 - Apreciação e votação do orçamento suplementar para o ano de 1978, bem como o parecer do Conselho Fiscal.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Dr. Carlos Alberto Andrade Neves

Pintor de Automóveis
Oficial competente,
precisa-se
Telef. 835791-844725

ORAÇÃO

O minhas treze almas treze almas benditas sabidas e entendidas, a vós peço pelo amor de Deus que atenda ao meu pedido. O minhas treze almas benditas sabidas e entendidas, pelo sangue que Jesus derramou do Vosso sagrado corpo, atendei ao meu pedido. O minhas treze almas benditas sabidas e entendidas, pelas lágrimas que Jesus derramou dos vossos sagrados olhos, atendei ao meu pedido. Meu Senhor Jesus Cristo, deitai-me a vossa bênção e afastai de mim os inimigos e dai-me sorte na vida, que os olhos do mal não me vejam, que os inimigos se afastem, cortai a força aos meus inimigos e atendei ao meu pedido. Se eu alcançar esta graça, nomear a graça que se quer pedir. Ficarei devota de vós e mandarei publicar esta oração.

Pai Nosso - Ave Maria

ÚLTIMOS DIAS

ACADEMIA ALMADENSE

R. CAPITÃO LEITÃO ALMADA, 17-17-17



Aventuras de
Till
EulenSpiegel

JAMES LE COSTER ALBERTO MARTINHO
BENITE

Só até
30 de Novembro

Todos os dias às 21.30
Sab e Dom às 18 e às 21.30
Seg descanso
PREÇOS BOMOS E RÁPIDOS
AUTOCARROS, PRACA DE ESPANHIA
BARCOS, CARREIRA DE CACILHAS
GRUPO DE CAMPOLIDE

EM VÁRIOS PAÍSES DA OCDE

Acentua-se a formação dos professores durante o exercício da profissão

A formação de professores no pleno exercício da profissão tem-se revelado, em numerosos países da OCDE, condição «sine qua non» do sucesso na adaptação das instituições escolares às novas necessidades das sociedades. Isto é verdade tanto para os novos professores como para a adaptação e reciclagem de professores experientes.

Na maior parte destes países, as escolas estão a fazer face ao prolongamento da escolaridade obrigatória, à modificação dos programas (matemática por exemplo) e à introdução de novas cadeiras correspondentes a profundas mutações na tendência geral do ensino (ciências sociais e saberes tecnológicos, por exemplo).

Esta nova face do ensino exige aos novos, como aos velhos professores, uma adaptabilidade muito maior do que lhes era pedido tradicionalmente: é-lhes exigida mais cooperação com os colegas, mais conselhos individuais aos alunos, mais contactos com os pais e com a colectividade, capacidade para testar na prática as inovações e participação na gestão da escola e do sistema escolar em geral.

QUEM ENSINA QUANDO

Os organismos especializados da OCDE têm proposto aos países seus membros (é o caso de Portugal) que invistam seriamente na formação em **continuum** dos professores, tendo em conta a insuficiência e a estreiteza da sua formação inicial de base. O acento tónico é posto quer na preparação do primeiro emprego quer na readaptação do professorado, e pretende responder a duas necessidades simultâneas: a do sistema de ensino no seu conjunto e a dos professores considerados individualmente, por sector ou localmente.

No caso dos jovens professores, a política seguida tem sido a de aligeirar as suas tarefas escolares, a fim de lhes permitir melhorar a sua formação com base na prática. Medidas-piloto agora tomadas na Inglaterra e no País de Gales prevêem a redução das actividades dos novos professores para 3/4 do tempo no local de trabalho, enquanto o conselheiro pedagógico (tutor) de cada um, escolhido pelo pessoal da escola, dedica ao seu jovem 1/4 do seu tempo de trabalho. Trata-se de medidas já habituais noutros países, onde porém não eram objecto de sistematização e generalização.

Por outro lado, a Inglaterra e o País de Gales (no que toca a todos os professores) e a França (no que toca aos do ensino primário) criaram um direito à «formação durante o serviço» de um trimestre em cada sete anos e de um ano em toda a carreira, respectivamente. Outros países, como a Suécia, criaram o sistema de jornadas obrigatórias de formação de professores, para aumentarem a sua capacidade de resposta às necessidades da escola (no caso, cinco jornadas por ano lectivo).

PODER MUITO DESCENTRALIZADO

A OCDE atribui a pouca incidência prática destas novas opções em muitos países ao facto de raramente serem as próprias escolas e os seus professores a decidirem do tipo de formação que muito concretamente mais necessitam. Desprezando o contacto com as condições reais do ensino e da aprendizagem, os centros de formação de professores (universidades, escolas «normais», centros pedagógicos) têm agido isoladamente, e em

obediência às suas próprias lógicas internas, «esquecendo-se» de que cada escola onde cada professor trabalha deve poder decidir do que mais lhe convém.

Na verdade, uma parte muito importante da «formação du-



rante o serviço» pode e deve ser dada na própria escola, utilizando a fundo os seus recursos humanos. Isto corresponde à atribuição de novos papéis e de novas funções ao pessoal de cada escola, onde deverão ser encontrados formadores, conselheiros pedagógicos e mesmo especialistas de questões específicas. O director de cada escola deve assim ser responsabilizado pela formação em **continuum** do seu pessoal docente.

Para fazer face às necessidades de formação que a escola não pode cobrir, alguns países (Reino Unido, Austrália, Canadá, EUA) estão a criar rapidamente centros descentralizados geridos pelos professores e pelas colectividades locais. Outros (França, Japão, Holanda), onde a tradição do poder centralizado não abandona, criam centros de formação dependentes dos ministérios da tutela. Mas o objectivo de uns e outros é o mesmo: desenvolver rapidamente a formação e a informação dos professores em função dos novos programas e de melhores respostas às necessidades sociais.

CONTEÚDOS E MÉTODOS

Novos «quadros de acção» de professores têm assim visto a luz: em alguns países estão a ser oferecidos programas de formação a grupos funcionais de diversas vocações: responsáveis de estabelecimento, principiantes, professores em meio urbano, em meio rural, etc. Em muitos casos, estes programas apoiam-se nas sugestões dos próprios interessados. Uma série de técnicas novas estão a ser utilizadas nesta formação: discussão de grupo, sessões de simulação, técnica de resolução de problemas...

Em Inglaterra, e no País de Gales, 20% do tempo de trabalho das escolas de formação de professores vai passar a ser utili-

zado na «formação durante o serviço».

Os tipos de esforços de coor-

denação destas actividades dependem evidentemente dos hábitos de poder de cada país: vão desde a forte centralização sueca até às redes profissionais que têm nascido nos EUA sob a influência de certas universida-

des, passando pelas experiências de coordenação regional na Inglaterra e no País de Gales.

PUB



sindicato dos trabalhadores da função pública da zona sul

R. Rodrigues Sampaio, 138-3
Telef. 576222-576347-578372
- LISBOA

ELEIÇÕES DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO 79/80

CONSULTAS E RECLAMAÇÕES DOS CADERNOS ELEITORAIS

Encontram-se afixados os Cadernos Eleitorais em todos os distritos abrangidos pelo nosso Sindicato. Os principais órgãos da Imprensa inserem nas suas páginas os locais onde os mesmos podem ser consultados.

O dia 25 de Novembro, Sábado, é a data limite para a entrega de reclamações.

Os sócios do distrito de Lisboa devem dirigir as suas reclamações, pessoalmente ou por escrito, para a sede do Sindicato, devendo os sócios dos restantes distritos proceder do mesmo modo nas respectivas delegações.

ASSEGURA O TEU DIREITO DE VOTO! CONSULTA OS CADERNOS ELEITORAIS!

Lisboa, 20 de Novembro, de 1978

A Mesa da Assembleia Geral

EXTERNATO

SEBASTIÃO DA GAMA

COOPERATIVA DE ENSINO

CICLO — GERAL — COMPLEMENTAR

PROPEDÊUTICO

Cursos de apoio com início em 2 de Novembro
Avenida Almirante Reis, 106 - 1.º Esq.º — LISBOA
TELEFONE 82 27 76 - 82 35 31 — Metro ARROIOS



Antonio Carloto

TECIDOS, ESTOPOS E DECORAÇÕES

MÓVEIS

EM TODOS OS ESTILOS

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

Rua Serpa Pinto, 43 e 45. Tel. 2072448
Rua Miguel Bombarda, 1 e 222/222-A

BARREIRO

PROPEDÊUTICO

ALÉM DOS CURSOS NORMAIS

- PROGRAMA INTEGRAL
- PROFESSORES QUALIFICADOS
- DURAÇÃO DE CADA AULA: 1 HORA
- manhã
- tarde
- noite

— INSCRIÇÕES ABERTAS —

SENECA

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º
Telef. 40092 Lisboa 1 (Metro Anjos)



SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA, TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Ao abrigo do artigo 34.º dos Estatutos convoco a Assembleia Geral do Sindicato para o dia 7 de Dezembro de 1978, pelas 15,30 horas, na sede do Sindicato para, em cumprimento do estipulado no artigo 32.º,

— Apreciar e deliberar sobre o orçamento geral proposto pela Direcção para 1979.

Lisboa, 15 de Dezembro de 1978

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
MARIA MANUELA ANTUNES BARRETO

MUITO IMPORTANTE:

1 — A Assembleia Geral é constituída por todos os sócios no pleno gozo dos seus direitos sindicais e tem início à hora marcada com a presença de qualquer número de sócios, podendo porém, a Mesa, caso entenda não haver número de sócios suficientes, adia-la por meia-hora iniciando imediatamente os trabalhos.

2 — A proposta de Orçamento estará à disposição dos sócios, a partir do dia 20 de Novembro, na sede do Sindicato.

PUB



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DA ZONA SUL

R. Rodrigues Sampaio, 138-3 Telef. 576222-576347-576372 — LISBOA

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES PARA O BIÉNIO 79/80

AFIXAÇÃO DOS CADERNOS ELEITORAIS

Com vista à realização da eleição dos corpos gerentes do nosso Sindicato a efectuar no dia 16 de Dezembro, encontram-se afixados nos locais abaixo mencionados até ao próximo dia 25 — data fixada para a entrega de reclamações — os Cadernos Eleitorais.

DISTRITO	CONCELHOS ABRANGIDOS	LOCAL DE AFIXAÇÃO DOS CADERNOS ELEITORAIS
BEJA	Castro Verde, Ourique e Almodôvar	Casa do Povo de C. Verde
	Beja	União dos Sindicatos
	Ferreira do Alentejo e Ajustrel	Casa do Povo de F. Alentejo
	Moura, Barrancos e Serpa	Casa do Povo de Moura
	Cuba, Alentejo e Vidigueira	Casa do Povo de Cuba
	Mértola	
C. BRANCO	C. Branco, Idanha-a-Nova e VN Ródão	Esc. Mag. Primário C. Branco
	Covilhã e Belmonte	Esc. Preparatória da Covilhã
	Fundão e Penamacor	Hospital conc. do Fundão
	Serã, Oeiras, Proença-a-Nova e V. Rei	Esc. Prep. G.R. Caldeira
ÉVORA	Borba, Alandroal, Estremoz, Redondo e V. Viseu	Sindicato Const. Civil (deleg.)
	Évora, Arraiolos, Mora e V. Alentejo	União dos Sindicatos
	Montemor-o-Novo e Vendas Novas	União dos Sindicatos
	Reg. de Monsaraz, Mourão e Portel	Sindicato Const. Civil (deleg.)
FARO	Faro, Albufeira e Olhão	Delegação do Sindicato
	Lagos, Aljezur e Vila do Bispo	Hospital de Lagos
	Portimão, Lagos e Monchique	Sind. Escr. e Caixaeiros D. Faro
	S. Brás de Alportel e Loulé	C. Saúde Mental de S.B. Alportel
	Silves	Esc. Prep. S. João de Deus
	Tavira	Escola Prepar. de Tavira
	V.R. St.º António, Alcoutim e C. Marim	Sindicato das Conservas (deleg.)
PORTALEGRE	A. Chão, Avis, Fronteira, Montforte e Sousel	Casa do Povo de A. do Chão
	Elvas e Campo Maior	Escola Sec. de Elvas
	Ponte de Sor e Gavião	Escola Sec. de Ponte de Sor
	Portalegre, C. Vide, Crato, Arronches, Marvão e Nisa	Delegação do Sindicato
SANTARÉM	Abrantes, Mação e Sardoal	Esc. Ind. e Com. Abrantes
	Alpiarça, Almeirim e Chamusca	Escola Sec. de Alpiarça
	Benavente e Salvaterra de Magos	Escola Sec. de Benavente
	Coûche	Escola Primária n.º 1
	Entronc., Constância, Golegã, VN Barquinha	Esc. Prep. Dr. Rui de Andrade
	Rio Maior	Escola Sec. de Rio Maior
	Santarém e Cartaxo	Delegação do Sindicato
	Tomar, F. do Zêzere e Vila Nova de Ourém	Escola Ind. e Com. Tomar
	Torres Novas e Alcanena	União dos Sind. de T. Novas
SETÚBAL	Alcácer do Sal	Câmara Municipal
	Almada e Seixal	Câmara Municipal
	Barreiro	Câmara Municipal
	Grândola Vila Morena	Câmara Municipal
	Moita	Câmara Municipal
	Montijo e Alcochete	Junta de Freguesia
	Pegões	Parque de Material Agrícola
	Santiago do Cacém e Sines	Câmara Municipal
	Setúbal, Palmela e Sesimbra	Delegação do Sindicato
LISBOA	Alenquer, A. Vinhos e S.M. Agraço	Câmara Municipal Alenquer
	Azambuja	Câmara Municipal de Azambuja
	Cascais	Câmara Municipal de Cascais
	Lisboa, Loures e Oeiras	Sindicato (sede)
	Maia	União dos Sindicatos de Maia
	Sintra	Câmara Municipal de Sintra
	Torres Vedras, Cadaval e Lourinhã	União dos Sind. T. Vedras
	Vila Franca de Xira	Câmara Municipal V.F. Xira

NOTA: As reclamações referentes aos Cadernos Eleitorais do distrito de Lisboa, deverão ser feitas pessoalmente ou por escrito para a sede do Sindicato.
As reclamações referentes aos Cadernos Eleitorais dos restantes distritos deverão ser feitas directamente ou por escrito para as respectivas delegações do Sindicato.

Lisboa, 16 de Novembro de 1978

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

FINALMENTE HOUVE ACORDO NA UNESCO

"Fazer ouvir a voz dos oprimidos e defender os direitos do homem"

— tarefas apontadas à Informação

Chegou-se, finalmente, a acordo na Conferência da UNESCO sobre os meios de Comunicação Social quanto ao texto da importante declaração geral assentando esse acordo, obtido por delegados dos países capitalistas e do chamado "Grupo dos 77" (países não-alinhados) na aceitação do direito à liberdade de opinião e expressão e sua garantia aos jornalistas mas também no reconhecimento de que os órgãos de Comunicação Social "devem contribuir em todo o mundo para promover os direitos do homem, fazendo ouvir especialmente a voz dos povos oprimidos que lutam contra o colonialismo, o neocolonialismo, a ocupação estrangeira e todas as formas de discriminação racial".

Este texto emanado da 20.ª Conferência anual da UNESCO e que vai ter efeitos profundos no equilíbrio da Informação mundial abre com um preâmbulo onde se recorda que a UNESCO, em virtude da sua acta constitutiva se propõe «contribuir para a manutenção de paz e segurança através da educação, da ciência e da cultura e para a colaboração entre as nações, com o fim de assegurar o respeito universal e a justiça, a lei e as liberdades fundamentais» e com este objectivo a organização aplicar-se-á em «facilitar a livre circulação das ideias pela palavra e pela imagem».

E também referida a Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1948 e particularmente o «artigo 19», que estipula que «todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser molestado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, as informações e as ideias por qualquer meio».

Como temos noticiado, esta Declaração foi arrancada a ferros, depois de morosas discussões e negociações, tendo-se inclusive nos últimos dias extremado as posições dos dois grupos subscritores de anteprojectos da Declaração.

Na manhã de sábado ainda o debate à volta do adiamento da votação, pretendido por alguns

países provocou um quase tumulto na sala da reunião. A confusão era de tal ordem que o presidente da sessão, o peruano Wagner de Reyna, enervado e irritado, partiu o martelo ao bater com demasiada força na mesa para restabelecer a ordem. O incidente viria a provocar a hilariedade geral.

O adiamento tinha sido considerado necessário para permitir a certos grupos de trabalho um último esforço para a realização dum texto que obtivesse um consenso geral. Com efeito, as potências ocidentais tinham decidido não votar o projecto da UNESCO, que, a seu ver, era directamente nefasto para a liberdade da Informação.

PRINCÍPIOS-BASE DA DECLARAÇÃO

O consenso foi obtido em torno de um texto de Declaração cujos princípios-básicos são os seguintes:

O exercício da liberdade de opinião, a liberdade de expressão e a liberdade de informação, reconhecido como parte integrante dos direitos do homem e das liberdades fundamentais, é um factor essencial para o reforço da paz e a compreensão internacional.

O acesso do público à informação deve ser garantido pela diversidade de fontes e meios de Informação de que se disponha, permitindo a cada um assegurar-se da exactidão dos factos e fundamentar objectivamente a sua opinião sobre os acontecimentos.

Para este fim, os jornalistas devem ter a liberdade de informar e de ter acesso às fontes de Informação. É também importante que os órgãos de informação respondam às preocupações dos povos e dos indivíduos, favorecendo, assim, a participação do público e a elaboração da Informação.

A fim de reforçar a paz e a compreensão internacional, a luta contra o racismo, o «apartheid», a apologia da guerra e outras violações dos direitos do homem, os órgãos de Informação, devido ao seu papel, devem contribuir em todo o mundo para promover os direitos do homem, especialmente fazendo ouvir a voz dos povos oprimidos que lutam contra o colonialismo, o neocolonialismo, a ocupação estrangeira e todas as formas de discriminação racial e de pressão que não possam exprimir-se no seu território.

Os órgãos de Informação têm um papel importante a realizar no reforço da paz e da compreensão internacional e na luta contra o racismo e o «apartheid», contra a apologia da guerra e demais violações dos direitos do homem.

Dado que a guerra de agressão, o racismo e o «apartheid», assim como outras violações dos direitos do homem, são o resultado entre outros, de preconceitos e de ignorância, os meios de Informação através da difusão relativa das ideias, aspirações, culturas e exigências dos povos contribuem para eliminar a ignorância e a incompreensão entre os povos, para sensibilizar os cidadãos de um país sobre as exigências e aspirações dos outros, para assegurar o respeito dos direitos e da dignidade de todas as nações, de todos os povos e de todos os indivíduos, sem distinção de raça, sexo, língua, religião ou de nacionalidade, e para chamar a atenção sobre os grandes problemas que afligem a humanidade tais como a miséria, a subalimentação e a doença.

Para que seja respeitada a liberdade de opinião, expressão e informação, a fim de que esta reflita todos os pontos de vista, é importante que sejam publicadas os pontos de vista dos que considerem que a informação publicada ou difundida a seu respeito tenha causado prejuízo à acção que desenvolvem em defesa do reforço da paz e a compreensão internacional e na luta contra o racismo e o «apartheid», contra a apologia da guerra e todas as violações dos direitos do homem.

O estabelecimento de um novo equilíbrio e de uma melhor reciprocidade na circulação da Informação, condição favorável ao fortalecimento de uma paz justa e duradoura e da independência económica e política dos países em desenvolvimento, exige a correcção das desigualdades na circulação da informação com destino ou procedente dos países em vias de desenvolvimento, assim como entre esses países.

Para isto, é essencial que os órgãos de Informação desses países disponham dos meios para se reforçarem, expandir e cooperar entre si e com os órgãos de Informação dos países desenvolvidos.

É necessário que os Estados facilitem a obtenção, pelos órgãos de informação dos países em vias de desenvolvimento, de meios para se desenvolverem, expandirem e cooperarem entre si e com os órgãos de Informação dos países desenvolvidos.

Na base da igualdade de direitos, de proveito mútuo e do respeito pela diversidade das culturas, elementos do património comum da humanidade, é essencial que sejam estimulados e desenvolvidos entre todos os Estados, em particular entre os que têm sistemas económicos e sociais diferentes, os intercâmbios tanto bilaterais como multilaterais de informação.

10.º JUÍZO CÍVEL

DA COMARCA DE LISBOA

PROC. 5353-3.º Sec.

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE nos autos de execução de sentença sumária que corre seus termos pela 3.ª Secção deste Juízo movida pela exequente METALÚRGICA DUARTE FERREIRA, S.A.R.L., correm editos de TRINTA DIAS que começarão a contar-se da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os executados, FRANCISCO LOURENÇO DA CRUZ GOIS e mulher MARIANA DA CONCEIÇÃO SALGUEIRO CORREIA CRUZ GOIS, com última residência conhecida na Rua Eng.º Arantes e Oliveira, N.º 14, em Beja, e ora ausentes em parte incerta, para no prazo de CINCO DIAS, findo que seja o dos editos pagarem a exequente, acima indicada, a quantia de 100.156\$00 e juros vincendos até integral reembolso ou, no mesmo prazo, usarem do direito de nomearem bens a penhora suficientes para garantia e pagamento daquela quantia e acréscimos legais, sob pena de esse direito se devolver à mesma exequente.

Lisboa, 13 de Novembro de 1978
O Juiz de Direito,

Zeferino David Faria
O Escrivão
António Rodrigues da Silva

CURSOS

PERFURAÇÃO-VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM-UNIVAC
Em cartão de 80 colunas
Informação ao computador
Início dos cursos: 22.11.78

DACTILOGRAFIA
Início: Todos os dias
Informações e inscrições no

GRAVAÇÃO-VERIFICAÇÃO
MÁQUINAS IBM 3741/42
(DISKETTES)

O mais moderno sistema de informação ao computador
Início dos cursos: 23.11.78

EXTERNATO CONTINENTAL
Rua do Arsenal, 100, 1.º
Telef. 32 56 52 LISBOA



UM FENÓMENO NO AREÍRO COM DISCO JOKE

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 17-E



O sector público, as resistências bancárias e um grande negócio à vista

Invoquem-se razões de sã gestão ou revelem-se, no discurso ou na decisão, propósitos de redução ou de liquidação do sector público, haja a intenção de dar espaço e incentivo à iniciativa privada ou prevaleça uma certa cumplicidade com a «recuperação capitalista em curso», a política de reprivatização de empresas, directa ou indirectamente pertencentes ao sector público, é um dos aspectos de uma orientação de luta contra as nacionalizações.

Ignorando, expressamente, as disposições legais existentes e a função do Instituto das Participações do Estado (I. P. E.), a banca nacionalizada parece não hesitar no que à reprivatização se refere.

O Decreto-Lei n.º 496/76 (de 26 de Junho), delinhou o enquadramento jurídico do I. P. E. ao qual legalmente cabe a gestão e auditoria económica das empresas participadas.

Deve notar-se que, quando da criação do I. P. E., os bancos opuseram certas dificuldades à entrega das empresas em que tinham participações de capital com o peregrino «argumento» de que essas participações deviam ser substituídas, na sua contabilidade, por uma contrapartida. Este «argumento» reflecte uma mentalidade. A prevalecer tal critério o Estado não poderia transferir para outra entidade pública gestora os bens do «sector público». O «sector público» viu-se dividido em compartimentos estanques. E, apesar de proceder de critérios contabilísticos de capitalismo bancário, o «argumento» serviu para reter na dependência da «banca nacionalizada» as empresas participadas que, por força de lei, deveriam ser confiadas ao I. P. E.

Assim, se impedia o desenvolvimento do sector público, e, principalmente, a sua gestão coordenada.

Contudo, o Decreto-Lei 496/76 — veio dar resposta ao «argumento» da banca no seu Capítulo VII que versa a «transferência de participações». O Art.º 45 estabelece que «devem ser transferidas para o património do I. P. E. todas as participações do sector público no capital de sociedades com excepção do sector do turismo e das que tinham sede nos antigos territórios sob a administração portuguesa».

O modo e os termos em que se deverá efectivar essa transferência são detalhadamente esclarecidos pelos Arts. 46 e 47. O Art.º 48 determina que «enquanto se não operar a transferência das participações do sector público, referidas no n.º 1 do Art.º 45, para o património do I. P. E., caberá a este assegurar a respectiva gestão e exercer os direitos sociais inerentes a essas participações...». O despacho normativo n.º 70/77, de 16 de Março, veio esclarecer convenientemente a extensão do conceito de participação do sector público no capital das sociedades.

O Decreto-Lei n.º 151/77, de 14 de Abril, veio determinar a designação de gestores públicos, regular a designação de gestores públicos e confirmar o que já fora estabelecido pelo despacho normativo n.º 70/77.

Finalmente, o Decreto-Lei n.º 285/77, de 13 de Julho, porque o processo previsto para a transferência das participações do sector público no capital de sociedades para o I. P. E., se revelou «passível de bloqueamentos decorrentes de variadas interpretações sobre legislação suposta aplicável...», vinha, mais uma vez, esclarecer e reunir as disposições legais sobre o assunto.

Finalmente, a Portaria n.º 404/78, de 25 de Julho, veio definir o regime de contrapartida da transferência para o património do I. P. E. das participações no capital de sociedades de que eram titulares instituições de crédito do sector público, operada por força do Art. 2.º do Decreto-Lei n.º 285/77, de 13 de Julho.

Mas este aparato jurídico não conseguiu vencer a resistência das instituições de crédito. Estas não cumpriram a lei. É extremamente elucidativa a leitura do «Relatório e Contas de Exercício» do I. P. E., referente a 1977 (Ver: «Diário da República» de 27 de Setembro de 1978, III Série). Onde se pode ler: «Mas a realidade mostrou que

vários dos anteriores participantes levantaram múltiplos obstáculos e interpretações jurídicas, não aceitando nem cumprindo o referido preceito legal» (Art.º 45 do Decreto-Lei 496/76).

Logo se vê quais os participantes que levantaram e levantam dificuldades, quando, no mesmo relatório, a seguir se afirma que quase todas as participações detidas por empresas pública de natureza industrial foram sem grandes problemas transferidas e que sempre as maiores facilidades foram dadas ao I. P. E. no que respeita ao exercício por este dos direitos de gestão em empresas falidas ou em situação económico-financeira difícil.

Facilmente se verifica que eram e são os bancos que se recusam a cumprir a lei. Tal recusa resulta fundamentalmente de quatro razões: a) sabotagem do sector público das nacionalizações; b) retenção do domínio das empresas nas mãos dos gestores bancários; c) tentativa de reprivatização das empresas participadas; d) possibilidade de boas negociações.

E o que se passa, actualmente, com o «Banco Português do Atlântico» e a empresa «ALCO — Algodocira Comercial e Industrial».

Esta empresa ALCO é uma daquelas em que a participação é de quase 100%. Quer dizer, o capital privado nesta empresa é praticamente nulo. Porém, o «Banco Português do Atlântico» tem-se recusado, com os mais ridículos pretextos que são sempre aceites, a entregar a ALCO ao I. P. E.

Mas, não só se recusa a entregar a empresa ao I. P. E. como se prepara, agora, para vender a ALCO, empresa que é propriedade pública.

Esta ALCO tem a sua fábrica em Ponte da Pedra, arredores do Porto. Era uma antiquada unidade industrial cuja remodelação se impunha. Em Dezembro de 1975 começaram as obras naquela empresa que terminaram em Outubro de 1977 e em Novembro do mesmo ano foi tempo para os primeiros ensaios de produção. Essas experiências e ensaios foram longos e complicados. Em Março de 1978, entra-se em produção normal e os meses seguintes vêm os números crescer duma maneira que atestam o bom caminho em que ela se encontra.

Interessará saber que esta empresa cuja instalação custou cerca de 200 mil contos, hoje custaria mais de um milhão de contos. E de frisar que este milhão de contos é apenas o valor da instalação mas não o valor do negócio que será de vários milhões. Bastará pensar na localização desta empresa, situada na área mais populosa do país e sendo única na região do Norte.

Também, e ainda mais importante, trata-se duma indústria alimentar cujo nível técnico se iguala às melhores da Europa e com capacidade para intervir no seu sector de maneira a poder regularizá-lo em todos os seus aspectos. Pois bem, e como já o disse, sem desmentido, o «Jornal de Notícias», a ALCO será vendida por 300 mil contos.

Essa venda, ou melhor, as negociações para essa venda estão em curso o que já foi confirmado pelos gestores do Banco Atlântico à comissão de trabalhadores de ALCO. Tal venda seria feita à SOJA de Portugal. Porém, segundo consta, a SOJA não terá possibilidades financeiras para realizar essa operação, e, supõe-se, funcionaria como «testa de ferro» da MDM (Melo, Deutsch, Morgan) que, deste modo, passaria a dominar um sector fundamental da indústria nacional.

Como já se disse esta ilegalidade enorme está prestes a ser cometida.

O Banco do Atlântico pediu já autorização (?) ao governo para uma tão ilegal transacção, digamos: negociata.

É evidente que o governo não pode autorizar transacções ilegais.

“Jovens denunciam corrupção e fraude nas vendas de livros ao domicílio”

De António Saramago, da firma Credijuvemil, recebemos uma carta relativa à nossa notícia de 23-10-78, «Jovens denunciam corrupção e fraude nas vendas de livros ao domicílio», onde, não se contestando o teor e perspectivas do material que publicamos, é ressaltada, a referência involuntária à empresa onde trabalha. Tal referência ocorreu apenas no documento fotográfico que inseria vários tipos de anúncio com ofertas de empregos para vendedores de livros, pois, nos depoimentos de jovens que denunciavam as irregularidades do sector não houve a citação expressa da Credijuvemil.

Diz a carta:

«Relativamente ao tema inserto na vossa edição de 23 de Outubro, tenho de manifestar a minha satisfação pela maneira desassombrada como a alerta foi lançado, quanto a alguns factores, que se vêm sucedendo em determinadas firmas de crediário de obras literárias.

No entanto, torna-se imperioso clarificar situações, assim como quem faz a separação do trigo e do joio, mais não fosse pelo respeito que deve merecer

o trabalho honesto de dezenas de vendedores e a actividade organizada em moldes inatacáveis das empresas de crediários a funcionar há largos anos.

Tomando esta iniciativa como trabalhador do sector, receando uma interpretação generalizada por parte dos habituais leitores, que são o mercado consumidor de todos aqueles crediários verdadeiramente empenhados na fixação de uma imagem de probidade comercial.

Contudo, também o faço na qualidade de responsável pela coordenação de vendas de uma empresa de crediário, apoiada directamente por uma editora portuguesa, a qual e muito lamentavelmente, se vê referenciada através da fotocomposição utilizada para ilustrar a notícia-inquérito.

Na verdade, uma infeliz coincidência permitiu que, uma dedução menos ponderada, possa ter relacionado as indicações de endereço e telefone revelados pela notícia do vosso jornal, com o nome da empresa onde trabalho, para o que bastaria ligar a abertura do título (JOVENS), com o anúncio mais destacado na referida fotocomposição.

Assim, gostaria de convidar os declarantes da notícia e o jornalista responsável pela mesma, para efectivar uma visita a qualquer dos escritórios de vendas desta empresa, com vista a encontrarem-se perante o lado honesto da questão, a fim de se documentarem com a extraordinária capacidade de trabalho dos vendedores e vendedoras, os quais comprovarão as soluções encontradas para a subsistência económica, através de um forte espírito de equipa, que sempre fomentámos a par de uma técnica de especialização profissional, também válida para outras actividades, que se mi-

nistra com função pedagógica.

Julgo conseguir, dessa maneira, a análise justa e merecida por este trabalho e assim destinar juízos errados, os quais não se nos poderão aplicar, mas que necessitam de uma correcção imediata, para a qual solicito com destaque semelhante ao da notícia, não estando a invocar o tão estafado e reclamado artigo da Lei de Imprensa.

E não o faço porque acredito (também), na honestidade de processos do jornalista e de um jornal, que tem merecido a minha preferência desde há mais de 20 anos».

Aumenta produção de conservas

A produção de conservas de peixe em azeite e molhos o ano passado foi da ordem das 56 mil toneladas (contra 38 mil em 1976), revelam algumas notas tornadas públicas pela Associação Industrial Portuguesa.

Assim, os setenta por cento desse total destinados à exportação representam um valor de cerca de 2280 mil contos, en-

quanto há dois anos foi de 1590 mil. Os principais importadores têm sido a RFA, Itália, França, Estados Unidos e Reino Unido. Lembra-se que em 1977 60 por cento das exportações deste sector foram dirigidas para o mercado da CEE. COMECON e a EFTA, por esta ordem, com nove e sete por cento nos dois últimos casos, respectivamente.

APELO

Pede-se a

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO LOURENÇO

natural de CABINDA que contacte a

EMBAIXADA DE ANGOLA

para assunto de seu interesse

ALCATIFA

PELO ALTO

DESDE 180\$00

ALCATIFA INDUSTRIAL

A PREÇOS DE ARRASAR

DESDE 120\$00

PAVIMENTOS — todo o género

TUDO PARA ENTREGA IMEDIATA

PESSOAL ESPECIALIZADO PARA A COLOCAÇÃO

PESTANA & COUCEIRO, LDA.

LARGO DR. ANTONIO MACEDO, 6-A e B

TELEF. 67 59 48

LISBOA

(AO FUNDO DA CALÇADA DO COMBRO)

parque residencial de VIALONGA

A sua casa própria em espaço e preço

Ao abrigo dos contratos de Desenvolvimento de Habitação

Visite o andar modelo no local — Telef. 259 1511

Vendas: Av. da República, 14 - 6.º — Telef. 56 07 91/56 00 21

PUB



Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local

CONSELHO DE SECRETARIADOS CONVOCATÓRIA

Nos termos estatutários convoca-se a reunião ordinária do Conselho de Secretariados do STAL, em plenário, para os dias 27 e 28 de Novembro de 1978, às 10 horas, em Santarém, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações;
2. Apuramento da posição dos TAL face à PRC/1979;
3. Orçamento para 1979;
4. Consignação de receitas aos Secretariados Distritais (art.º 52.º, n.º 3 dos Estatutos);
5. Inquérito pedido por associação;
6. Relatório da Mesa da Assembleia Geral.

Santarém, 15 de Novembro de 1978.

Pel A Mesa da Assembleia Geral (Assinatura ilegível)

JACINTO NUNES NO GOVERNO MOTA PINTO: Incorporar deliberadamente o principal "poder paralelo" existente na máquina do Estado

Com a entrada de Jacinto Nunes, de 52 anos, para o lugar de «superministro» (simultaneamente vice-primeiro-ministro. E para os Assuntos económicos e titular da pasta do Plano e das Finanças), o Governo realiza um muito significativo movimento de incorporação, no seu seio, do mais importante «poder paralelo» existente no quadro do aparelho de Estado: o do Banco de Portugal e também o da Caixa Geral de Depósitos. É a natureza do «governo do FMI» dos presentes executivos que conduz os seus formadores a realizarem tal integração.

Jacinto Nunes, cuja primeira e única experiência governativa data dos anos cinquenta, quando foi nomeado subsecretário de Estado do Tesouro de um governo de Salazar, é presidente da Caixa Geral de Depósitos e foi governador português no FMI e no Banco Mundial, presidente do Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, e membro da direcção do Centro de Estudos Económicos do INI. Licenciado no ISCEF em 48, tornou-se ali catedrático em 63, mas também leccionou no IST e nos Altos Estudos Militares.

Vice-governador do Banco de Portugal a partir de 1959, manteve-se ali até 19 de Maio de 75, data em que pediu a demissão. Logo após o 25 de Novembro, recusou um convite para ali regressar, acabando por ir dirigir a Caixa Geral de Depósitos em Abril de 76. Entretanto, após o 25 de Abril, e tendo recusado convite da Junta de Salvação Nacio-



nal para se encarregar da Coordenação Económica, foi nomeado em fim de Maio de 74, por Palma Carlos, administrador por parte do Estado no Banco de Portugal, passando a governador em Julho, funções que ocupou até à sua demissão na sequência do 11 de Março.

Sabendo-se como se sabe que a Caixa Geral de Depósitos e sobretudo o Banco de Portugal são peças-chave da política fi-

nanceira nacional, dependendo sobretudo deste último a concretização da «austeridade» imposta pelo FMI, o «transporte» para o Governo, do homem que o dirigiu durante quinze anos, corresponde a uma **ainda mais vigorosa adequação** da política portuguesa à política de estagnação, de créditos super-vigiados e de não-investimento público do Fundo Monetário Internacional. A entrada de Silva Lopes para o governo Nobre da Costa fora um primeiro passo nesse sentido (Silva Lopes vinha, igualmente, da Caixa Geral de Depósitos). Mas é o apelo a Jacinto Nunes que desde meados dos anos cinquenta se tem encontrado no cerne do sistema bancário português, que realiza e completa tal movimento. O novo «primeiro», do Presidente terá, ao escolhê-lo, pretendido acabar com as limitações provenientes do Banco de Portugal, a que as sucessivas equipas económicas governativas têm estado sujeitas. Isto quer dizer que as limitações deixam de ser exercidas sobre o Governo a partir do seu exterior, e passaram a ser conduzidas directamente no seu seio, a partir do seu mais poderoso lugar de decisão.

EFTA cria 62 empregos em Portugal que custam 4,774 contos cada um

A Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) decidiu emprestar a Portugal mais 296 mil contos, destinados a dois projectos de investimento em duas empresas luso-escandinavas que criarão, no total, 62 postos de trabalho. Cada posto de trabalho custará, pois, um pouco mais de 4774 contos. Este tipo de investimentos de «capital intensivo» pode interessar à parte estrangeira das empresas a que se destinam, mas a sua utilidade para Portugal, onde há mais de meio milhão de desempregados, é profundamente contestável.

Estes dois projectos de investimento implicam, ainda, transferência de tecnologia para Portugal: desse dinheiro, 100 mil contos destinam-se a criar uma companhia, a **Viknave**, que fabricará pequenos barcos de pesca usando «know-how» de uma firma norueguesa, a **Vik-sund Trading S.A.** em matéria de fibra de vidro. Os restantes 196 mil contos destinam-se à **Celbi**, empresa luso-sueca de pasta de papel, e serão utilizados na compra de equipamento de combate à poluição e que permita aumentar ligeiramente a

capacidade da sua fábrica de **Leirosa**, perto da Figueira da Foz.

O «Comité Directivo do Fundo EFTA para o Desenvolvimento Industrial de Portugal», que decidiu a atribuição destas verbas, tomou também uma posição favorável em relação a um projecto norueguês de construção de uma aldeia turística no Algarve, com capacidade para 2100 camas. Na sua próxima reunião, o comité espera estar na posse de mais pormenores sobre este projecto, que lhe permitam decidir sobre o apoio financeiro a atribuir

aos seus promotores.

Por outro lado, o Comité informou que vai cooperar com as autoridades portuguesas na formação de gestores empresariais — um dos aspectos em que a Europa capitalista tem insistido com os Governos portugueses é exactamente a necessidade de formar quadros de gestão capazes de rentabilizar os seus investimentos aqui — e acrescentou que o dinheiro para esta «co-opeção» virá provavelmente «de atribuições especiais tornadas possíveis pelos estatutos do Fundo EFTA».

NUMERO E TIPO DE DESEMPREGADOS EM PORTUGAL (Repartição por distritos, em 1975, segundo dados da OCDE)

Os números constantes do quadro referem-se a milhares de trabalhadores (por exemplo: Porto, 12 800, 14 400... etc.)

DISTRITOS	Retornados	À procura de primeiro emprego	À procura de novo emprego	TOTAL
Porto	12,8	14,4	23,6	50,7
Braga	4,1	6,1	8,2	18,3
V. do Castelo	2,2	2,3	3,5	8,0
V. Real	5,1	3,9	2,1	11,1
Bragança	4,8	2,9	1,1	8,8
Aveiro	7,3	5,3	6,0	18,6
Coimbra	5,4	12,3	7,6	25,3
Leiria	4,8	6,3	5,4	16,5
Viseu	6,4	5,7	4,5	16,7
Guarda	4,5	2,3	1,0	7,8
C. Branco	3,0	3,3	2,2	8,5
Lisboa	38,5	38,9	36,2	113,4
Setúbal	7,2	13,3	13,0	33,5
Santarém	4,5	6,0	5,6	16,1
Faro	7,4	6,6	8,5	22,5
Portalegre	0,8	2,5	1,5	4,8
Evora	0,6	6,4	3,1	10,1
Beja	0,8	2,6	1,9	5,3
Total	120,0	141,0	135,0	396,0

Estes dados referem-se a 1975: o total estimado pela OCDE é de 396 mil desempregados. Na coluna respeitante aos «à procura de primeiro emprego» englobam-se jovens saídos das escolas, estudantes diplomados, mulheres. A repartição regional de desemprego mostra que, em 1975, 37 por cento do total de desempregados se encontravam numa zona englobando Lisboa e estendendo-se até Setúbal; 13 por cento no Porto. Segundo a OCDE, já em 1976 o número de desempregados atingiu o meio milhão (os à procura de primeiro emprego passaram a ser 200 mil e os à procura de novo emprego passaram a ser 178 mil). Esta evolução permite concluir que o meio milhão de desempregados esta hoje largamente ultrapassado. Os actuais governos têm permitido e até estimulado uma política de subemprego, desemprego e «desemprego técnico» maciços, em parte provocado pelas desintervenções e devoluções e pelos investimentos estrangeiros do «capital-intensivo»

94 milhões de contos de da balança comercial po

É o Instituto Nacional de Estatística que o revela: entre Janeiro e Setembro deste ano a nossa balança comercial atingiu um défice superior a 94 milhões de contos, à média de 10 milhões e 400 mil contos por mês. Demasiado, sem dúvida, como o não diz; mas se subentende, dos números do INE, onde se refere que as importações globais (CIF) apontaram para 169 milhões e 300 mil contos, enquanto as exportações (FOB) se ficaram pelos 74 milhões e 800 mil contos. O maior saldo negativo consubstanciou-se nas trocas com os países da CEE (o que se compreende): 75 milhões e 200 mil contos de importações, contra 41 milhões e 600 mil contos de exportações.

Dos membros do Mercado Comum, a República Federal da Alemanha continuou a ser o país com o qual o saldo negativo

atingiu o mais elevado montante: 12,8 milhões de contos (22,4 milhões de importações de 9,6 milhões de exportações), constituindo o segundo saldo negativo mais elevado neste período. O principal cliente de Portugal ainda foi o Reino Unido, para onde se exportaram mercadorias no valor de 14,1 milhões de contos (18,9 por cento do total das exportações). As importações atingiram 16,6 milhões.

O saldo negativo com a «EFTA» situou-se em 3,8 milhões de contos (14,3 milhões para as importações e 10,5 milhões para as exportações). De salientar que, neste agrupamento económico, o saldo com a Suíça atingiu os 4,3 milhões de contos negativos, tendo, contudo, permanecido positivo com a Finlândia (468 mil contos) e com a Noruega (um milhão de contos). E nas trocas com os países de economia pla-

nificada da Europa (COMECON), o saldo negativo situou-se nos 2,9 milhões de contos, resultando essencialmente do «deficit» com a URSS, que atingiu os 2,8 milhões, fundamentalmente devido às importações de petróleo. Foram positivos os saldos com a Bulgária, Hungria e Roménia.

O «deficit» mais elevado por países deu-se nas transacções com os EUA (15,2 milhões de contos), resultante da diferença entre importações no valor de 20,5 milhões de contos (12,1 por cento do total das importações) e exportações, no valor de 5,3 milhões. Em igual período de 1977 o «deficit» da balança comercial situara-se nos 84,5 milhões de contos, dos quais 33,2 milhões resultantes das relações com a «EFTA», 1,9 milhões das trocas com os países de economia pla-

7º ANIVERSÁRIO

SHOW

Ballet Malon Argentino

Show Fashination

Show Diferentíssimo

dia 10
a atracção
Rodrigo
Fim das comemorações



O movimento «contar apenas com as suas próprias forças» não se tornou irreversível e esta a chegar definitivamente ao fim. A China recorre a um ritmo cada vez mais intenso à «ajuda» do mundo capitalista

COM OS OLHOS POSTOS EM CEM MILHÕES DE DÓLARES A China pede à ONU que "coopere" no seu desenvolvimento

A China que, na ONU sempre se identificou como pertencendo ao Terceiro Mundo ao mesmo tempo que tem rejeitado a acusação de que se comporta como grande potência, pediu à organização, para a qual entrou em 1971, auxílio financeiro para o seu desenvolvimento, revelaram funcionários em Washington. É a primeira vez que os chineses pedem ajuda à ONU, mas este pedido, segundo as mesmas fontes, de que a agência Reuter se faz eco, era já esperado desde há alguns meses. Os funcionários não revelaram o montante exacto de dinheiro pedido pela China à ONU, mas estimativas bem fundadas apontam para os 100 milhões de dólares.

Antecedendo este pedido, um memorando sobre cooperação, o eufemismo habitualmente usado entre Estados e organizações internacionais para designar o financiamento externo, foi já assinado no mês passado entre a China e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Observadores bem informados creem que os chineses sondaram igualmente a organização educacional, científica e cultural da ONU, a UNESCO, para obterem a sua «cooperação» no campo da educação. A OMS tem sede em Genebra,

e a Unesco, em Paris. O pedido de auxílio foi dirigido ao departamento de Programas de Desenvolvimento da ONU (UNDP), sediado em Nova Iorque e que é chefiado pelo ex-congressista americano Bradford Morse.

A Reuter apurou igualmente que uma missão da ONU parte para a China no fim deste mês, o que constitui uma primeira resposta ao pedido de Pequim.

Um porta-voz do UNDP declarou durante uma conferência de imprensa que o auxílio financeiro total da ONU à China, no período de 1979 e 1981, não deverá ex-

ceder 10 a 15 milhões de dólares, e que, a confirmar-se, não representa, de facto, senão uma «cooperação» simbólica. Acrescentou estar previsto que a assistência à China será feita nos campos agrícola e industrial, sem esquecer a formação, no estrangeiro, de técnicos chineses.

Como o «DL» tem noticiado, a China, no âmbito da sua «nova política de modernização», está a estreitar as suas relações e a receber financiamentos de países da Europa ocidental, nomeadamente da RFA, onde serão formados gestores e quadros técnicos.

A missão da ONU estará na China entre 30 de Novembro e 20 de Dezembro.

Os financiamentos do UNDP a 114 países atingirão, desde o ano passado até 1981, cerca de 2,5 biliões de dólares (despesas já orçamentadas).

Em Israel o Governo não controla a inflação

TELAVIVE, 20 — O Partido Trabalhista Israelita (na oposição) propôs um voto de não-confiança no Governo do primeiro-ministro Begin por causa da má gestão económica do país.

Esta atitude segue-se ao dramático aumento no índice nos preços no consumidor (5,7 por cento em Outubro) — o mais alto deste ano.

Desde Janeiro, o índice subiu 34,8 por cento e, segundo análises, deverá atingir até ao fim do ano 42 por cento, tal como em 1977.

Ao anunciar a moção de não-confiança, o vice-presidente do Partido Trabalhista, Gad Yacobi, disse que o Governo «tinha perdido o controlo» da economia e não era capaz de combater a inflação.

Por sua vez, líderes da Federação do Trabalho afirmaram que lutarão contra a elevação dos preços e também para conseguir aumentos de salários substanciais para os trabalhadores.

"Stocks de emergência" de combustíveis nos Açores

PONTA DELGADA, 20 — O Governo Regional dos Açores pretende instalar na região um «stock de emergência» para combustíveis líquidos, onde será despendida uma verba de oito mil contos, para fazer face a «situações de isolamento».

Para além desta medida, a Secretaria Regional do Comércio e Indústria propõe-se construir, mediante acordo com a Petrogal e com a Shell, depósitos de combustível nas ilhas de S. Jorge, Pico, Faial e Graciosa, com capacidades respectivas de 70, 330, 65 e 40 metros cúbicos.

Também a Mobil solicitou a instalação de um stock com capacidade de 19 mil metros cúbicos em Ponta Delgada e um outro de 160 metros cúbicos de volume na ilha do Faial, destinado a garantir o apoio à actividade piscatória da ilha.

'Self-services' dos EUA acusados de servirem hamburgers com minhocas

Um representante da importante cadeia de restaurantes americanos «McDonalds» queixou-se em Atlanta, na Geórgia (EUA), de que se verificou uma queda vertiginosa nas receitas de uma série de estabelecimentos do emporio, na sequência de rumores segundo os quais a «McDonalds» estava a utilizar minhocas na confecção da carne picada destinada aos seus «hamburgers».

Segundo a agência noticiosa France Press, que dá conta da ocorrência, o rumor acerca das minhocas da «McDonalds» nasceu em Agosto passado no Estado do Tennessee, e a empresa, que possui self-services em todo o território dos EUA, bem como em Londres e em Paris, pensou inicialmente que não seria especialmente afectada por ele.

Contudo — queixou-se o representante da cadeia — o rumor invadiu rapidamente outros Estados e está a provocar prejuízos financeiros graves em vários selfs «McDonalds», um dos

quais sofreu nas últimas semanas uma quebra de receitas da ordem dos 30 por cento.

Para além do caso das minhocas, a empresa está também a ser alvo de outro rumor, segundo o qual financiaria com importantes esmolas uma seita de feticheiros de Los Angeles, autodenominada «Igreja de Satã».

Claro que a firma negou igualmente tais acusações e, sobretudo, já lançou uma vigorosa campanha de publicidade gabando a excelência dos seus «hamburgers», que garantem ser cem por cento feitos de carne de vaca.

Consumidores da CEE pretendem Interpol dos produtos perigosos

A Organização Europeia das Uniões de Consumidores (OEUC) acaba de exigir em Bruxelas a constituição de uma «Interpol dos Produtos Perigosos», e enviou uma carta nesse sentido ao ministro alemão da Saúde, sr. Antje Huber, que preside de momento ao Conselho de Ministros da Saúde dos países da CEE.

Um porta-voz desta federação de consumidores dos nove países membros da CEE explicou que tal «Interpol» se justifica inteiramente «dado o aumento vertiginoso do fabrico em série e da comercialização de produtos considerados perigosos para a saúde». Como se sabe, a Interpol é a Judiciária Internacional.

O mesmo porta-voz afirmou ainda que felizmente «a opinião pública já hoje se impressiona seriamente quando são conhecidos acidentes ocorridos com produtos perigosos», e instou os Governos «a informarem-se uns aos outros e a informarem as

autoridades internacionais competentes quando são descobertos nos respectivos países produtos classificáveis de perigosos, defeituosos ou contaminados».

A OEUC felicita os Governos que já têm tomado medidas contra o comércio e a indústria que vivem a expensas da saúde pública, mas exige-lhes que em tais casos comuniquem imediatamente essas medidas aos seus parceiros da CEE a fim de que elas sejam alargadas a todos os Estados onde habitam os consumidores que representa.

Contaminação nuclear em Cherburgo

Três trabalhadores de um centro nuclear situado no porto de Cherburgo, no Norte da França, ficaram contaminados quando trabalhavam com óxido de plutónio — soube-se naquela

localidade.

Um comunicado da direcção do centro dá conta de que «estes três agentes poderão ter indirectamente contaminado mais quatro homens».

de défice portuguesa

nificada da Europa e 9,3 milhões das transações com os EUA. Neste período, o «deficit» mais elevado por países resultou das trocas com a República Federal da Alemanha (11,1 milhões de contos).

Como resultado desta evolução, a cobertura das importações pelas exportações passou de 39 por cento, no período de Janeiro a Setembro de 1977, para 44 por cento, no período correspondente de 1978. No evoluir do saldo negativo da balança comercial tiveram peso significativo as importações de petróleo em bruto, que atingiram os 23,9 milhões de contos, assim distribuídos: Iraque 9,6 milhões; Arábia Saudita 5,6 milhões; Irão 4,7 milhões; URSS 3,5 milhões; e Kuwait 0,5 milhões. No período homólogo de 1977, o valor global do petróleo em bruto importado atingiu os 17,2 milhões de

contos, tendo o Iraque sido o principal fornecedor com 6,1 milhões de contos.

Por grandes grupos de mercadorias, expressos em milhões de contos, apuraram-se os seguintes resultados (referindo-se entre parêntesis à evolução comparativamente ao período de Janeiro a Setembro de 1977). Para as importações: produtos alimentares 28,9 (+ 14 por cento), produtos minerais 31,5 (+ 14 p.c.), produtos de indústrias químicas 24,2 (+ 17 p.c.), máquinas e aparelhos e material eléctrico 28,9 (+ 31 p.c.), material de transporte 15,6 (+ 18 p.c.). Para as exportações: produtos alimentares 11,2 (+ 30 p.c.), produtos da madeira, cortiça e papel 12 (+ 15 p.c.), têxteis e suas obras, calçado, peles e couros 24,9 (+ 50 p.c.) e máquinas e aparelhos e material de transporte 10,5 (+ 40 p.c.).



**Quinta
da Luz**

a 200 metros do Largo da Luz, junto à Circular do Campo Grande. Aí encontrará, numa casa para si, espaço, acabamentos de qualidade, sol, e desafogo de horizonte.

gogel

sociedade geral de empreitadas lda

Num horizonte mais vasto, uma casa para si.

CTT de novo em greve — SATA volta a voar

Os trabalhadores dos Correios e Telecomunicações (CTT) estão em greve desde as zero horas, em todo o País, cumprindo deste modo o programa de luta previsto, que visa a obtenção de actualizações salariais minimamente justas e de algumas regalias.

Segundo informação sindical, a greve conta com uma adesão francamente superior à de quarta-feira, inclusive nas zonas rurais e nas diversas capitais de distrito. A paralisação ronda os cem por cento nas centrais de correios e telegráficas e na parte técnica de Lisboa e Porto.

Entretanto, os pilotos da SATA- Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos suspenderam por sete dias a greve que desencadearam há cerca de três meses e meio, regressando ao trabalho a partir das 12 horas. Em Lisboa está a decorrer uma reunião entre representantes dos pilotos e da administração, para apreciar o problema laboral que levou à greve.

O Sindicato dos Pilotos pretendia obter a equiparação do pessoal de pilotagem à companhia açoriana aos seus colegas da TAP, embora a administração da empresa só esteja legalmente autorizada a conceder aumentos a partir de 8 de Dezembro.

Os transportes interilhas têm estado a cargo de aviões fretados e de aparelhos da Força Aérea, que se revelam insuficientes para dar vazão à carga que, ao aproximar-se a quadra

natalícia se acumula nos terminais dos aeroportos.

PADEIROS: NOVA GREVE?

Os Sindicatos da Indústria de Panificação estão hoje reunidos em Lisboa para analisarem os resultados da greve nacional do passado sábado, admitindo-se que possam decretar novas greves para dentro em breve, radicalizando deste modo um processo de luta tendente a obter melhorias salariais e forçar o patronato a negociar.

Segundo informações já disponíveis, a greve teve resultados «bastante positivos», com índices de adesão que, em Lisboa, Porto e Setúbal rondaram, respectivamente, os 80, 90 e 95 por cento. Segundo os sindicatos, essa percentagem desceu para 60 por cento no distrito de Braga e no Algarve, zonas onde se registou menor adesão.

Apesar da greve, o pão não faltou totalmente, no fimde-semana, já que o patronato havia armazenado grandes quantidades nos frigoríficos, durante a semana. Por outro lado, verificou-se a presença de elementos estranhos à classe nas zonas de fabrico, em contravenção da lei da greve e em ofensa às normas que protegem a saúde pública. Na verdade, esses elementos não dispõem do indispensável boletim de sanidade.

No entanto, a intervenção dos piquetes de greve no sentido de

à saúde pública, esbarrou com o estranho comportamento da Polícia, que se furtou a fazer o levantamento das irregularidades, chegando mesmo a hostilizar as delegações sindicais. Os casos detectados, segundo apurámos, vão ser objecto da competente participação.

A atitude do público foi, de um modo geral, compreensiva e solidária. O mesmo se não pode dizer de alguns sectores do patronato. De assinalar a agressão de que foi vítima, na presença de elementos da Inspeção - Geral do Trabalho, a dirigente sindical Lucília Ferreira da Silva. O incidente ocorreu por ocasião da visita à Sopas, de Santarém, quando se procedia à identificação de elementos estranhos à empresa. Agressor: o sócio-gerente Fernando Trindade, presidente da Associação dos Industriais da Panificação de Lisboa. O assunto seguirá a competente via judicial.

LIMPEZA: 3 DIAS DE GREVE

Trabalhadores de limpeza do Porto, reunidos ontem no Salão do Inatel, decidiram reafirmar as decisões do plenário do passado dia 5 e, bem assim ratificar a já anunciada greve para os dias 23, 24 e 25 do corrente mês.

Foi, ainda, decidido identificar essas pessoas e evitar a discussão de um atentado, no sentido de se obter apoio quanto à forma de luta já decidida na zona Sul.

jectivos que vêm reivindicando: pagamento imediato dos 1200 escudos que os patrões devem a cada trabalhador, desde Junho, fim dos contratos a prazo e conclusão das negociações da nova tabela salarial.

PARAMÉDICOS: GREVE NO SUL

Em plenário efectuado em Lisboa na última quinta-feira, os técnicos paramédicos da zona sul decidiram marcar para 4 de Dezembro um dia de greve, a efectuar caso até ao fim deste mês não tenham sido resolvidos os problemas da classe.

Estes prendem-se com a publicação de um decreto-lei recentemente aprovado em Conselho de Ministros, mas ainda não enviado para promulgação, onde se contemplam questões como pagamento dos retroactivos e a contagem de antiguidade a partir de 1 de Março, a aplicação a todos os departamentos em regime de administração normal, e a resolução dos problemas com o Tribunal de Contas. O referido diploma está pendente no Ministério das Finanças e do Plano e na Secretaria de Estado da Administração Pública.

No mesmo plenário ficou decidido encetar contactos com o Sindicato dos Técnicos Paramédicos do Norte e Centro, que marcou para o dia 25 uma assembleia para discutir a possibilidade de se obter apoio quanto à forma de luta já decidida na zona Sul.

DEVOLUÇÃO ESCANDALOSA

Trabalhadores da Real Vinícola marcam greve para sexta-feira

Reunidos ontem em plenário os trabalhadores da Real Vinícola/Real Companhia Velha decidiram, por unanimidade, entrar em greve «geral e total» na próxima sexta-feira, dia 24. Por outro lado, vão tentar a partir de amanhã uma audiência com o Presidente da República.

Durante a reunião foram contestadas as deliberações tomadas durante o «plenário fantoche» da passada sexta-feira, na sede da empresa, no qual foi ilegalmente «destituída» a comissão de trabalhadores e constituída uma outra provisória.

Depois de várias intervenções de trabalhadores para que seja reposta a legalidade na empresa, o plenário aprovou, também por unanimidade, uma moção em que se afirma que a situação na empresa «começa a tornar-se verdadeiramente ins-

sustentável, pois a repressão, o terror e a perseguição aumentam de dia para dia». O documento sublinha ser «uma afronta» para os trabalhadores «os despedimentos (12) sem justa causa, as sanções arbitrárias, o corte de regalias conquistadas, as despromoções, e baixas de vencimentos, o policiamento», etc. Também, a contratação de seis ex-comandos («autênticos polícias que vigiam dentro da Companhia — e fora dela — todos os movimentos de certos trabalhadores») é denunciada e contestada nessa moção.

O plenário subscreveu, por último, um voto de confiança às organizações legítimas dos trabalhadores e decidiu «apoiar todos os trabalhadores do Douro que lutam por melhores condições de vida e dignidade, sendo

certo que foram dos mais explorados por Silva Reis», o antigo patrão a quem o Governo Nobre da Costa devolveu as duas empresas, antes intervencionadas.

Indivíduos afectos à administração encenaram o «plenário» de sexta-feira, ao qual a esmagadora maioria dos trabalhadores não compareceu, correspondendo desse modo ao apelo dos órgãos que legitimamente os representam. Entre os presentes contavam-se trabalhadores menos esclarecidos da região do Douro, arrebanhados para o efeito e transportados de camioneta para as instalações da empresa, em Gaia.

Foi esse grupo que «destituíu» a comissão de trabalhadores legalmente eleita, vedando aos elementos que dela faziam parte a possibilidade de exercerem de novo esse cargo sem prévia aprovação daquilo a que se chamou o «plenário geral».

No exterior da empresa grande número de trabalhadores que não assistiu a este «plenário fantoche» contestou a «esmagadora percentagem» dos trabalhadores presentes ao mesmo.

Segundo esses trabalhadores, o «plenário» não foi convocado «nos termos legais e democráticos» porque, acentuaram, «houve trabalhadores a quem não foi permitida a presença, e por outro lado aparecem como presentes 174 pessoas, quando os trabalhadores efectivos são 99, no seu total, número, aliás, confirmado pelas Caixas de Previdência». Assim, frisaram, «teriam estado no «plenário» cerca de 100 pessoas que não pertencem aos quadros da empresa, ou seja, a maioria». Os mesmos trabalhadores afirmaram ainda tratar-se «de uma manobra ilegal e provocatória, tendente a lançar a divisão e o confronto entre os trabalhadores».

dos Sapateiros.

Aqui foi denunciado por um membro da CT da fábrica de Países Vovos, o grave atentado praticado pelo Governo Nobre da Costa contra a economia nacional, ao decidir a desintervenção daquela empresa. Falou também Manuel de Carvalho do secretariado executivo da CGTP-IN que atacou a política antipatriótica do governo, tendo sido aprovada, no final, uma moção em que se exige «a imediata cessação da brutal repressão» sobre os trabalhadores do Alentejo, que se adoptem medidas que ponham termo ao desenfreado aumento do custo de vida e que se obrigue o patronato a negociar os CTTs.

Gráficos do Norte admitem formas de luta para breve

Reunidos no Porto, trabalhadores gráficos dos distritos do Porto, Bragança, e Vila Real, decidiram apoiar a comissão negociadora sindical para que continue a negociar o contrato colectivo de trabalho semivertical.

Foi, ainda, «repudiada energicamente a acção divisionista da pseudo-central sindical paralela, que mais não visa, entre outras coisas, do que a divisão dos trabalhadores portugueses». Decidido, ainda, por unanimidade, e aclamação apoiar «as manifestações promovidas pelas uniões sindicais dos distritos do Norte, que vão realizar-se no próximo dia 1 de Dezembro», em Bragança, Braga, Porto, Viana do Castelo, e Vila Real, «contra o aumento do custo de vida, contra a repressão e contra a violência na zona da Reforma Agrária».

O plenário condenou, também, «a actuação repressiva da PSP contra os trabalhadores têxteis».



ESCOLA DE CONDUÇÃO

**ANTÓNIO
DA ESCOLA, LDA.**

MEIO SÉCULO AO SERVIÇO DO
ENSINO DE CONDUÇÃO

AUTOMOVEIS LIGEIRAS, PESADAS E MOTOS
AMADOR E PROFISSIONAL

AULAS DIÁRIAS DE MECÂNICA E CÓDIGO

TRATA DE TODOS OS DOCUMENTOS

PARA CONDUTORES E VEÍCULOS

SEDE: P. Olegário Mariano, 6-2.º — Tels. 822894-821826
LISBOA



Ministério da Educação e Cultura
Secretaria de Estado da Cultura
Direcção-Geral do Património Cultural

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

DIRECÇÃO-GERAL DE ESPECTÁCULOS

COMPANHIA NACIONAL DE BAILADO

Programa da Temporada de 1978/79
6.ª Feira, 24 de Novembro às 21.30 horas
Domingo, 26 de Novembro às 16.00 horas

REPORTÓRIO

SINFONIA 3 (C. Trincheiras — Stravinsky)

ENCONTROS (E. Von Gency — P. Duplessis-Dido)

AD LIBITUM (P. Hurde — D. Chostakowitch)

FESTIVAL DAS FLORES (A. Bournonville-E. Helsted)

BAILE DOS CADETES (D. Lichine — J. Strauss)

Colaboração plástica de Justino Alves, Querubim
Lapa e Manoel Lapa

Bilhetes à venda, com redução de 50% para estudantes
terceira idade e sindicatos ligados ao espectáculo



**SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA HOTELARIA, TURISMO,
RESTAURANTES
E SIMILARES DO SUL**

ELEIÇÕES

PARA OS CORPOS GERENTES

**ELABORAÇÃO
DOS CADERNOS ELEITORAIS**

esclarecimento

Até ao dia 10 de Fevereiro de 1979, limite
estatutariamente previsto, e em data a anunciar
posteriormente, irão realizar-se as eleições para
os Corpos Gerentes deste Sindicato.

Por esse motivo informam-se todos os sócios
de que, para efeitos de elaboração dos Cadernos
Eleitorais, serão incluídos todos aqueles
trabalhadores que procederem ao pagamento da
quotização pelo menos até ao mês de Outubro,
inclusive.

Lisboa, 15 de Novembro de 1978

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA-GERAL

a) Maria Manuela Antunes Barreto

S. JOÃO DA MADEIRA

Milhares de manifestantes contra "política antipatriótica"

Milhares de trabalhadores manifestaram-se no sábado à tarde em S. João da Madeira, expressando o seu repúdio contra a violência no Alentejo e contra o aumento do custo de vida.

Promovida pela União dos Sindicatos de Aveiro, a manifestação constituiu uma demonstração vigorosa da vontade dos trabalhadores da região de que se não governa contra os seus interesses. «A Reforma Agrária, dá pão, a violência não» — o custo de vida aumenta, o povo não aguenta», «trabalho sim, desemprego não», foram as palavras de ordem mais insistentemente gritadas ao longo do desfile que, depois de percorrer as principais ruas da vila, terminou em frente da sede do Sindicato

EUROPA

ESPAÑA

Desfeita conjura militar fracassa manifestação da extrema-direita

Ao fracasso da intenciona dos militares da ultradireita espanhóis que na passada sexta-feira tentaram ocupar o Palácio de Moncloa, onde o Conselho de Ministros se encontrava reunido, e proclamar um «Governo Nacional de Salvação», contra a Constituição que vai ser referendada no dia seis do próximo mês de Dezembro, há a juntar-se o malogro da manifestação da extrema-direita espanhola na Praça do Oriente para lembrar o terceiro aniversário da morte do ditador Franco. Contando com a solidariedade das forças nazis e fascistas da Europa a «Força Nova» de Blas Pinar que, nas primeiras eleições livres em Espanha depois da Guerra Civil apenas conseguiu um por cento de votos, não juntou mais de 250 mil nostalgicos de uma ditadura militar, dum regresso ao fascismo.

Como diz o nosso correspondente em Madrid, Fernando Jau-regui, o plano dos militares da extrema-direita, integrado no âmbito da «Operação La Galáxia», foi qualificado como «uma tentativa de loucos», e fracassou antes de ser concretizado. Vários oficiais foram presos, encontrando-se detido em Cartagena (Murcia) um general da Guarda Civil (semelhante à nossa GNR), chamado Juan Atares. Este general conhecido pelas suas ideias ultraconservadoras, chamou «traidor» ao ministro da Defesa e chefe máximo militar, o reformista tenente-

general Gutierrez Mellado.

Juan Carlos, o rei espanhol, prossegue a sua visita ao México, Peru e Argentina, declarando não ser a situação suficientemente grave para adiar a sua viagem. A mesma opinião seria expressa por Marcelino Oreja, ministro dos Negócios Estrangeiros que segue na comitiva do Rei.

Entretanto a alma da conjura tramada contra o Palácio de Moncloa, sede do Governo, o tenente-coronel da Guarda Civil, António Tejero Molina, foi preso. Era conhecido em toda a Espanha como um dos activistas mais notórios no seio das Forças Armadas.

Foi detido já por várias vezes por ter tomado posições contrárias ao poder civil, nomeadamente em Málaga, há dois anos, por ter punido um oficial que se recusara a dispersar uma manifestação autorizada pelo Governo civil.

Há um mês fora detido por ter feito publicar num quotidiano de direita «El Imparcial», uma carta aberta ao Rei criticando o abandono de princípios «que merecem o sacrifício da nossa «vida».

Anteriormente, no país Basco tinha sido mudado de unidade pela sua oposição sistemática às medidas relacionadas com a legalização da bandeira regional basca («Ikurrina»).

Quanto ao general Gomez de Salazar, que foi encarregado pelo Governo de dirigir o inque-

rito sobre a tentativa de conjura, presidiu ao Conselho de Guerra que condenou a fortes penas de prisão nove oficiais das Forças Armadas membros da União Militar Democrática, grupo formado no último ano do franquismo por oficiais liberais.

ASIA

CHINA

Mao acusado de apoiar o "bando dos quatro"

Um jornal da parede achava-se colado ainda hoje de manhã, na avenida principal de Pequim, acusando o falecido Mao Tsé-Tung de ser partidário do Bando dos Quatro, preso um mês após a sua morte e de que fazia parte a sua mulher, sob a acusação de planejar um golpe de Estado.

O «poster» na avenida, segundo observaram diplomatas estrangeiros, sugeria certa espécie de sanção oficial.

Foi escrito por um operário de reparação de automóveis de Pequim e afirma a dado passo que «o Presidente Mao, devido ao seu pensar ser metafísico durante a sua velhice e por toda a espécie de outras razões, apoiou o Bando dos Quatro quando este ergueu as suas mãos para bater no camarada Teng Hsiao-Ping».

Diz ainda o operário que o «Bando se serviu do julgamento errado do presidente Mao acerca da luta de classes e se aprovei-

A Frente Sandinista Nacional (FSLN) recomeçou os combates contra as tropas de Somoza nas cidades de San Carlos e Sabalo, fronteiras com a Costa Rica, as mesmas áreas em que a FSLN combateu duramente contra os efectivos somozistas na sublevação popular de Setembro último.

Por outro lado, a Organização dos Estados Americanos (OEA)

AMÉRICA LATINA

Sandinistas recomeçam combates OEA condena Governo de Somoza

que esteve recentemente na Nicarágua para investigar várias denúncias de violação dos Direitos Humanos, publicou já o seu relatório em que denuncia o Governo de Somoza de cometer «graves atentados à vida», «execução sumária de pessoas», «bombardeamentos de cidades sem previa evacuação civil», «torturas a presos políticos», «ataques armados à Cruz Vermelha».

A equipa dos seis observadores da OEA, que esteve na Nicarágua, do dia três a 12 de Outubro passado, pode comprovar dezenas de casos concretos de violência governamental, que são incluídos no seu relatório. Fontes diplomáticas norte-americanas consideram que, após este relatório, o Governo de Jimmy Carter terá a justificação para condenar publicamente o regime do general Somoza.

Diplomas recordam que em Setembro passado, Warren Christopher, subsecretário norte-americano de Estado, afirmou na OEA, que se as acusações de violação dos Direitos Humanos por parte do Governo de Somoza fossem verdadeiras mereceriam a «condenação absoluta». Em entrevista ao semanário americano «Newsweek» publicada ontem em Nova Iorque, Eden Pastora, o «comandante Zero», chefe dos guerrilheiros da Frente Sandinista,

afirmou que a Nicarágua ia de novo para uma guerra civil. Estima Pastora tardia a mediação americana e declara: «Nós mudamos a nossa tática, atacaremos a Guarda Nacional nas suas deslocações...E pensamos poder derrubar Somoza», anunciando disporem já de novas armas anti-aéreas.

O dirigente sandinista sublinha que o seu movimento é nacionalista e pluralista e visa a «revolução democrática».

Em Manágua, capital da Nicarágua, estão a ser julgados os quatro principais suspeitos do assassinio do jornalista Pedro Joaquín Chamorro Cardenal. Durante os interrogatórios negaram a sua participação no crime. De acordo com as declarações dos suspeitos, a Polícia, obrigou-os, com praticas de tortura, a responsabilizarem-se pelo atentado.

Recentemente as autoridades judiciais fizeram a reconstrução do crime, o que a família de Chamorro considerou uma nova burla à justiça. «La Prensa», o jornal que Chamorro dirigiu durante 25 anos, considerou que a «comédia da reconstrução» do crime revela que tudo continua na mesma: «sabe-se quem cometeu o crime material, mas ainda estão por determinar os autores intelectuais e os que deram o dinheiro».

Sistema

da proporcionalidade limita vitória do MDB

Apesar do maior número de votos conseguidos pela oposição brasileira nas eleições legislativas do dia 15 de Novembro, o Governo conseguirá salvar-se, devido à maioria no Congresso, dividido em circunscrições eleitorais.

Esta organização é consequência das reformas eleitorais impostas em Abril de 1977 pelo Presidente Geisel, com o objectivo de impedir que a oposição obtenha a maioria no Congresso.

Já são conhecidos 60 por cento dos votos. E, segundo as

estatísticas oficiais, o partido da oposição, «Movimento Democrático Brasileiro», está nitidamente à frente da ARENA (partido governamental). Os últimos resultados anunciavam diferenças, de 14 milhões de votos (MDB) para oito milhões (Arena).

A oposição brasileira insiste no apoio de que beneficiou por parte dos brasileiros esclarecidos do Sul e das grandes cidades. «Isto significa que o Brasil que pensa e analisa, que lê os jornais e se informa está a decidir-se a favor da oposição», considera o senador Roberto Saturnino, um dos líderes do MDB.

MÉDIO ORIENTE

A América não intervirá no Irão

Os Estados Unidos não intervirão no Irão para manter o xá no poder, assegurou ontem o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance. Esta posição vem na sequência de declarações de Brejnev prestadas ao «Pravda» no passado sábado, em que assinalava que «qualquer interferência, especialmente uma interferência de tipo militar nos assuntos do Irão — país que tem fronteiras com a União Soviética — será considerada pela URSS como uma questão que afecta os seus interesses de segurança».

Cyrus Vance nega o apoio e uma intervenção directa, não deixando, contudo, de assinalar

que manterá com o Irão «uma estreita relação política, económica e de segurança».

Por seu turno, o ministro saudita dos Negócios Estrangeiros, príncipe Saud Al Faïçal, elogiou ontem o xá do Irão, e disse que o seu Governo é a favor da continuação do seu reinado.

Em entrevista ao jornal «Al Medina», sustentou: «Temos relações económicas, políticas e sociais com o Irão visto que pertencemos à mesma região, e isto é a razão por que quaisquer problemas no Irão causam ansiedade na região e no Mundo em geral».

Paz no Médio Oriente ensombrada por Begin

Será um «crime histórico» para o primeiro-ministro israelita, Menachem Begin, arruinar politicamente o presidente Sadat, estima o rei Hassan II de Marrocos numa entrevista publicada hoje pelo «Newsweek».

«Não é culpa dos outros países árabes se não apoiam o presidente Sadat», acrescentou o Rei Hassan. «A culpa é de Begin».

Em entrevista concedida à revista alemã «Der Spiegel», também um outro monarca do Médio Oriente, para o caso o rei Hussein da Jordânia, renovou as suas críticas aos acordos de Camp David. Curiosamente, o

rei Hussein que durante muito tempo foi considerado o maior árabe, afirmou que gostaria de ver a União Soviética desempenhar um papel mais activo na resolução da crise do Médio Oriente, evocando a sua copresidência na Conferência de Genebra.

O monarca jordano expressaria ainda não ter dúvidas das «boas intenções de Sadat nem da honestidade do presidente norte-americano, mas tudo depende daquilo que Israel aceitar, e tudo continua sujeito a um veto israelita em qualquer altura», disse.

Ocidente recebe refugiados do Vietname

As autoridades malaias estão a efectuar conversações urgentes, procurando ainda forma, sem perda de prestígio, de sair do impasse diplomático provocado pelo navio de refugiados vietnamitas «Hai Hong». Diplomatas ocidentais, cujos governos anuíram em receber alguns dos 2500 vietnamitas disseram esperar que sejam autorizados em breve e ir a bordo do velho cargueiro para os entrevistar, desejo que a Malásia tem recusado.

O Canadá, França, Bélgica e Estados Unidos informaram que receberão alguns vietnamitas do «Hai Hong», ou dos 35 mil que já se encontram em campos de refugiados na costa oriental da Malásia.

Quartel assaltado em Bilbao

Um quartel da Polícia no País Basco foi hoje alvo de um ataque por um grupo extremista, tendo a «Gaceta del Norte» anunciado que foram mortos ou feridos vários policiais.

O ataque ocorreu em Basauri, a oito quilómetros de Bilbao, a meio da manhã.

O Canadá aceita 600 refugiados. «Esperamos autorização do Governo malaio para isso», disse um informador da Alta Comissão do Canadá, em Kuala Lumpur, capital da Malásia.

Por seu turno, um informador francês declarou esperar que lhe fosse entregue uma lista de passageiros. afirmou aceitar refugiados do «Hai Hong».

A anuência em receber as delegações diplomáticas ocidentais no cargueiro, que se acha ao largo da costa ocidental da Malásia, desde princípios de Novembro, poderia vir a ser um problema para o Governo malaio, que se recusou sempre a reconhecer os passageiros do «Hai Hong» como verdadeiros refugiados.

Prémio Erasmo 79 coube à Imprensa

O Prémio Erasmo 1979, foi atribuído desta vez à Imprensa. Coube ao jornal suíço «Nueve Zuercher Zeitung» e ao semanário alemão federal «Die Zeit».

Os prémios, num valor de 100 000 florins — cerca de 2000 contos — serão entregues no dia 19 de Setembro de 1979 pelo príncipe Bernhard da Holanda, regente da «Fundação Præmium Erasmus».

O Comité Director desta fundação «recompensa o «Neue Zuercher Zeitung» pelo facto de que durante dois séculos, através da sua posição independen-

te e da qualidade do seu jornalismo, este jornal soube constituir uma fonte constante de inspiração na formação da opinião pública da Europa».

No seu comunicado hoje publicado, a fundação anuncia que «Die Zeit» é recompensado pelo facto de que «este semanário de alta qualidade contribuiu para fazer nascer uma mentalidade humana e democrática na Alemanha do pós-guerra, revelando-se como sendo um fórum político e cultural para opiniões muito diversas».

Canal da Crítica

"Eu já sei quem tenho em Évora..."

Os amáveis cavaleiros da RTP obrigaram a audiência a estar de pé, até à uma hora da madrugada para conhecer os resultados das eleições em Évora. Isto não se faz. Que na televisão não se goste de certos resultados, é uma coisa. Mas olhem que a vingança é muito feio...

CRONÓMETRO SOFRE...

Fora no tom elevado e solene dos cantos épicos que a televisão nos habituara a estas eleições.

Francamente, estranhei. Por muita credence ou por muita ilusão de que se julgue capaz a mente humana, ninguém no Lumiar (e arredores...) iria por certo acreditar na derrota da APU. Qual a razão oculta desta autêntica euforia reinante na TV?

Para tudo dizer: já se esperava por lá a subida do PPD. Talvez se exagerasse até na subida...

A atenção prestada ao PPD nos noticiários da televisão tem sido qualquer coisa de absorvente. Não estou a subjectivar. Meus cronómetros não se enganam.

A CULPA É DO MANO

Foi anunciada mais ampla reportagem e mais completa informação no Jornal das 24 horas (ah, esta mania dos títulos pomposos!) mas, a esse respeito, nadinha.

Porquê? Porque, dizia o locutor, a informação dois estava a utilizar os circuitos que servem os dois programas.

Queixinhas...

TV ÀS ESCURAS

As críticas apontadas não envolvem o labor desenvolvido pelos dois enviados especiais a Évora, Cesário Borga e Soares de Oliveira. Labor objectivo e metódico, a desenvolver-se em condições precárias. Prejudicado pelas deficiências das mais simples estruturas: só interrupções houve duas, por falta de energia eléctrica, causada, suposto eu, por sobrecarga de corrente que rebentava com os fusíveis.

Labor que não chegou a ser integralmente aproveitado porque, em jornalismo, as refeições frias não prestam.

TOURADA

A bagunça que vai por aquela pobre casa nota-se nos mais simples pormenores.

Assim, Ana Hatherly esteve longamente a falar sem som e só tarde e a más horas deram por isso.

A certa altura, a propósito de qualquer reunião mundana do PPM (quem?) falou-se de David Ribeiro Teles, nome de toureiro.

Não era David, era Gonçalo. Ninguém deu por isso. A gralha passou em claro. Também que importava, Gonçalo ou David? Aquilo afinal não passava de mais uma tourada...

NÃO, A GENTE NÃO QUER SÓ BOLA

Pereira de Sousa, foi ganhando em programas de circunvalação prática de TV. Não conseguiu ainda aquele ritmo, aquele carácter de proximidade que na TV se exige. Os locutores de televisão devem falar face às câmaras como se estivessem numa pequena sala, a falar ou a ler para conhecidos.

Aquele profissional recorre,

com inegável êxito por vezes, a um tom coloquial, aquilo a que no teatro se chama de «buchas». Não esquecerá porém que o melhor improvisado é aquele que se estuda até à saciedade. Chaplin dizia isso, e praticava-o.

Se não, um descuido e é a morte do artista. Exemplo: depois de se enumerarem alguns acontecimentos políticos e profissionais afirmou que «para muita gente, o importante, o mais importante, esteve ali no Estádio da Luz...»

Trata-se de uma defeituosa visão da realidade ou de uma expressão defeituosa? Não sei. Sei que não é educativo.

Todos os que aparecem na TV, por um minuto ou ainda menos, são educadores. Não se esqueçam nunca.

ISTO É TV

Cada qual é para o que nasce. José Hermano Saraiva nasceu para professor, ou seja: para animar o gosto de aprender.

Joga, para isso, em vários tabuleiros. No humor, no pitoresco, na documentação, na palavra emocionada, no exemplo concreto mais útil em TV do que mil abstrações. Partir dos vândalos até chegar à destruição da Igreja de Joane, passar dos tempos idos para chegar à actualidade com a exportação indecente de trabalhos culturais e trabalhos do engenho popular através dos tempos, — e fazer tudo isso sem desligar o telespectador, é deveras singular.

Tem razão José Hermano Saraiva: temos de unir todos os es-

forços para evitar a sangria criminosa. Até nisso deu indicações práticas e vivas.

De súbito, a «arte» de ensinar transforma-se em espectáculo. Chama-se a isto verdadeira televisão.

ASSIM, NÃO

Falou-se muito no Amor de Perdição. Até foi dito que era um folhetim. E como nele estão envolvidos nomes de grande valor (equipa realmente impressionante) cuidou-se que iríamos assistir a uma obra com muita capacidade de penetração popular.

Tal não acontece, porém. As telenovelas brasileiras habituaram-nos a um determinado ritmo de linguagem que

Continua na pag. 22



FAZEMOS AMANHÃ 3 ANOS

REUNIMOS 10 FILMES DE 10 CINEASTAS

HISTÓRIA IMORTAL
O HOMEM QUE MATOU LIBERTY VALANCE
A GRANDE ILUSÃO
O DESPREZO
A MÁSCARA
DESERTO VERMELHO
FELLINI 8 1/2
VIRIDIANA
O GENERAL
O COURAÇADO POTEMKINE

Orson Welles
John Ford
Jean Renoir
Jean-Luc Godard
Ingmar Bergman
Michelangelo Antonioni
Federico Fellini
Luís Buñuel
Buster Keaton
Serguei Eisenstein

... E VOCÊ

(OS 10 MELHORES REALIZADORES DE SEMPRE segundo a revista «Sight and Sound»)

A PARTIR DA 14.30 DE AMANHÃ NAS 4 SALAS



HENRIQUE VIANA O TAL!

PAPEL SELADO DO DUPLO EDITAL

VEJA HOJE ÀS 21.30 A REVISTA QUE DISSE O QUE A CRÍTICA NÃO DISSE!

— VIVA O CONSUMIDOR!!!



Telef. 87 44 76

FARDOS E GUITARRADAS

Não acons. a m/18 anos



BILHETES À VENDA NOS LOCAIS DOS ESPECTÁCULOS

GISELA MAY

A GRANDE ACTRIZ CANTORA DA RDA NUM FESTIVAL DE BRECHT HOJE ÀS 21.45 ÚLTIMO ESPECTÁCULO

No Teatro Nacional D. Maria II



A ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA ACONSELHA OS SEUS SÓCIOS E O PÚBLICO EM GERAL A NÃO PERDER ESTE GRANDE ESPECTÁCULO

SEGUNDA-FEIRA, ÀS 21.45 H.

ÚLTIMO ESPECTÁCULO NO TEATRO D. MARIA II

DIA 21, ÉVORA — DIA 22, — BEJA
DIA 23, TORRES NOVAS



O Anjo Azul

I PROGRAMA

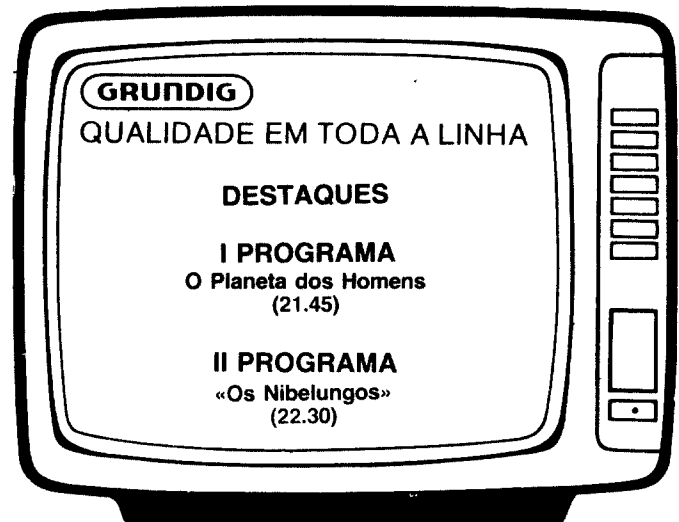
- 18.25 Sumário
- 18.30 Um, dois, três... é a nossa vez
- 19.05 País, País — Noticiário e reportagens regionais
- 19.25 Desporto e vida — um programa da Direcção-Geral dos Desportos
- 20.00 Jornal RTP-1 — As notícias do País e do estrangeiro e o Boletim Meteorológico
- 20.35 Perfil — Alguns minutos com figuras da cultura portuguesa. Hoje Artur Lucena
- 20.40 O Astro — (Episódio n.º 26). Com Francisco Cuoco no personagem Herculano Quintanilha
- 21.30 Compadre Bicho — (6.º episódio) — «A Cobra». Interpretado principal: Hal Linden. Realizador: Lester Cooper
- 21.45 O Planeta dos Homens — Um programa de humor com João Soares
- 22.40 24 Horas — As notícias mais importantes das últimas 24 horas
- 23.00 Encerramento da emissão

II PROGRAMA

Ano Propedéutico

- 18.45 Língua Portuguesa; História; Ciências Naturais; Desenho
- 20.30 7 Dias da Semana — Roteiro Cultural e Recreativo. Apresentação de Nuno Martins. Coordenação de Fernando Assis Pacheco
- 20.55 O Anjo Azul — 2.ª parte. «Registo de uma das mais recentes 'Revistas' de cabaret parisienses apresentada e produzida por Jean-Marie Rivière que se afastou da direcção do célebre 'Alcazar de Paris' para criar o seu próprio 'établissement' intitulado 'L'Ange Bleu' em memória da inefável Marlene Dietrich.»
- 22.00 Informação/2
- 22.30 Espaço dramático — «Os Nibelungos» — 2.º programa
- 23.45 Fecho

TUDOR BATERIAS • PILHAS



GRUNDIG

QUALIDADE EM TODA A LINHA

DESTAQUES

I PROGRAMA

O Planeta dos Homens (21.45)

II PROGRAMA

«Os Nibelungos» (22.30)

Amanhã

I PROGRAMA

09.12: Ano Propedéutico, 13.25: Ciclo Preparatório TV, 18.25: Sumário, 18.30: Ha fitas, 19.05: País, País, 19.25: A Ciência a cada passo a cada passo a Ciência, 20.00: Jornal RTP-1, 20.35: Perfil, 20.40: O Astro — episódio n.º 27, 21.15: Zoom, 21.50: Cinema «O Preço da Juventude», 23.35: 24 Horas, 23.50: Fecho

II PROGRAMA

18.45: Ano Propedéutico, 20.30: Palavras herdadas, 21.10: Espaço Audiovisual, 22.30: Eu, Claudio episódio n.º 6, 23.30: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Crítica
de
Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Nem sempre as instituições com maiores responsabilidades culturais se furtam às engrenagens de uma rotina (internacionalmente estabelecida) que, no campo da música, tem a sua origem numa rede de agentes comerciais, empresas, editoras, operações de publicidade, etc. Daí resulta que a programação dos concertos e a circulação dos artistas passa a ser determinada em grande parte por critérios estranhos às solicitações reais do meio em que se manifestam. Entramos então numa espécie de mundo fictício: existe uma aparência de vida musical, mas não existe uma relação profunda, essencial, entre quem faz a música e quem a ouve. As pessoas vão aos concertos somar sucessivos actos de consumo (como quem vai ao supermercado), mas não transformam, nem podem transformar, as experiências musicais em autênticas vivências, que lhes abram novos horizontes mentais, que as enriqueçam na sua individualidade e na sua consciência colectiva, enfim, (e para usar a sugestiva expressão de Leonard Bernstein) que as **puxem para a frente**.

Receio bem que as temporadas de concertos da Fundação Gulbenkian estejam a deixar-se

Os últimos concertos da Gulbenkian

enredar demasiadamente neste vício do consumo pelo consumo, perdendo de vista o sentido verdadeiramente criador que deve orientar qualquer manifestação artística, seja ao nível da partitura que sai das mãos do compositor, seja ao nível da execução dos intérpretes, seja ao nível da organização dos programas e do destino social dos concertos.

Olhamos para o plano desta temporada Gulbenkian e ficamos com a ideia de que tudo surge aí um pouco por acaso, sem um princípio unificador a dar consistência ao conjunto. Nem estamos com o nosso tempo (pois só por excepção lá aparece representada a música contemporânea); nem estamos com os nossos artistas e compositores (pois só por milagre lhes é dada ali oportunidade); nem estamos com a historicidade da música (pois, **nem por excepção, nem por milagre**, o amontoado inorgânico de obras e compositores, ao longo dos programas, tem algo a ver com a evolução histórica do homem e da sociedade na sua dimensão musical. Também não estamos, ao menos, a beneficiar da concepção hedonista que reduz a música a um mero aglomerado de sons **agráveis ao ouvido** (negando-a como linguagem provida de significado), já que, na música, como em qualquer outra arte, o conhecimento (a actividade intelectual) é parte integrante do prazer, e este é tanto maior quanto mais íntima for a fusão dos elementos intelectuais e sensoriais.

Vêm estas reflexões a propó-

sito dos últimos concertos da Gulbenkian. O «dedo» do agente comercial, por sobre o critério cultural, foi desde logo visível no concerto dirigido pelo maestro israelita Uri Segal: maestro medíocre que veio dirigir um programa medíocre, concebido na sua maior parte em termos de «encher o tempo», e mais nada. Além disso, com a agravante da adulteração do belo trípico sinfónico **Abertura, Scherzo e Final** de Schumann, interpretado como uma espécie de caricatura, com a orquestra desequilibrada entre o volume de sopros e o das cordas (este manifestamente insuficiente para compensar aquele).

UMA ORQUESTRA DE MOSCOVO QUE NÃO ERA «A TAL»

Mas o caso mais escandaloso reside no anunciado concerto pela Orquestra de Câmara de Moscovo. O agente comercial «chamou» Orquestra de Câmara de Moscovo a uma Orquestra de Cordas com largas tradições e pergaminhos artísticos, desde a sua fundação em 1961, mas que não se confunde com a Orquestra de Câmara de Moscovo (a autêntica), durante muito tempo dirigida por Rudolf Barchai (desde a sua fundação em 1956) e cuja composição instrumental compreende também sopros e tímpanos, além das cordas (trata-se de uma orquestra de tipo haydnyano ou mozartiano, que aliás tem registado em disco muitas realizações insuperáveis

dos mais clássicos). A Gulbenkian acreditou e quase nos fez acreditar a nós na identidade da orquestra, tal a qualidade técnica evidenciada e tal o nível musical (no que se refere ao espírito de música de câmara) da execução das diferentes obras incluídas no programa. O agente comercial terá «sonogado» um adjectivo qualquer, talvez «Juvenil», que precisaria a verdadeira entidade da Orquestra.

Fundada por ocasião de um festival de Orquestras Juvenis que se realizou na Finlândia em 1961, este agrupamento tem sido preparado e dirigido desde então por Mikhail Teryan. A sua técnica de direcção alia a sobriedade ao poder de sugestão expressivo, abandonando em muitas ocasiões a percepção da marcação do compasso (sem jamais deixar a orquestra à deriva no que se refere à precisão do ataque, do ritmo, do andamento). Uma linha que teve ocasião de observar num Mravinski (através de filmes) e de um Rodjvinsky (recentemente, através da TV), sendo aquele por assim dizer mais austero e este muito mais exuberante.

Do trabalho de Teryan, à frente de jovens instrumentistas professores do Conservatório e da Escola de Música de Moscovo, instrumentistas que se vão renovando ao longo dos anos para que o agrupamento mantenha o seu carácter juvenil, resultam as qualidades excepcionais deste: «a exactidão rítmica, a expressividade do fraseado, o dinamismo da sonoridade e o equilíbrio dos diferentes napes»

(para usar palavras suas). Por detrás destes atributos do colectivo está evidentemente, o talento, o apetrechamento técnico e a formação musical individual dos artistas, educados naquela que continua a ser a melhor escola de arco da actualidade. Os valores individuais ressaltaram, de resto, nas excelentes intervenções dos solistas (que fazem parte do corpo da orquestra): a violonista Vera Borisova (no concerto de J.Ch Bach) e as violoncelistas Tatiana Dijkstra e Júlia Strincnikova na «Sonata em sol menor» para dois violoncelos e orquestra de Haendel).

ORQUESTRA GULBENKIAN EM MOSCOVO

Do mal do «consumo pelo consumo» ressentem-se a própria Orquestra Gulbenkian, que tem estado à mercê constantemente de maestros importados. Não existe como unidade, como corpo musical verdadeiramente coeso. Não tem um repertório. Não tem um estilo. Não tem sequer uma composição definida. Tudo isso estará patente quando for agora a Moscovo.

Para se saber aqui do que a Orquestra irá fazer lá, tivemos agora oportunidade de a ouvir executando boa parte do programa escolhido para essa «embaixada», sob a direcção do maestro encarregado da missão, o austríaco Gustav Kuhn.

Admitindo que a escolha do maestro (independentemente da questão de ser estrangeiro) recaiu sobre um profissional de craveira — que o é — há que reconhecer os limites das suas possibilidades dadas as condições de trabalho da Orquestra. O concerto foi bom. Será ainda melhor, decerto, em Moscovo. Mas falta, de toda a evidência a capacidade de transmitir a impressão

de segurança e de pleno domínio interpretativo que se sente em qualquer orquestra de nível elevado, há muito habituada ao seu repertório.

De assinalar a inclusão no programa de uma obra de Joly Braga Santos (o Divertimento nº2), encomendada especialmente pela Fundação Gulbenkian: uma peça bem escrita para cordas, dentro da linguagem mais característica do compositor e que, provavelmente, será apreciada pelo público soviético, pois corresponde a uma atitude estética de «conciliação com a ordem tonal» (digamos assim) praticada pela grande maioria dos compositores daquele País.

Haveria ainda que referir dois outros concertos, que foram acontecimentos marcantes, embora não saíssem do mesmo critério de programação (baseado em cheio nas disponibilidades dos «agentes comerciais» com quem a Fundação entende dever estar mais em contacto): o do pianista argentino Bruno Leonardo Gelber e o do quarteto de cordas Parrenin (francês).

Ficará aqui apenas o registo da sua elevada qualidade, para que conste.

Cantores
bretões presos

Três cantores bretões e vários espectadoras foram presos em Paris pela Polícia francesa, com o argumento que precisavam identificar-se na esquadra.

Os detidos haviam organizado um acto de solidariedade com os autonomistas bretões, presos, mas o concerto fora proibido poucos minutos antes do seu início.

Devido à proibição, os cantores bretões actuaram ao ar livre para um público calculado em mil pessoas.



"Ninguém" no Trindade

«NINGUÉM» no Trindade — Uma imagem dos ensaios do espectáculo «Ninguém» que a recém-formada cooperativa «Produções Cine-Teatro» vai estreiar no próximo dia 9 de Dezembro no Teatro da Trindade. Trata-se, conforme palavras de Ricardo Pais, encenador da peça, de «uma leitura revitalizada do clássico de Garrett». Do elenco deste espectáculo constam nomes como Glicínia Quartim, João Perry, Luís Santos, José Eduardo, Rui Furtado, Luís Alves e Teresa Madrugá. A foto acima documenta um aspecto dos ensaios, com Ricardo Pais e Teresa Madrugá.

Teatro para crianças

Vinte e seis espectáculos para crianças, apresentados por 14 grupos profissionais de teatro, durante sete dias, constituirão o «I Encontro de Teatro Profissional para a Infância e Juventude» que decorrerá em três salas de Lisboa, de 21 a 27 de Novembro.

O encontro organizado pelo Centro Português para a Infância e Juventude, organismo ligado desde 1969 à Associação Internacional de Teatro para a Juventude, com sede em Paris, realizar-se-á no Teatro da Cornucópia, onde haverá diariamente debates sobre teatro infantil, na sala de espectáculos do grupo «A Barraca» e no Salão de Festas da CML, nas Furnas.

Entre os grupos de teatro que aderiram à iniciativa, integrada nas comemorações do Ano Internacional da Criança que se comemora em 1979, figuram o «TAS», de Setúbal, «Unidade e Infância», de Évora o «TIL», o «TNT», a «Comuna», «Os Saltitões», «Branca Flor» e a «Casa da Comédia».

Os espectáculos que se realizarão à média de dois por dia (às 10 horas e às 15) movimentarão, segundo referiram hoje os organizadores em Conferência de Imprensa, cerca de 800 crianças por dia, tendo já sido enviadas circulares às escolas de Lisboa com a indicação do programa detalhado do encontro.

Para a realização dos debates, foram convidados destacadas figuras ligadas ao teatro infantil assim como professores, psicólogos e médicos escolares pois, segundo os organizadores, o teatro para a infância deve ser encarado, cada vez mais, como um «instrumento pedagógico ao serviço da saúde mental e formação cívica da criança».

TEATRO

ABC

Telef. 366745

REUNIDOS NUM ESPECTÁCULO MEMORÁVEL!

AS GRANDES VERDADES
(doam a quem doer) A GRANDE
MONTAGEM, A EXTRAORDINÁRIA
MÚSICA E UM GRANDE ELENCO

DENTRO DE DIAS

SÉRGIO DE AZEVEDO apresenta

em ESTREIA

A REVISTA POPULAR DO ANO

DIREITA
VOLVER!

Original de EDUARDO DAMAS e CARLOS COELHO

Musica de MANUEL PAÍO, THILO KRASMAN e NUNO N. FERNANDES

Coreografia de MARYLIN CLARK • Cenografia de JOSÉ MANUEL REBOCH e ALBERTO

FLORBELA
QUEIRÓSOCTÁVIO
DE MATOSCARLOS
COELHOVERA
MÓNICAANTÓNIO
CALVÁRIOANABELA
Actriz convidada

NINA FLORES — NELA DUARTE — VÍCTOR NORTE — JOÃO LUIS — LIA SARAH — ISABEL AMARO — PAULA DELGADO

E O BALET INTERNACIONAL STAR DANCERS

com os NUS de ANGELIE, JANE, AIDA, TERESA, TINA, SAMANTA e SABINE A FRENTE DE UM GRANDE ELENCO

ABRIMOS AMANHÃ A BILHETEIRA

MODALIDADES EM DESFILE

XADREZ

Esta noite, na sede do inatei (Calçada de Santana, 160), em Lisboa) inicia-se mais um torneio aberto de xadrez, pelo sistema suíço de emparelhamento.

Cerca de uma centena de escolas primárias do distrito da Guarda serão apoiadas no corrente ano lectivo pelo plano de desenvolvimento de xadrez da Direcção-Geral dos Desportos. Entretanto, o sector daquela modalidade da DGD vai promover nos próximos dias 23 e 24 um curso de formação para coordenadores concelhios de desporto escolar.

BASQUETEBOL

Irritado com as decisões dos árbitros, o treinador de basquetebol do F. C. Porto ordenou que a sua equipa abandonasse o jogo disputado nos EUA ontem à noite, com a Universidade do Texas Oriental, quando faltavam ainda 15 minutos para o termo do encontro. «Não jogamos com esta espécie de árbitros» — disse o treinador, Jorge Araújo.

Na altura em que os portistas saíram do rectângulo, o marcador era favorável à equipa norte-americana por 66-52.

Um informador da equipa norte-americana afirmou desconhecer qualquer decisão controversa dos árbitros, mas acrescentou que, pouco antes da decisão de abandono, o treinador português tinha sido castigado com uma falta técnica por ter pontapeado uma cadeira para dentro do recinto de jogo. A mesma fonte de informação diz que Araújo saltou do banco quando um dos jogadores do Porto fez uma falta sobre um adversário e este tentou tirar desforço.

«Não foi um jogo duro. O treinador de repente saltou do banco e levou os jogadores embora» — referiu.

A equipa portuguesa tinha perdido na 6.ª feira com a Universidade de Howard Payne (por 74-68) num jogo que não teve quaisquer incidentes.

RÁGUEBI

Resultados da jornada raguebista do «Torneio de Distribuição», Série I: Belenenses-Barreiro, 20-7; Monte da Caparica-Técnico, 16-29. — Série II: Benfica-Direito, 19-4; Monte-

negro-CDUP, 6-64. — Série III: R.C. Coimbra-E. Amadora, 3-7; CDUL-Louletano, 49-3. — Série IV: Académica-Aranhas, v.f.c.; Agronomia-Santa Luzia, 14-0. Neste último jogo a equipa de Elvas apresentou treze jogadores, chegando mesmo a actuar apenas com doze, o que deu a ideia de pretender marcar a sua presença, fugindo assim a uma falta de comparência e das respectivas penalidades. JUNIORES: Agronomia-S. Miguel A, 8-28; Técnico-Emídio Navarro, 13-12; Académica-Lousã, 62-0, e Moitense-R.C. Coimbra, 8-8.

BOXE

Realiza-se no próximo dia 25 pelas 21.30, no salão de festas de Rio Mau, uma sessão de propaganda da modalidade de boxe, organizada pelo Grupo Desportivo Coral de Fânzeres, com a colaboração da Associação de Boxe do Porto.

A sessão inclui os seguintes combates: José Ângelo (Fluminenses) contra Manuel Silva (Bonfim); Gabriel Caldas (Fânzeres) contra Fernando Vieira (CSSE); António Peça (Fânzeres) contra Américo Sousa (CSSE); Anibal Gonçalves (Fânzeres) contra Vitor Manuel (Ramaldense); Serafim Almeida (Fânzeres) contra Manuel Vitor (Fluminenses); António Alexandre (Fânzeres) contra António Durães (Bonfim); Augusto Gonçalves (FC Porto) contra Mario Teixeira (Bonfim); Francisco Ferreira (Bonfim) contra Mario Torres (FC Porto).

Entretanto, com vista à disputa de um torneio de boxe em Salamanca (Espanha), no próximo dia 2 de Dezembro, a Associação de Boxe do Porto seleccionou os seguintes atletas: Vitor Teixeira e Vitor Matias (Ramaldense); Alberto Silva (FC Porto); Anibal Gonçalves (Fânzeres) e Manuel Vitor (Fluminenses).

JUDO

A 25 e 26 do corrente, em Coimbra (Centro de Estágio de vale de Canas) vai decorrer uma assembleia geral de Associações distritais de judo.

VOLEIBOL

A equipa feminina de voleibol do Leixões perdeu (por 3-0) o jogo da segunda «mão» da 1.ª eliminatória da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» dis-



Voleibol internacional: Benfica forte de mais para luxemburgueses

putado em Sofia, com o CSKA. A equipa búlgara, que na passada semana ganhara o jogo da primeira «mão» também por 3-0, não teve quaisquer dificuldades e venceu a partida com os resultados parciais de 15-2, 15-2 e 15-1.

Nova vitória da turma masculina de voleibol do Benfica e tal como a anterior, igualmente por 3-0. Derrotado: o Aris, do Luxemburgo. Agora, temos o Benfica na 2.ª eliminatória da «Taça das Taças».

Com arbitragem de Indalécio Fernandez (de Espanha) e de José Artur, de Portugal, as equipas alinharam:

BENFICA: Valério Capaz, Francisco João, Ilídio Ramos, Manuel Alfredo, Carlos Figueiredo, Pedro Barros, Jorge Infante, José Barros e Pedro Albuquerque.

ARIS: Bartl, ie, Friedrich, Stuyck, Beteshe, Maroldt e Gasesner.

ATLETISMO

Anacleto Pinto, do Académico de Viseu, foi vencedor do segundo «Grande Prémio de Atletismo da Guarda». Nesta prova, disputada na distância de 5.000 metros, participaram 190 atletas representando cerca de 20 equipas.

A classificação individual ficou assim estabelecida: 1.º Anacleto Pinto (Académico de Viseu), 12m 33s; 2.º Alberto Silva (Sporting), 12m 45s, 4/10; 3.º Oscar Santos (Sporting); 4.º António Madeira (Fercol, Seia); 5.º Adão Correia (Académico de Viseu). Por equipas, foi vencedora a equipa «A» do Académico de

Três campeonatos: o título, a Europa, a manutenção

Um Benfica-Sporting saltaria sempre para o topo mais alto do destaque. Uma vitória por 5-0 de qualquer deles quase justificaria que não se falasse dos restantes jogos. Dos 5-0 e do que o jogo foi fala-se aqui ao lado em pormenor. Se se trata de fazer o balanço da jornada, é evidente que estamos perante o resultado que mais se salientou. Mas os resultados dos outros jogos têm não apenas interesse: alguns deles só não foram surpresas porque, nisto do futebol, surpresas é qualquer coisa que já entrou há muito no domínio da vulgaridade.

Influente para a disputa do topo da tabela, o jogo das Antas terminou com um empate. É o quarto sucessivo do F.C. do Porto e os adeptos começam a ficar apreensivos. Para já, os campeonatos foram alcançados no primeiro lugar pelo Benfica. E o Vitória de Guimarães fez um resultado que o mantém na campanha para a promoção europeia onde só os quatro primeiros terão lugar.

Vitórias preciosas do Famalicão em Viseu e do Vitória de Setúbal em Aveiro. O Famalicão resgatou-se da derrota em casa na jornada anterior frente ao Beira-Mar e vai a meio da tabela com dez pontos, tantos perdidos quantos os jogos, a jornada número 10. O Académico de Viseu pode invocar que ainda não se apresentou na máxima força da sua equipa titular, mas o campeonato já tem um terço das jornadas feitas e o último lugar com quatro pontos é motivo de apreensão bastante sério. O Vitória de Setúbal pode ter começado, com este vitória fora, uma fase de recuperação. A dúvida é se o Beira-Mar poderá ter sido um bom teste, cinco pontos em dez jogos disputados, mesmo com a credencial de uma que outra exibição agradável, é muito capaz de indicar que não. A situação do Beira-Mar não é o que se possa dizer desafiadora, e o espectro da despromoção, em Aveiro como em Viseu, deve começar a ser encarado sem pânico nem desânimo. Nada menos do que quatro terão de descer.

E estes quatro deverão sair dum grupo relativamente numeroso que envolve cerca de metade dos concorrentes. Além do Académico de Viseu e do Beira-Mar, o Marítimo, o Boavista, o Vitória de Setúbal, o Académico, o Famalicão, o Estoril.

O Estoril deve ter cometido um dos melhores resultados do dia, saindo do confronto com o Barreirense, e no Barreiro, com um ponto. Dez pontos ganhos em dez jornadas são uma boa razão para um relativo optimismo, e é capaz de acontecer esta época o Estoril chegar às últimas jornadas menos aflito de pontos do que é habitual.

O Académico ganhou um ponto ao Marítimo, o que significa que os dois perderam cada um mais um ponto já na fuga aos últimos lugares. O Académico tem 9 pontos e o Marítimo 7, tantos quantos o Boavista, que perdeu em Braga, como era de esperar. Entre os dois está o Vitória de Setúbal, com 8.

Falta uma referência ao Belenenses-Varzim. Terminou empatado a zero, e o ganho maior deve ter sido do Varzim. Certo que o Varzim é equipa mais cotada que o Belenenses, mas o jogo foi no Restelo e o Belenenses tem um ataque bastante realizado.

Uma nota final, para dizer que se marcaram dezanove golos, razoavelmente mais do que estava a acontecer nas últimas jornadas. Não devemos no entanto iludir-nos com isto acerca do pendor atacante do futebol em Portugal. Repare-se que treze desses dezanove golos foram conseguidos por apenas quatro equipas: Benfica, Braga, Vit. de Setúbal e Beira-Mar.

II DIVISÃO

O público alcantarense que no sábado à tarde foi ver o Atlético saiu da Tapadinha com uma dupla desilusão: mais um derrota da equipa da casa, e um resultado raro hoje em dia: 1-5. O visitante era o Elvas, e este terá sido o número mais estranho de toda a 9.ª jornada da II Divisão.

Um relance pelos resultados, no entanto, deve assinalar os que se referem aos jogos envolvendo os concorrentes mais cotados, nomeadamente os que vão na frente de luta pela promoção ao escalão principal.

Na Zona Norte avulta o empate cedido em casa pelo Penafiel. Há três semanas que não ganha este líder da zona que começou muito bem a temporada e nos múltiplos domingos tem vindo a deixar aproximar-se perigosos concorrentes como são, por exemplo, o Riopele e o Espinho. O Espinho ganhou com folga ao Tadm e o Riopele foi a Viana buscar dois pontos.

Resulta dos Salgueiros-Leixões 1-1; D. Aves-Gil Vicente 1-1; Chaves - Paredes 0-1; Aliados - Lourosa 0-1; Espinho - Tadm 5-0; Rio Ave - Fafe 2-0; Vianense - Riopele 0-1; Penafiel - P. Ferreira 1-1. 10.ª jornada (dia 26): Leixões - Penafiel, Gui Vicente - Salgueiros, Paredes - Desp. Aves, Lourosa - Chaves, Tadm - Aliados, Fafe - Espinho, Riopelo - Rio Ave e Paços Ferreira - Vianense.

	V	E	D	G	P.
RIOPELE.....	1	2	16	6	13
Espinho.....	5	1	15	6	13
Penafiel.....	6	1	15	7	13
Rio Ave.....	6	1	13	5	13
Salgueiros.....	5	1	11	9	11
P.Ferreira.....	5	2	14	11	10
Lourosa.....	4	3	8	11	10
Fafe.....	4	1	8	8	9
Paredes.....	3	3	7	8	9
G.Vicente.....	3	2	9	14	8
Leixões.....	2	3	15	13	7
Vianense.....	1	5	11	8	7
Chaves.....	2	4	9	9	6
Aliados.....	2	5	9	11	6
Desp.Aves.....	1	6	4	22	5
Tadm.....	2	7	1	16	2

a) têm menos um jogo.

Na Zona Centro, o União de Lams e o União de Leiria aparecem no topo. Na jornada, o União de Leiria ganhou dois pontos em Tomar.

Zona Centro: Portalegrense - U. Coimbra 0-0; Marinhense - Águeda 2-0; U. Santarém - Covilhã 1-2; Peniche - Feirense 0-3; U. Lamas - Caldas 1-0; Oliv. Bairro - Torriense 2-0; U. Tomar - U. Leiria 1-2; Alba - E. Portalegre 1-1. 10.ª jornada (dia 26): U. Coimbra - Alba, Águeda - Portalegrense, Covilhã - Marinhense, Peniche, Torriense - U. Lamas, U. Leiria - Oliveira do Bairro e Estrela de Portalegre - U. Tomar

	V	E	D	G	P.
U.LAMAS.....	8	1	17	6	16
U.Leiria.....	6	3	18	5	15
Feirense.....	3	2	16	10	11
Oliv.Bairro.....	1	3	10	7	11
E.Portalegre.....	3	2	8	7	10
U.Santarém.....	3	5	10	8	9
Peniche.....	4	1	7	10	9
D.Portalegre.....	2	4	10	7	8
Marinhense.....	3	2	7	9	8
Águeda.....	3	2	8	10	8
Covilhã.....	4	5	9	16	8
U.Tomar.....	3	1	11	13	7
U.Coimbra.....	1	5	11	15	7
Torriense.....	2	4	6	10	6
Alba.....	1	4	4	11	6
Caldas.....	2	1	5	13	5

Na Zona Sul, o guia, o Juventude, cedeu um ponto ao Amnora, em Évora, e reparte agora o primeiro lugar com o Portimonense, que ganhou à Cuf, no Barreiro.

Zona Sul: Nacional - Farense 2-2; Atlético - Elvas 1-5; Almada - Montijo 0-2; Juventude - Amora 0-0; Seixal - Odivelas 2-0; Sari-lhense - Sacavense 3-1; Olhanense - C. Piedade 2-2; CUF -Portimonense 1-2. 10.ª jornada (dia 26): Farense - CUF, Elvas - Nacional, Montijo - Atlético, Amora - Almada, Odivelas - Juventude, Sacavense - Seixal, Cova da Piedade - Sari-lhense e Portimonense - Olhanense.

Continua na pág 20

Andebol português foge do Mundial

ZURIQUE.(Especial para o «DL») — A história da eliminação de Portugal do campeonato do Mundo de andebol, e os meios que lhe apressaram o fim, há-de ser feita aí, em Lisboa. Mas será conveniente que nem responsáveis técnicos nem dirigentes, nem jogadores, façam afirmações de ânimo leve sob o clima emocional vivido durante oito dias nesta fase preliminar do «mundial». Será prudente descansar o espírito e não deixar o coração falar. Que ninguém enjeite responsabilidades ou endosse a outrem as culpas no cartório que a cada um pertencem.

Não pretendemos, com este intróito de rescaldo do «mundial», fazer qualquer tipo de «suspense». Evitem-se as especulações. Mas que não foram feitos todos os esforços no sentido de evitar situações que em nada contribuíram para o melhor espírito de equipa, isso é uma verdade. Transpiraram do seio da caravana algumas acusações de gravidade: se é que não são demagógicas. Esperemos que a serenidade evite o arremesso de mais lenha seca para a fogueira.

Nesta «minimaraton» andebolística, a equipa portuguesa (já o dissemos) foi de uma irregularidade incompreensível. Na 6.ª feira penúltimo jogo, perante a Itália, na sua pior exibição, a turma portuguesa tinha tido o

seu «dia não», pelo que, quem assistiu aos jogos e acompanhou os momentos, hoje bons e ontem maus, da equipa lusitana, esperava que, face à Áustria, no último jogo, (sábado) que decidiu as classificações, os portugueses tivessem o seu «dia sim» definitivo e de consolidação da presença na fase seguinte em Espanha. Nova desilusão: o fim.

O espírito de entreajuda que algumas vezes esteve arredado dos portugueses, manifestou-se uma vez mais no jogo com a Áustria, em que alguns dos nossos jogadores, perante cerca de 1.500 assistentes, procuraram o brilhante individual, negligenciando essa enorme arma de todos os desportos colectivos, que é o espírito de equipa. Assim se explica, de algum modo, que Portugal tenha sido o 3.º em golos marcados (106) mas o último em tentos sofridos (118). Um mais do que a Itália, última classificada (6.ª) só e antecedida na classificação por Portugal. Os primeiros quatro lugares (que apuram para o grupo B, em Espanha) foram ocupados por esta ordem: Suíça, Israel, Noruega e Áustria.

Não interessará muito desenvolver neste telex os pormenores do jogo de sábado, que marcou o afastamento dos portugueses em favor dos austriacos, que até triunfaram com merecimento. A

ineficiência da organização defensiva dos jogadores portugueses, pouco dispostos em dar «tudo», favoreceu decisivamente a Áustria, a menos que alguns jogadores não tenham conseguido resistir à fadiga de um campeonato duro: que também o foi para os outros concorrentes.

Em resumo: refira-se que o jogo equilibrado (13-12 ao intervalo para a Áustria) durante o segundo tempo e após alguns momentos de igualdade os austriacos chegaram a três golos de vantagem (22-19), mas um «forcing», de Portugal recolocou outra igualdade (24-24). A turma portuguesa já então se arrastava penosamente no recinto e foi com certa facilidade que a Áustria consolidou o êxito (27-25) no final apenas em dois minutos antes do silvo final.

Jogo no pavilhão de Aarau, arbitrado pelos franceses Lux e Lelarge.

Portugal: Carlos Silva (Jose António), José Maniel (1), Vasco (1), Sousa, Espadinha (4), Jorge (2), Pinho, Brito, Hernâni (8), Joao Gonçalves (5), e João Manuel (3).

Áustria: Zhorny (Kaendl), Huber, Guzik (7), Gruboeck (3), Gangel (5), Reinbacher (2), Maier (4), Lassener (2), Reichl (1), Zarker (3) e Schmidbaur.

TV

unital

INFORMA

BEIRA-MAR-SETUBAL	2
A. VISEU-FAMALICÃO	2
BARREIRENSE-ESTORIL	X
PORTO-GUIMARÃES	X
BENFICA-SPORTING	1
BRAGA-BOAVISTA	1
BELENENSES-VARZIM	X
MARÍTIMO-ACADÉMICO	X
VIANENSE-RIOPELE	2
PENICHE-FEIRENSE	2
U. TOMAR U. LEIRIA	2
ALMADA-MONTIJO	2
CUF-PORTIMONENSE	2

FUTEBOL NACIONAL

Continuação da pág. 19

	V	E	D	G	P.
PORTIMONENSE...	7	1	1	15	5
Juventude...	5	4	1	19	9
Amora...	5	2	2	10	6
Montijo...	5	1	1	10	6
Nacional...	4	3	1	12	10
Olhanense...	3	4	2	9	8
Elvas...	3	3	3	12	9
Parense...	3	2	4	14	11
C. Piadado...	2	4	3	9	7
Sacavenense...	2	4	3	9	7
At. União...	2	4	3	10	13
Seixal...	2	4	3	10	13
Cuf...	2	4	3	10	13
Od. V. S. L...	2	4	3	11	17
S. R. S. L...	2	4	3	11	17
Almada...	2	4	3	11	17

Um relance pelas classificações, e quando falta uma jornada para se perfazer um terço do campeonato mostra que alguns concorrentes estão em destaque para o grande objectivo de todos os secundários que é a subida de divisão: o Riopelle do Rio Ave, o Espinho, o Penafiel, o União de Lamas, o União de Leiria, o Juventude, e o Portimonense.

No escalão n.º 3, o mapa dos resultados na série A: Abambres - Limianos 1-1; Joanes - Forjães 1-0; Cabec. Bragança 0-2; Prado - Monção 4-1; Tirsense - Merelinense 1-1; Mogadouro - Vizela 0-1; Mondinense - V. Real 0-6; Mirandela - Ribeirão 2-0. **Guia:** Bragança, 14 pontos.

Série B: Freamunde - Valonguense 3-2; Lamego - Avintes 2-1; Leça-Infesta 2-0; Sanj. Bustelo 2-1; Vilan. - P. Brandão 1-1; Levenense - Oliveirense 0-3; Avanca - Régua 1-1; Amarante - Valecambrense 1-0. **Guia:** Amarante, 15 pontos.

Série C: Vilanovense - Molelos 0-0; Acurede - Anadia 1-0; Quiaios - Alcains 0-1; Febres - Naval 0-0; Mangualde - Anã 4-1; Tondela - Guarda 2-0; Vildemoinhos - Gouveia 2-1. O jogo Viseu Benfica - Tocha já se efectuou, por antecipação (4-0). **Guia:** Viseu e Benfica, e Mangualde, 13 pontos.

Série D: T. Novas - Matrena 7-0; Marrazes - Mirense 7-0; Amiens - Alcobaca 0-1; Rio Maior - D.C. Branco 2-1; Benf. C. Branco - Bombarral 7-1; Campomaior - Cartaxo 1-0; Elétrico - Nisa Benfica 0-0; Nazarenos - Alcanenense 2-0. **Guia:** Rio Maior, 15 pontos.

Série E: E.V. Novas - Funchal 2-0; Desp. Olivais - S. L. Olivais 0-1; Loures - Lusitânia 0-0; Casa Pia - E. Amadora 0-1; Unidos - P. Pinheiro 0-2; Oriental - Buceense 2-1; Sintrense - Alcochete 1-0; Alverca - V. Lisboa 0-2. **Guia:** S.L. Olivais, 14 pontos.

Série F: Sesimbra - Esp. Lagos 2-1; Silves - Sant. Cacém 3-1; Lusit. V. Real - C. Indústria 0-1; Aljustrel - P. Pires 2-1; Desp. Beja - L. Évora 0-0; V. Gama - Serpa 3-1; Quarteira - Odemira 0-0; Luso - U. Montemor 2-1. **Guia:** Desp. Beja, 15 pontos.

«SURURU» EM AVEIRO

Feridos, agressões, prisões, barafunda tremenda, de tudo ocorreu, ontem, no Beira Mar-Vitória de Setúbal. O habitual inquérito policial aos factos pouco ou nada deve adiantar a uma verdade: andam em polvorosa os espíritos dos «desportistas» deste País.

EXTERNATO AMADIS

● PROPEDEUTICO

Estrada do Alto Maduro, Telef. 94 11 45 e 94 13 99

Lote 2 — AMADORA

PORTO, 1-GUIMARÃES, 1

Wilson fez estremecer Pedroto

Quando se diz que a equipa de Pedroto já não é a mesma, que vive muito da improvisação, que lhe falta a lucidez e a confiança da época passada, é porque realmente se constata que, domingo a domingo, o conjunto portista não corresponde àquilo que seria de esperar de um campeão nacional com pretensões à renovação do título.

Frente à valorosa equipa do Vitória de Guimarães, todas essas carências voltaram a manifestar-se com evidência, agravada, (talvez) pela ausência de um jogador da categoria de Oliveira, muito embora uma equipa com os interesses do F. C. Porto não possa estar apenas à espera do rendimento ou da inspiração de um dos seus jogadores, mormente do seu estratega. O certo, porém, é que, mesmo com Oliveira a jogar, o F. C. Porto não tem correspondido ao valor próprio.

Com um conjunto muito homogéneo, o Guimarães confirmou nas Antas a disposição de se situar entre os primeiros da tabela classificativa, devendo salientar-se que os pupilos de Mário Wilson estão perfeitamente identificados uns com os outros, mormente os dois «recrutados» Mundinho e Dinho, que se integraram rapidamente nos esquemas de jogo da nova equipa. Daí, portanto, as habituais dificuldades sentidas pelos «azuis e brancos» frente ao Guimarães, sobretudo no que se refere ao sector atacante.

Profundo conhecedor do valor adversário, Mário Wilson dispôs os seus jogadores de modo a obstar a que o F. C. Porto fizesse prevalecer o seu esquema tático, ao mesmo tempo que tentou tirar partido do acentuado pendor ofensivo dos donos da «casa». Isto equivale por dizer que as equipas adoptaram um sistema de jogo muito semelhante (4x4x2), sendo de realçar que os vimezanenses procuraram sobretudo tapar todos os caminhos que pudessem conduzir à sua baliza antes mesmo de pensarem no contra-ataque.

Face ao amontoado de jogadores (tanto no «miolo» do terreno como na área contrária) os portistas não esboçaram qualquer alteração no seu esquema tático, permitindo assim que a

estratégia do técnico do Vitória começasse a dar os seus frutos. Com efeito, passado que foi o período inicial, durante o qual o F. C. Porto sujeitou o seu antagonista a trabalho aturado, o Guimarães apareceu a jogar taco a taco, forjando por seu turno algumas jogadas de bom recorte técnico que obrigaram a defesa portista a trabalhar com muita atenção e afinco. Vem a propósito referir que, desta feita, o sector defensivo do F. C. Porto esteve quase perfeito, não lhe cabendo qualquer responsabilidade no ponto perdido.

Mercê deste estado de coisas, o jogo redobrou de interesse, já que o esférico passou a andar ambas as balizas e o golo começou a desenhar-se. Restava, por conseguinte, aguardar: para ver qual dos dois seria o primeiro a fazer funcionar o marcador.

Nos derradeiros minutos do 1.º tempo, os portistas conseguiram, no entanto, interromper a situação de equilíbrio que se vinha a verificar a partir do quarto de hora inicial, mas a verdade é que também não alcançaram qualquer proveito com esse «forcing» final. Manteve-se, portanto, a expectativa quanto ao desfecho do embate, ainda que com algumas reservas, pelo facto do primeiro tempo ter sido jogado em boa velocidade e ter sido por isso muito desgastante.

No reatamento, verificou-se que Costa passou a actuar mais adiantado no terreno, procurando desse modo facilitar o trabalho dos seus companheiros do meio-campo e criar espaço na zona central para qualquer incursão. Esta alteração fez aumentar substancialmente o rendimento atacante dos portistas, que estiveram à beira de marcar por intermédio de Frasco, num lance conjurado «in extremis» por Alfredo. Logo a seguir, contra a chamada «corrente do jogo», surgiu o golo do Vitória, obtido por Mundinho, na sequência de um «livre» inventado pelo juiz da partida. Convirá, porém, referir que os vimezanenses não tiveram qualquer culpa desse erro e que se limitaram a aproveitá-lo, aliás, de forma excelente.

Por momentos, o Estádio das Antas ficou suspenso e Pedroto, de pé, junto do seu banco, terá, porventura, sentido algumas calafrios. Mas por pouco tempo:

Fernando Alberto

volvidos que foram 5 minutos, Marco Aurélio repôs a verdade da partida, num lance de insistência junto da baliza contrária. Faltava meia hora para jogar. Tal como se esperava, alguns jogadores começaram a arrastar-se pelo rectângulo e, naturalmente, o jogo perdeu velocidade e tornou-se mais complicado.

As substituições que então se operaram para ambos os lados permitiram ao F. C. Porto um certo ascendente, já que Oscar conseguiu catalisar toda a equipa e levá-la a pressionar o extremo reduto contrário. Mas, em vão. Vendo que o tempo se escoava rapidamente sem que a sua equipa fosse capaz de alterar o marcador, Pedroto operou nova substituição, fazendo entrar Metralha para o lugar de Marco Aurélio. Enfim, sempre era mais um avançado. Não se poderá dizer, no entanto, que o F. C. Porto tenha ganho com a permuta, já que Metralha está a quilómetros de distância da maioria dos jogadores que integram o «plantel» das Antas.

Sem grandes pressas, o Vitória acabou por corporizar a tal meia-surpresa, resultado que se aceita como certo, com o senão de ter sido alcançado à custa de uma filia do tamanho do Cristo-Rei, cometida por um árbitro que já tem alguns «antecedentes» com o F. C. Porto e o qual, no final do encontro, nos afirmou: «bem ou mal, vi razão para marcar o «livre». Bem ou mal, não importa. Para mim, o que conta é a minha consciência e, quanto a essa, tenho-a tranquila».

Árbitro: Lopes Martins (Lisboa).

F. C. Porto: Fonseca; Gabriel, Lima Pereira, Teixeira e Murça; Frasco, Marco Aurélio (Metralha), Duda e Costa; Gomes e Vital (Oscar).

Guimarães: Melo; Ramalho, Manaca, Soares e Alfredo; Vicente (Ferreira da Costa), Abreu, Almiro e Romeu; Mundinho (Torres) e Dinho.

Marcadores: Mundinho (60m) e Marco Aurélio (65m).

Cartões amarelos: Marco Aurélio, Mundinho, Alfredo e Dinho.



Bancada às moscas, no Restelo: TV «ajuda» o Futebol?

BELENENSES, 0-VARZIM, 0

Para o costume, vá lá, vá lá...

Luís Miranda Rocha

É muito capaz de ter sido o melhor jogo dos quatro que a televisão até agora passou (e o terceiro em que o Belenenses interveio). Uma objecção é talvez que não houve golos. Mas, nós, por nós, sempre preferimos uma boa partida, mesmo sem golos, a uma partida com golos e, no entanto, de mau futebol. Possível que isto releve duma particularidade nossa que não será a propósito revelar mas que não virá grande mal ao mundo da bola se dissermos que consiste num certo espírito anticompetição. A competição, com o que isso implica de vitórias e derrotas — e principalmente com o que isso implica de acompanhante movimentação de massas, adeptos, simpatizantes, etc., etc., — todos sabemos ao que por vezes conduz, e as grandes dificuldades que o franco e leal espírito desportivo encontra sempre para o evitar, impondo-se. Assim, nada haverá de melhor resultado do que um empate. O pior, no entanto, é as repercussões que um empate pode ter, as reacções que um empate pode suscitar por parte daqueles que é sempre a vitória que esperam. No caso, os efeitos não devem ter sido muito numerosos, pelo menos à volta do rectângulo e entre os belenenses da bancada, que estavam lá quase a contar pelos dedos das mãos. Depois, foi bem visível — televisível, pelo menos — que o Varzim não é adversário para ser tratado com respeito menor.

Bem pelo contrário, o Varzim era, no momento, equipa mais credenciada do que o Belenenses, e provou-o durante todo o jogo. Foi uma defesa muitíssimo segura, a quebrar todo o ímpeto atacante belenenses quando este chegava até à grande área e a despachar a bola, acompanhando-a, com rapidez e eficiência, quando caso disso; um meio-campo muito expedito na função dupla e sucessiva de defender e atacar, precipitando o jogo sobre o lado contrário não apenas com rapidez mas ainda com segurança, e uma mobilidade permanente; uma frente atacante com as mesmas qualidades e ainda o vistoso do remate, capacidade de que, aliás, todo o conjunto apareceu dotado, e perigosamente, em dois ou três lances de bom recorte estilístico e sobretudo resultantes de toda uma manobra global apoiada numa estratégia desdobrada entre a defesa e o contra-ataque. Sabida a vocação para o golo do futebol belenense, o Varzim jogou prevenido. Adultamente consciente da sua capacidade ofensiva, esteve sempre atento e por duas ou três vezes que chegou à eminência do golo. Se não o conseguiu, foi também porque o Belenenses teve, durante todo o tempo de jogo, uma actuação pautada pela segurança defensiva, antes e depois de uma persistência incessante na manobra de ataque.

Ficou-se com a impressão de que os da casa jogaram mais. Não quer dizer que tenham jogado melhor, mas, pelo menos, vimos-lhes muito mais no meio-campo adversário, e chegar mais vezes quase ao fundo das situações. Esbarrou-se muito, no entanto, numa defensiva fechada. E os remates que tantas vezes não se puderam fazer senão cá muito atrás, tiveram de ser feitos por vezes com um empenho de força próximo do espectacular. Aqui deu-se nas vistas mas subsistiu uma certa frustração. A defesa do Varzim não era assim tão inexpugnável como o zero final pode fazer crer. De azul é que não houve, mais importante que a insistência improdutiva, mais útil e produtivo que o natural entendimento entre companheiros, destreza de pernas e cabeça para entrar pelos buracos antes de os outros os preencherem. De parte esta falta, tudo não se pode dizer que ver desagradou à vista.

Um jogo de aceitável qualidade, de nível técnico mediano, portanto. Mas, isto, se comparado com o que já vimos este ano, na televisão ou ao vivo, em jogos de primeira divisão. Porque, se sairmos deste plano relativo, é evidente que o optimismo esvanece e cai. Aliás, algumas passagens do Benfica-Sporting que vimos depois no «A Par e Passo» da RTP-2, se as considerássemos como termo de comparação, este em directo do Restelo pareceria duma mediocridade pouco animadora.

Talvez que dois ou três golos da parte de cada um dos contendores dessem a esta partida um pouco mais de atractivo do que o atractivo que ele teve. Talvez que jogando francamente e sem a preocupação de defender um ponto antes de procurar ganhar dois, as duas equipas produzissem um espectáculo melhor. Talvez.

Iniciativas regionais

COIMBRA

A delegação em Coimbra da DGD vai levar a efeito naquela cidade duas realizações de natureza desportiva, destinadas a crianças. Trata-se de um torneio de futebol infantil para jovens com idade entre os 10 e os 14 anos e um convívio de basquetebol para iniciados não-federados. As provas disputar-se-ão todos os sábados até ao dia 16 de Dezembro.

SEIA

A Junta de Freguesia de Toroselo (Seia) está a construir, com o apoio das entidades oficiais, um complexo desportivo anexo à Casa do Povo daquela localidade.

Esta obra engloba um pavilhão gimnodesportivo, campo de futebol, campo polivalente cimentado e um parque.



O golo do empate nas Antas: a corrida, a desolação (de Melo), o princípio da alegria (Gomes)

BENFICA, 5-SPORTING, 0

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra

Com os meus botões, imaginava que nada poderia já quebrar a solene calma que se exige a um observador crítico do futebol. Afinal, perante o insólito do «placard» na Luz, a gente (depois de uma brusca viagem entre o espanto e a serenidade, o cepticismo, o optimismo, o conformismo ou a admiração) regressa dentro do seu corpo e, folheando a memória, dá com uma indelével verdade: nisto de futebol, ninguém pode deitar contas com adjuntamento. Ou talvez possa. Vamos lá ver.

Bilhetes caríssimos: enchente distante do trivial. Eanes no relvado, fotog afando-se com a turma de vermelho. Ovação de luxo aos rapazes de Viena. E, por falar nisso, damos agora connosco a imaginar que terá sido nesse preciso momento, nessa diferença de tratamento prodigalizado pelo «3.º anel», que logo nasceu o espelho do espectáculo.

O Benfica, todas as peças jogando como harmonio, entrou a tomar o pulso aos verdes, que imediatamente pareceram incapazes de segurar o meio-campo, sem qualquer elemento escalado para travar mestre Alves, como se o moço fosse alguém que se pudesse deixar sem policiamento directo, para mais em tarde onde (sabia-se) iria jogar tudo por tudo para um reencontro com a fama. Valeu-lhe não apenas o seu inequívoco talento, mas, igualmente, um aliado precioso: Pavic, que não o tomou a sério.

Foi o primeiro erro leonino. Malbaratando o muro no meio-campo, ainda não estava toda a gente sentada e já Botelho andava pelo chão, na primeira das muitas vezes em que, tremendo como varas da cor do seu emblema, apenas se preocupava em afastar o diabo da bola sem uma só vez a ter bem fixa entre

as mãos. Aliás, também aos golpes iniciais se adivinhou que Laranjeira fazia uma falta de todo o tamanho e que a dupla Bastos-Zezinho não era capaz de acertar com um pontapé de jeito. Muito mais desafiado Bastos que o parceiro, já que este (menos pesado que o colega e muito mais rotinado) ainda tentava pôr a casa em ordem. Mas era escusado. Golpe que o Benfica fizesse pela sua direita, com a bolinha a viajar pelo ar até aos centrais sportinguistas, era um fígado para os adeptos da águia. Botelho, Bastos, afinal toda a defesa (excepção para Artur, um oásis no deserto) pareciam incipientes ante um cortejo de doutores. Não rectificando processos defensivos, incapaz de uma linha média digna de ver a Deus, com um ataque reduzido a Manuel Fernandes, que raio de esperança poderia albergar um Sporting que, dia-a-dia, mais tem de pensar em ir à bruxa, tantos os desastrosos ou azares que sofre no «plantel»?

JOGAR COM CABEÇA

Andava uma confusão assustapantante nas 18 jardas verdes, com o bom do Zezinho a ter de fazer escusado «canto», depois de um belo toque em que

Neves de Sousa

quase ia atirando o couro para a sua rede. Toni foi à bandeirinha, cobrou o tal escusadíssimo «canto» e, zás: Humberto tocou de cabeça e Reinaldo, a meio metro do chão e entre uma floresta de pernas paralíticas, atirou de cabeça para as malhas. Não era ainda o delírio: seria (contudo) o abre-latas que faltava ao Benfica para entrar na pista do ouro.

Adivinhava-se que era o desmoronar da ténue resistência leonina. Ninguém marcava ninguém: toda a gente barafustava. Botelho largava bola sobre bola, socando-as para onde estava virado. Bastos era a pura imagem do fracasso total: e, logo no jogo em que gostaria de firmar o antigo prestígio. Por seu lado, Inácio (corredor franco) ou Zezinho (totalmente errado na colocação) mais não faziam que assistir à carga de uma brigada ligeira que, como harmonio, dava a sugestão de ter onze defesas, onze atacantes, velocidade de relâmpago e corpo de aço, na desigual esgrima como um grupo de homens convidados momentos antes a iram dar uns toques com uma bola.

O golo 2 foi cópia do anterior: mais refinada, talvez. Alves disparou: Botelho (tal e qual como se previa) afastou para a cabeça, Toni marcou o «canto», ela aí veio pelo ar e pumba, no vé da noite: Nené, com a mais lúcida das friezas, iaia o tento de cabeceira, saltando mais alto que as próprias mãos do guarda-meta. A batalhada era tanta que, nesse mesmo lance, Bastos chocou com Zezinho: e logo se viu que este ficava impossibilitado de dar um passo. Ruptura de ligamentos. Saiu de maca. Meneses entrava para fazer número. Bastos (atónico, certamente) continuava sem compreender por que Deus o marcava daquela maneira: «colaborante» em dois golos vermelhos, ainda ficava marcado pelo acidente com o colega de trabalho.

ALVES, TONI, TODO O BENFICA

Alves (magnífico, quem sabe se na melhor exibição pelo Benfica desde o regresso ao pátrio lar) só tinha que idealizar e executar: pelas suas bandas continuava a não se avistar qualquer alminha de outro partido. Depois, igualmente Toni era um colosso de força, iniciativa, segurança, coragem e apurmo: o seu exemplo contagiava toda aquela brilhante formação que Mortimore está a dar ao futebol português, com uma vibração e um preparo físico que talvez não encontre paralelo momentâneo cá por estas bandas.

Ainda antes da meia hora, o Sporting já tinha o sacco cheio: 3-0, em centro da direita por Toni, concretizado pela cabeça de Reinaldo; 4-0, numa jogada preparada e finalizada por Alves, com tiro entre um monte de admiradores. Três golos de cabeça, todos feitos pelo flanco direito benfiquista, dava uma ideia a quem quer que seja: o Sporting, sem qualquer esboço de linha média (a incipiência de Cerdeira era pavorosa, a má condição de Ailton ainda arrepiava mais os cabelos de cada sportinguista) e por cima, não tinha antidoto em Inácio ou nos centrais, para já não falar em Botelho. Era (como direi?) um mero exercício de pontaria vermelha.



Segundo golo: cabeça certa de Nené, passividade de 5 defesas

Restava saber até onde a inundação chegaria.

Foi até aos cinco e parou. Novamente, no 4.º como no 5.º Golo, Bastos fez questão de (pobre dele) pactuar inesquecivelmente. No «tiro» de Alves, deixou Reinaldo passar a bolinha ao companheiro das luvas cartola e fraque. No penalti, totalmente descontrolado, empurrou Reinaldo pelas costas quando o escurinho, bem dentro da área de rigor, se fazia à recolha. Alves, tal como sempre fez, disparou para o lado direito do anfitrião entre as redes: Botelho nem lhe tocou.

Foi tão embaraçoso este golo que o homem do marcador no Estádio da Luz, que nunca tivera na ideia goleada daquelas, ficou apalermado: só tinha números até quatro. Daí que, depois de longo tempo em que o 4-0 continuou no «placard» desproporcionadamente (já Alves concretizara a grande penalidade e fizera 5-0) acabasse por optar pela melhor solução: tirou qualquer número como colheita do Benfica e deixou, bem espetado, o zero no Sporting.

Fazia justiça pela voz divina: o Sporting era um autêntico zero, o Benfica já nem sabia quantos golos ia fazendo.

ESPARTILHO SEM SAÍDA

Terminada a primeira parte, não se sabia que mais enaltecer: Alves, Toni, Alinho, Alberto, Pietra, Bento? Impossível: porque logo viriam dizer que também Sheu e Nené, Reinaldo e Humberto, o próprio Chalana a voltar de uma lesão, estavam tão ligados e perfeitos que pareciam elos de uma só corrente. No lado contrário, não se avistava (para além de Artur e Marinho) um lampejo de vergasta. Keita, «jongleur» circense, deleitava-se com o esférico lá de vez em quando: mesmo nessas páldias alturas, consultava Meca e resolvia não andar para a frente. Manuel Fernandes, sem um só serviço em termos, estava metido na meia-defesa, como se isso desse algum benefício a uma equipa que tinha forçosamente de atacar para disfarçar as asneiras da rectaguarda. Aqui, também, a tática engendrada por Pavic ruia pela base. E, como a força física e anímica dos verdes se esgotara à dezena de minutos começou a pensar-se que desta vez seria batido o «record» dos golos num Benfica-Sporting. Por acaso isso não sucedeu. Os cinco tentozinhos de diferença entre os dois blocos, como expressão numérica, prevaleceriam depois de um segundo tempo feito pelo Benfica a passo de ganso e pelo Sporting em desespero de causa.

Em tempos, o Sporting conseguia 7-2 (festa de homenagem a Manuel Marques, sob chuva copiosa) e 6-1 (para o nacional). Também aqui atrasado, o Benfica chegara ao 5-0 («Taça de Ouro da Imprensa»). Julgamos que não há engano nosso, mas ressaltamos lapsos: dois cínicos de vantagem para cada emblema. Ainda neste pormenor a grande irmandade entre o Benfica e o Sporting vai prevalecer.

MORAL E AMIZADE

O período complementar foi de prolongado sofrimento dos «leões» que, só em dois minutos cederam quatro «cantos», no último dos quais o juiz Paraty resolveu acabar com aquilo e perdoar eventual massacre. Antes, já Reinaldo atirara à trave, já Inácio pontapeara o mesmo Reinaldo com uma violência que mereceria (no mínimo) grande reprimenda e cartão colorido. Não o entendeu assim o árbitro vindo do Porto: em matéria de critério não se pode dizer que tenha feito qualquer favor ao Benfica ou (sequer) que tivesse sido perfeitamente imparcial, pois até poupou nova grande penalidade aos verdes, feita por Bastos sobre Alves, o diabrete irrequieto que estava como peixe no mar imenso que era o espaço que lhe concediam para brincar.

Eurico foi render Chalana. José Henrique (sábio gesto de Mortimore) foi até à baliza, substituir Bento para não esquecer a emoção de um grande triunfo. E foi maravilhoso de ver como os companheiros cumprimentaram Zé Gato: Toni pegou na bola e deu-lha para as mãos imediatamente. Daí a pouco, Humberto taria o mesmo. Três grandes senhores do futebol mostravam o que é soberania e amizade.

ONDE ESTA A FORÇA VERDE?

Em contrapartida, o Sporting era um murmúrio. Como os santos queriam, lá ia cortando o perigo, adiando, adiando. Tanto que, apesar de uma só vez ter descido até perto das malhas contrárias, ia deitar-se de suar para evitar o 6-0. Neste aspecto, palmas para Artur: foi ele, que não gosta de perder sequer a feijões, quem deu a Marinho o mote para uma ajuda no virar da página. Zandonade, que fora para o posto em que Ailton estivera, era outra ilhota perdida. Não havia dúvida: não fora Artur e Marinho e, a estas horas, Pavic estava a deitar piores contas à vida, provavelmente sem ter qualquer culpa pelo fracasso de um «plantel» que estasesse resistência ou entusiasmo, sem motivação ou alegria. Que esta ali, jogando futebol apenas porque esse é o seu ofício.

Que raio, rapazes do Sporting! Copiem, ao menos, esse admirável Toni que, aos trinta e tal, parece um gamo ao lado de Cerdeira de vinte ou de inícios de sangue na guelra. O exemplo não gruda, lá por Alvalade?

NEM OITO, NEM OITENTA

Apenas mais alguma coisa. Certíssima a vantagem do Benfica, que não seria escandalosamente íalsa se tivesse cregado bem mais alem. Por igual, é justo que se reconheça ter sido má de mais a exibição dos sportinguistas. Nem os rubros têm uma superioridade normal assim tão grande, nem os «leões» tomaram num poço sem fundo de onde não possam regressar à superfície. Para cada um, a sua verdade. E, de momento, o Benfica (justificando a dúzia de ho-

mens na selecção) mostra o menor da prata da casa, perante passageiro eclipse do rival mais próximo.

Sem nos intrometermos em seara alheia, julgamos que nos bastidores sportinguistas, como nas contínuas lesões que o «team» sofre, se encontram mais que dois punhados de razões para ser compreendido o insucesso na Luz. Mas, para essa análise, deixemos em liberdade de palavra os ilustres autores de escritos no semanal boletim sportinguista: eles, melhor que ninguém e com a sapiência e conhecimento de factos comprovados, periodicamente, saberão encontrar a expressão mais adequada para, dourando a pilula ou entrando a frio, explicaram a todos nós (os basbaques, como caiu o Sporting tão verticilmente nesta tarde solarenta que, na Luz, foi prémio para a disciplina, e para a camaradagem).

P. S. — Para que conste, uma palavra mais. Não é da nossa autoria um texto que, no sábado passado e no «DL», aflorava a personalidade de João Alves. Democráticamente cada cidadão tem sua opinião. Que se respeite: mas pode divergir de indivíduo para indivíduo. Como (por sinal), é o caso.

MODALIDADES EM DESFILE

Continuação da pág. 19

Viseu, seguida da Fercol e Mundiveste.

A equipa do Sporting não se classificou devido à desistência de um dos seus atletas.

Na prova feminina, corrida na distância de 2000 metros, em que participaram 38 atletas representando sete equipas, foi vencedora Maria de Fátima Neves, da Associação Desportiva da Guarda (12m 17s), seguida de Judite Bemposta, do Grupo de Desporto e Cultura de Gouveia (13m 02s); e de Isabel Morais, do Tibaldinho. Por equipas venceu a turma do Tibaldinho, seguida da Associação Desportiva da Guarda e do Núcleo de Desporto e Cultura de Gouveia.

TÊNIS DE MESA

A 16 e 17 de Dezembro, a secção de ténis de mesa do Benfense promove o 2.º «Grande torneio aberto internacional» Cruz de Cristo», para atletas fedos, ados, de todas as categorias. Juiz de prova: Mario Patrício. Comissários: José Janeiro, Carlos Neves, Silvino Fonseca, Fernando Gomes, Canha da Piedade, Valério Batista e Virgílio do Nascimento.



Zezinho sai de maca: depois de um choque com Bastos, ruptura de ligamentos no joelho esquerdo



Antes do jogo: Ramalho Eanes com sportinguistas

Arbitragem dos portuenses Armando Paraty (erros de julgamento assíduos), Pereira da Silva, e Pereira Bernardo. Benfica: Bento (José Henrique); Pietra, Humberto, Alinho e Alberto; Toni, Alves e Sheu; Nené, Reinaldo e Chalana (Eurico).

Sporting: Botelho; Artur, Bastos, Zezinho (Meneses), e Inácio; Cerdeira, Marinho e Ailton (Zandonade); Manoel, Manuel Fernandes e Keita.

PASSAGENS
AVIAO COMBOIO
BARCO PULLMAN
Preços das companhias
— consulte-nos —
agência abreu
LISBOA — Av. de Liberdade, 180 • Telef. 371341

CANAL DA CRÍTICA

Continuação da pág. 17

nada tem a ver com o tradicional discurso do teatro.

Isto não quer dizer que todos os folhetins devam seguir o figurino brasileiro. Mas o processo utilizado neste «Amor de Perdição» de Manoel de Oliveira não me parece mais adequado a agarrar o nosso público de hoje.

Plasticamente algumas imagens são de grande beleza. Mas a história não é vivida: é contada. Contada numa voz por fora e com palavras tão literárias, tão empoladas, tão falsas hoje, que dificilmente podem ser retidas. Palavras que nasceram para serem escritas, não para serem pronunciadas.

Aquele processo, tão abusado, da voz por fora, a lentidão e o silêncio das personagens, a fuga ao grande plano, a diluição da imagem — tudo isso vai afastar uma grande parte do nosso público.

E isto não é útil à produção nacional.

SEM PAPAS NA LINGUA

Um dos grandes momentos da TV das últimas semanas foi a presença de José Luis Judas, dirigente da CGTP-Intersindical na rubrica **Cartas na mesa**.

Extraordinária facilidade de expressão, que nunca roça a banalidade; o domínio completo da matéria; a segurança, resultante dessa força vital de quem não deve, não teme — permitiram-lhe esclarecer sem agressividade nem frases feitas todas as questões postas na mesa.

A democraticidade e a representatividade da Intersindical, a análise a frio e realista das situações; a necessidade de uma cada vez mais ampla intervenção dos trabalhadores nas tarefas sindicais; a denúncia, claramente demonstrada, da finalidade divisionista dos sindicatos amarelos; a prova provada, com exemplos nacionais e estrangeiros de que a divisão dos trabalhadores é uma arma contra os próprios trabalhadores — eis alguns, apenas alguns, dos pontos discutidos e esclarecidos por José Luis Judas.

Para além do meu camarada de redacção Eduardo Lobo, ainda falaram, perguntaram, discutiram e atrapalharam os jornalistas Assunção, do «Expresso» e Oliveira, da «Luta».

José Manuel Barroso inaugurou uma outra maneira de trabalho: deixou andar. Em vez de entrevista, houve muitas vezes debate, jornalistas houve que até emitiram suas «opiniões pessoais». Certo. Espera-se apenas que este processo não constitua excepção e se transforme numa regra.

ROTEIRO CULTURAL

A semana anuncia-se «culturalmente» igual às que têm decorrido ultimamente: dois ou três eventos de interesse com datas já marcadas a uma série de actividades, importantes a nível local, que irão ocupando o tempo dos nossos leitores espalhados pelo País. Não acontecerá, porém, nada de espectacular que atraia as atenções de todos, embora não faltar acontecimentos de interesse relacionados com certos sectores específicos de actividade, como é o caso do I Encontro de Teatro Profissional para Crianças, que começa amanhã e que promoverá a apresentação de 17 peças infantis.

Prossegue no Porto, o I Festival de Teatro de Expressão Ibérica com as repetições, hoje, das peças «Woyzeck» e «Mimica del Oprimido».

Os amadores de teatro não deverão faltar hoje, às 21 e 45, ao Teatro Nacional D. Maria II, onde Gisela May, a primeira actriz do Berliner Ensemble, interpretará canções das peças de Brecht. Trata-se de um recital destinado a festejar o 80.º aniversário do nascimento do grande dramaturgo alemão.

O cinema Quarteto celebra amanhã o seu terceiro

aniversário com a projecção de 10 filmes de 10 cineastas considerados «os dez melhores realizadores de sempre» pela revista «Sight and Sound»: Orson Welles, John Ford, Jean Renoir, Jean-Luc Godard, Ingmar Bergman,

resse a ver esta semana. Além das que estão patentes ao público nas galerias S. Mamede e Dinastia, a que temos feito ultimamente numerosas referências, há a mencionar a de Guilherme Parente, que está a atrair um



Gisela May, primeira actriz do Berliner Ensemble, interpreta Brecht hoje à noite no D. Maria II

Antonioni, Fellini, Luis Buñuel, Buster Keaton e Serguei Eisenstein. As projecções começam às 14 e 30 nas quatro salas do cinema.

Os nossos leitores que acompanham o movimento das galerias de Arte têm algumas exposições de inte-

público numeroso à SNBA. Continua na Galeria de Arte do Casino do Estoril a exposição «A vida das formas» de Hein Semke, que inclui peças de cerâmica, xilogravuras, colagens e óleos deste artista natural de Hamburgo que se fixou entre nós em 1932. Com esta exposição presta-se

uma devida homenagem a um homem que tem desempenhado papel de relevo na evolução da arte portuguesa.

João Fortio e Rui Alves, dois artistas de Estremoz, expõem presentemente algumas pinturas suas na Biblioteca Municipal daquela cidade. Trata-se de uma iniciativa da Casa da Cultura da Juventude de Estremoz.

Rogério Proença é um artista de Braga que se dedicou durante muito tempo à arte sacra e que, a partir de certa altura, se «profanizou» (passe a palavra...), sem nunca atrair as atenções da crítica e sem nunca se tornar muito conhecido. Trata-se de um homem do povo que pinta à maneira dos pintores populares da sua região, todos eles influenciados pela pintura renascentista. Um grupo de amigos deste pintor («Grupo dos Amigos do Rogério Proença»), ao que supomos encabeçado por Evandro da Costa Lopes, julgando que ele merece ser mais conhecido, acaba de organizar uma exposição de algumas das suas telas, que estão patentes ao público, até ao dia 26, no Edifício de Turismo de Braga. Recomendamos aos nossos leitores da região que não percam esta oportunidade de conhecer a obra de Rogério Proença.

Como já informámos, está aberta ao público, nas **Caldas da Rainha**, uma exposição de gravuras de Vieira da Silva. A mostra encontra-se no Museu José Malhoa e



João Lagarto, do gupo «Os Saltitões», numa cena da peça «A gruta», que será representada no decorrer do I Encontro de Teatro Profissional para a Infância e Juventude

merece, evidentemente, que todos os nossos leitores da área a visitem.

O pintor João de Sousa Araújo expõe presentemente na Galeria Propag, de Madrid. Fazem parte desta exposição 23 telas que estarão patentes ao público até ao dia 8 de Dezembro.

Começa depois de amanhã em Espinho o Festival Internacional de Cinema de Animação, no qual participam 23 países. Além da projecção de filmes actuais está incluída no Festival uma retrospectiva que incluirá a projecção de filmes históricos ou pelo menos de filmes que já terminaram as suas carreiras mas que desempenharam um papel importante no evoluir do cinema de animação.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS ANUNCIO

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo desta Comarca, correm editos de vinte dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Manuel Gonçalves Bastos, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução movida por Diniz & Diniz, Limitada.

Oeiras, 6 de Novembro de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,
(Francisco Rosa da Costa Raposo)
O AJUDANTE DE ESCRIVÃO,
(Jose Francisco)

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado nas regiões a norte do Tejo e em geral pouco nublado a sul; o vento era fraco e havia neblina em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	5°
VILA REAL	—
PORTO	10°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	13°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	10°
ÉVORA	10°
SINES	—
BEJA	—
SAGRES	16°
FARO	15°
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	20°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.12 3,6 m	11.50 1,5 m
18.38 3,3 m	

Dia 21

6.55 3,5 m	0.00 1,7 m
19.27 3,2 m	12.39 1,7 m

Dia 22

7.47 3,3 m	0.52 1,8 m
20.29 3,1 m	13.41 1,8 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões a norte do Tejo, podendo ocorrer períodos de chuviscos no litoral a norte do cabo Mondego; vento geralmente fraco; neblinas ou nevoeiros locais pela madrugada e manhã.



NASCE AS 7.25
OCASO AS 17.20



DIA 22 DIA 30 DIA 7 DIA 14

rádio

1.º Programa

18.00: «Os 50 anos da Censura em Portugal»; 18.35: Conjuntos; 19.00: Noticiário «Perspectiva»; 20.00: «Jornal da Noite»; 20.30: Música Variada; 21.00: 42.º episódio do folhetim «O Monte dos Ventos Uivantes», de Emily Bronte, numa adaptação de Pedro Pinheiro; 21.20: «Contraponto»; 24.00: «Último Jornal»; 00.20: Canções; 01.00: Repetição da 2.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luís e organizado pela Radiodifusão Portuguesa. Música na Noite.

2.º Programa

17.55: Semana Schubert. Quarteto em sol maior; Quarteto de Cordas n.º 13 em la menor; 19.00: Animação Cul. 19.30: Música de tecla: Suite em ré menor, de Couperin; Toccata e Fuga em fa maior, de Buxtehude; 20.00: Música de vanguarda. Momenti de Luciana Berio. Realização de Pierre Henry; 4 Estudos Coreográficos, de Maurice Ohana; Ambiance II, de Michel Philippot; 20.40: O concerto em la menor para violino e orquestra de Bach; 21.00: O Canto e seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 22.00: Ocas de Mozart. Adagio em fa maior, K. 410; Sonata em fa maior.

3.º Programa — Nacional e Regional (290 m)

18.00: «Vertical»; 18.20: Prevenção e Saúde, pelo dr. José Matilides; 18.40: «Mulher, agora e aqui»; pela Comissão da Condição Feminina; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.40: «Disco...rendo»; por Mário Martins; 20.15: A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento; 23.05: Hora Literária; 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schmitzer; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa — Local (187,5 m)

16.00: «Convite»; 18.00: «Compasso»; 18.15: Sai e pimenta (repetição); 19.45: Ronda Desportiva; 20.40: Serviço de Agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa — Emissão Total em Estereofonia

16.00: «Gong»; 19.00: «Em Órbita»; 20.00: «Forum»; realização de Jorge Lopes; 22.00: «Auditorium»; música jazz, por Paulo Gil e Rui Neves; 00.00: «Prisma»; realização de Fernando Quinas; 02.00: Fecho.

Rádio Renascença

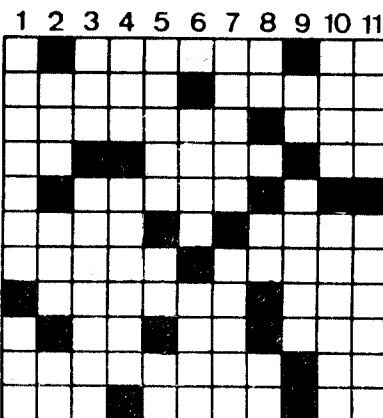
18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Programa dos Amigos da R.R.; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Estante Giratória; 23.55: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 194

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Esposa. Antes de Cristo.
- Ilha pertencente à província de Macau. Pessoa muito parecida com outra.
- Causavam amaro a Herdade delimitada por muros.
- Apelido. Estimam. Carta de jogar.
- Acamar.
- Anual. Ilha do oceano Atlântico que faz parte do arquipélago dos Açores.
- Sinal. Canais.
- Mar. Fluido aeriforme.
- Clima. O mais. Medida de superfície.
- Braminam. Preposição e artigo.
- Enal Nome de mulher. Abreviatura de Santíssimo.



VERTICAIS:

- Enterrar em atascadeiro. Pronome relativo.
- Gosta muito de. Recusa. Medida itinerária do Japão.
- Miado. Descascara.
- Corcovo. Falsifica.
- Limpam com água. Preposição e artigo (inv). Reis.
- Dejeja. O mesmo que mãe (Gir).
- Calcular. Unir.
- Letra grega. Deus dos pastores. Miriade.
- Pronome reflexo. Desafronta.
- Encolheriza. Fundiras.
- Desordem (fig). Endurecidos.

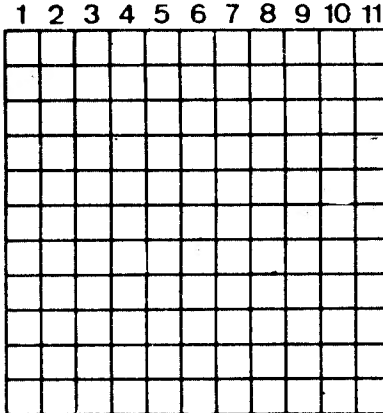
Resolva completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 254

HORIZONTAIS:

- Nome de mulher. Alimento líquido preparado pela coação de diversas substâncias em água.
- Freguesia do concelho de Castelo Branco. Cidade de Itália.
- Distrito da ex-Índia portuguesa. Coração.
- Capital do Senegal. Aplaco.
- Ave trepadora. Adivinharas.
- Guarnição de asas. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- Nome de mês. Nome de fruto.
- Caminha. Nome comum de qualquer guisado ou ensopado.
- Rata. Pequeno simio do Brasil. Caminhar para cá.
- Cidade do Japão. Venera.



VERTICAIS:

- Querida. Amargo.
- Nota musical. Arara. Aniversário.
- Ilha hoje chamada Thiaki. Queimava.
- Cálculo (s.q.) Esquiva (fig).
- Grande. O sono das crianças. Ape-lido.
- Nome de Buda, na China. Bário (s.q.).
- Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Amónio (s.q.). Autores.
- Prefixo que designa afastamento. Desperdiçar.
- Ruir. Nome próprio de um grande poeta brasileiro.
- Maus medicamentos. Proceder.
- Naipes das cartas de jogar. Da Mauritânia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 193

HORIZONTAIS:

- OS. ERROS. Cá.
- Caos. EC. DOS.
- Alsácia. Ela.
- Ra. Ou. Impar.
- Mua. Ora.
- Zovo. Cia.
- MÉDICOS. A.
- Elisa. Ab. AC.
- LP. Pirata.
- Aer. Remos.
- Amoroso. Aló.

VERTICAIS:

- Ocara. TERRA.
- Salá.
- OS. Comilão.
- Esau. Vésper.
- Comoda. Ro.
- Rei.
- Ocaia. Cairo.
- COBRE.
- Depois. Ama.
- Colara. Atol.
- Asara. Acaso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 253

HORIZONTAIS:

- Prisioneiro.
- Oiros. Amais.
- Roeram. SSS.
- Nababo. Oó.
- Até. Elar.
- Or. Pl. Latão.
- Adi. Bara.
- Aliava. Ler.
- Chamariz. Cá.
- Rabos. Ao. Os.
- Osos. Ois.

VERTICAIS:

- Portão. Acra.
- Rio. Tralha.
- Irene. Diabo.
- Sora. Piamos.
- Isabel. Vaso.
- Mal. Bar.
- Na. Bala. Ia.
- Em. Orar. Zoo.
- Ias. Tal.
- Risota. Ecos.
- Oso. Obras.

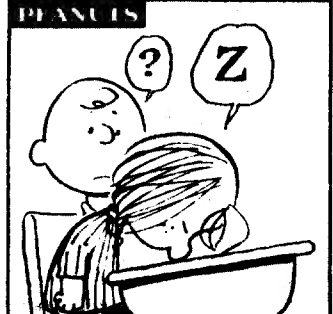
PROVÉRBO: Os erros dos médicos, a terra os cobre.

Programa de Cinema e Teatro

Lisboa TURNO 16 Até às 22 horas ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A. Tel. 863940. ASCENSO — Pr. Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311216-310172. AVENIDA (des) — Av. da República, 27-A. Tel. 533688. CELTA — Rua Moura Girão, 3-B. Tel. 890621. CENTRAL DO LUMIAR — R. do Lumiar, 77. Tel. 790480. COMBRO (do) — Calçada do Combro, 78. Tel. 326059. DIMAR — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533. G. SILVA — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873. GUERRA — Rua Andrade, 32-36. Tel. 845513. J. RIBEIRO — Estrada da Luz, 190-A. Tel. 780969. JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462. MARLUZ — C. da Picheleira, 140-B-C. Tel. 720703-728395. MENDES GOMES — C. da Ajuda, 222. Tel. 638256. NACIONAL — Rua do Salitre, 7. Tel. 46858. NOBEL — Rua Actor Vale, 53. Tel. 842152. NOGUEIRA — Rua de Alcântara, 5-A-B. Tel. 637563. OLIVEIRA — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424. OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Tel. 548966. ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079. POFFIRO — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. RAINHA SANTA — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262. S. A. E. SILVA, F.º — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010. SALTER — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 301185. SANEX — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897506. SIMÃO — Rua Cidade de Cabinda, 16-A. Tel. 310581. UNIAO — Rua Saraiva de Carvalho, 145-F. Tel. 663643. VALADAS, SUCR. — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060. Permanente J. RIBEIRO — Estr. da Luz, 199-A. Tel. 780969. JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462. OLIVEIRA VIEGAS — Rua Viriato, 29-A. Tel. 548966-553601. ORIENTAL DE LISBOA — Rua Alves Torgo, 2-B. Tel. 45079. POFFIRO — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. NOGUEIRA — Rua de Alcântara, 5-A-B. Tel. 637563. RAINHA SANTA — R. Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262. S. A. E. SILVA, F.º — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010. SIMÃO — Rua Cidade de Cabinda, 16-A. Tel. 310581. VALADAS, SUCR. — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060. NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço. Outra Banda ALMADA — Silva Júnior — Av. Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (T. 2768030). COVA DA PIEDADE — Garcia Reis — R. Dr. Alberto Araújo, 19-A. LARANJEIRO — Feijó — R. Borges Rego, 7 (Tel. 240911). COSTA DA CAPARICA — Carlos — Av. do Mar, 34-A — Quinta de St.º António. SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 21 (Telefone 2233028). BARREIRO — Santa Marta — R. Dr. Manuel Pacheco Nohre, 44-B (Tel. 2072141). SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 218580). MONTIJO — Higiene — R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370). MOITA — Silva Rocha — P. da República, 16 (Tel. 239029). ALHOS VES	Linha de Cascais ALGÉS — Miraflores — R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161). ALCABIDE-CHE — Carvalho — Até às 21 horas; PORTO SALVO — Ferreira Bastos — Até às 21 horas; CAXIAS — Nova — R. Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839). Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; CARCAVELOS — Central — Até às 22 horas; CARCAVELOS — Vilar — Até às 24 e das 0 às 9 horas; S. DOMINGOS DE RANA — Godinho da Silva — Av. Saboia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; OEIRAS — Alcântara Guerreiro — P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691). Até às 22 horas; NOVA OEIRAS — Laila — Até às 21 horas; PARADE — Marçau — R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas; PARADE — Junqueira Mendes — Até às 21 horas; AMOREIRA — Amoreira — (Tels. 262313/267314). Até às 22 horas; CASCAIS — Cascais — Rua Conde Monte Real — B.º Caixas (Tel. 282407). Até às 21 horas; Misericórdia — R. Regimento 19, 41. Até às 24 e das 0 às 9 horas. Linha de Sintra AMADORA — S. Jorge — R. Pedro do Negro, 5 — Reboreira (Tel. 938703). Permanente; Campos — R. Elias Garcia, 185. (Tel. 930072). DAMAIA — D. João V — Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461). QUELUZ — Queluz — Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841). CAMARATE — Batabiha — R. Aveiro S. Oliv.º, 6 (Tel. 2518669). CACÉM — Araújo e Sá — Est. de Paço de Aros, Lote 1-B (Tel. 2940781). MEM MARTINS — Quimia — Est. de Mem Martins, 28 (Tel. 2910012). Permanente; AGUALVA — Cacém — Mira Sintra — P. N.º Torre, 310. Até às 20 horas; MERCES — Claro Russo — Até às 21 horas; RIO DE MOURO — Riomouro — Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194). Até às 23 horas; S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (T. 980456). Permanente; COLARES — Abreja — (Tel. 299088). Porto (De dia e só até às 22 horas) GONDARÉM, R. de Gondarém, 360, Foz; CORREIA DE ARAÚJO, R. de Santa Catarina, 259 (T. 25644); SILVA PEREIRA, R. de Costa Cabral, 293 (T. 480761); ALVES, P. do Exército Libertador, 62 (T. 60002); BARROS, R. do Loureiro, 104 (T. 351075); BOA HORA, R. da Boa Hora, 80 (T. 28783); CAMEIRA, R. do Heroísmo, 90 (T. 52583). (De dia e toda a noite) TERREIRO, R. da Reboreira, 21 (T. 23576); PINHEIRO MANSO, R. S. João de Brito, 25-29 (T. 60692); SANTA TERESA, P. Guilherme Gomes Fernandes, 100 (T. 315713); NOVA AVENIDA, Av. Fernão de Magalhães, 692 (T. 52250). Coimbra (Das 9 horas às 9 do dia seguinte) DONATO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603).	abCINE 803055 Centro Comercial de Alvalade SALA A As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h Maiores 13 anos F.I.S.T., com Silvester Stallone SALA B As 15, 17, 19, 21.30, 23.45 (18 anos) GUERRILHEIROS DO INFERNO c/Nick Nolte ALVALADE 897480 Av. de Roma 14.30, 18 e 21.30h Não acons. menor. 13 anos Um êxito de todos os tempos! PRESTÍGIO REAL Com: Dilip Kumar, Nimmi, Prem Naht Nadira 2.ª Semana APOLO 763319 Av. Júlio Dinis, 10-A As 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h MONTY PYTHON E O CALICE SAGRADO Hoje às 23.30 horas (18 anos) -Em reposição- O REBELDE GENIAL De Ken Russell AVIS 547163 Av. Duque D'Ávila, 45 15.30, 18.30, 21.45 Int. men. 18 anos PAIXÃO CARNAL O amor em liberdade com Ellen Earl, Allan Tisser 3.ª Semana BERNA 776098 Av. Marquês de Tomar 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 Int. men. 13 anos — Colorido John Travolta, Karen Lynn Gorney em SATURDAY NIGHT FEVER Febre de sábado à noite Música original escrita e interpretada por Bee Gees CALEDOSCÓPIO 795093 Campo Grande 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 Int. men. 13 anos — Colorido John Travolta, Karen Lynn Gorney em SATURDAY NIGHT FEVER Febre de sábado à noite Música original escrita e interpretada por Bee Gees CASTIL 580194 Rua Castilho 15.30, 18.30, 21.30 Não acons. menor. 18 anos Um filme de Alan Parker O EXPRESSO DA MEIA NOITE Com Brad Davis, Randy Quaid, Bo Hopkins	CINEBOLSO 573407 Rua Actor Taborda, 27-B As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30h Int. men. 18 anos Uma história que debarcará mesmo os mais calmos com o sangue a ferver AS 69 POSIÇÕES As 24 horas (Não ac. m. 18 anos) MACBETH CINE CAMÕES 324194 Rua do Loreto, 15 14.15, 16.30, 21.30 Interdito men. 13 anos O GRANDE ATIRADOR Um filme de Paul Hunt com Robert Padilla e Milla St. Duval As 18.45 — Semana «O Policial» O SOLDADO AZUL Um filme de Ralph Nelson Grupo D m/18 anos CITY CINE 549999 Rua Tomás Ribeiro, 34 As 13.30, 16.45, 19 e 21.30 Não acons. men. 13 anos Filme de qualidade O MONTE DOS VENDIAIS Laurence Olivier — Merle Oberon Hoje: 23.45 A ÚLTIMA TESTEMUNHA de Hitchcock CONDES 322523 Av. da Liberdade, 2 As 14, 16.30, 19 e 21.45 horas Não ac. men. 13 anos ALTA ANSIEDADE Com: Mel Brooks DOIS MIL 2100055 Av. Bombeiros Voluntários Lote 113 — Alges 15.30, 18.00, 21.30 BLUE JEANS Int. men. 18 anos D. JOÃO V 971794 Praça Centro Comercial — Damaia As 21.15 (Não ac. m. 18 anos) A JUSTICEIRA Western EDEN 320768 P. dos Restauradores, 21 As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas Não acons. men. 13 anos Um filme de Hamamali e Nirupa Hoy em A MAE Um filme de M.A. Thirumangam Colorido ESTUDIO 555134/5 Av. Afonso Henriques, 35 15.30, 18.30, 21.30 Dustin Hoffman e Susan George em CAES DE PALHA O filme de Sam Peckinnah ESTUDIO 444 779095 Av. Defensores de Chaves, 83 As 15, 17, 19 e 21.45 Não acons. menor. 18 anos A HERDEIRA 3.ª Semana Atenção o filme começa 5 minutos após o início da sessão EUROPA 661016 R. Almeida e Sousa, 35 2 Sessões: 15.15 e 21.30 h. Não acons. men. 13 anos O filme indiano que nunca mais foi esquecido PRESTÍGIO REAL Dilip Kumar, Nimmi, Prem Naht Quinta-feira à tarde As 18.15 (Não ac. m. 18 anos) O OUTRO LADO DA FEIA NOITE Com Marie France Pisier e John Beck Os espectadores deste cinema poderão ver na televisão que se encontra no Foyer a novela «O Astro»	IMPERIO 555134/5 Al. Afonso Henriques, 35 15.15, 18.30 e 21.30 h. Interdito a menores 13 anos Um filme de Irwin Allen O ENXAME Com: Michael Caine, Katharine Rosse, Henry Fonda e Richard Chamberlain 2.ª Semana LONDRES 801313 Av. de Roma, 7-A As 14, 16.30, 19 e 21.45 horas A GRANDE DECISÃO de Herbert Ross com Anne Bancroft e Shirley MacLaine Não acons. men. 13 anos MONUMENTAL 555131 P. Duque de Saldanha 15.15, 18.15, 21.30 Não acons. men. 18 anos A mais arriscada missão jamais conseguida! OS GANSOS SELVAGENS Richard Burton, Roger Moore, Hardy Kruger N.B. — Projeção do filme 5 minutos após o início das sessões MUNDIAL 536743 R. Martens Ferrão, 12-A 15.15, 18.30, 21.30 Não acons. men. 18 anos O TOQUE DA MEDUSA Um filme de Jack Gold — Medusa Touch O pensamento que destrói a vida. O cerebro que desafia a morte. Com Richard Burton, Lino Ventura e Lee Remick NIMAS 574362 Av. 5 de Outubro, 42-B As 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 horas Não acons. men. 13 anos Gaias e o seu mundo PROVIDENCE A obra-prima de Alain Renais — com Dirk Bogard e Ellen Burstyn NOVOCINE 840678 Av. General Roçadas, 7 Hoje, às 15.15, 21.15 Não acons. men. 18 anos A violência e a solidariedade AS BALAS NUNCA SE PERDEM Com Jean-Paul Belmondo e Cláudia Cardinale ODFON 326283/4 R. Condes, 12 a 20 As 15.15, 18.15 e 21.15 Não acons. me. 18 anos SANTO O MASCARA DE PRATA com Carlos Romero Marchent, Álida Millo PATHE 821933 R. Francisco Sanches, 122 As 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 REFLEXOS DE UM ESPELHO INDISCRETO Com Catherine Burges POLITEAMA 326305 R. Portas de St.º Antão As 14.15, 16.30, 19 e 21.30 horas Int. men. de 18 anos COISA FINA (As fantasias do senhor barão) Um filme pornográfico de categoria invulgar! 1.ª Semana QUARTETO 771378 R. Flores de Lima, 16 SALA 1 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 23.30 — Int. m. 18 anos O IMPERIO DA PAIXÃO SALA 2 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 23.30 — Int. m. 13 anos UMA CANTA A OUTRA NAO SALA 3 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 23.30 — Não acons. m. 13 anos OS ONZE IMPLACÁVEIS MENINOS DO CORO Realiz. Robert Aldrich SALA 4 — 14.30, 16.45, 19, 21.15 23.30 — Não acons. m. 18 anos Não acons. men. 18 anos O EXPRESSO DA MEIA-NOITE Realiz. Alan Parker	RESTELO 610375 Av. Torre de Belém As 21.30 h. Não acons. men. 13 anos CAPRICORNIO UM 5.ª Semana Com Elliot Gould, James Brolin Telly Savalas, Brenda Vaccaro, Sam Waterston e O. J. Gimpson ROMA 887778 Av. de Roma, Lote JRB 15.30, 18.30, 21.45 Int. men. 13 anos AS PAREDES TEM OUVIDOS A divertida comédia francesa de Jean Girault com Louis Velle e Martine Sarcey ROXY 548560 Av. Almirante Reis, 20 As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas Interdito a menores de 18 anos — Filme pornográfico soft core — Ole Soltoff, Roger Moore, Hardy Kruger em SIRVAM-SE DESSAS SENHORAS Um filme de John Hillard Colorido SÃO JORGE 579144-579344 Av. da Liberdade, 175 Hoje às 15.15, 18.30 e 21.30 Sylvester (Rocky) Stallone Int. men. 13 anos F.I.S.T. de Norman Jewison Uma história de amor e ambição SATELITE 562632 Av. Fontes Pereira de Melo, 61 As 15, 17, 19 e 21.30 horas Int. men. 18 anos Um filme de Nagisa Oshima Premio de realização Cannes 78 O IMPERIO DA PAIXÃO STAR 804210 Av. Guerra Junqueiro, 14-C As 14.30, 16.45, 19 e 21.30 Não acons. men. 13 anos Um filme de Billy Wilder O SEGREDO DE FEDORA Com William Holden, Martine Keller, Henry Fonda TERMINAL 371573 Estação do Rossio 11.00, 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 21.30 e 23.30 O TOQUE DA MEDUSA Um filme de Jack Gold — Medusa Touch O pensamento que destrói a vida. O cerebro que desafia a morte. Com Richard Burton, Lino Ventura, Lee Remick Não acons. men. 18 anos TIVOLI 570595 Av. da Liberdade, 188 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 Int. men. 13 anos — Colorido John Travolta, Karen Lynn Gorney em SATURDAY NIGHT FEVER Febre de sábado à noite Música original escrita e interpretada por Bee Gees VOX 880808 Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879 As 15.15, 18.30 e 21.30 horas Não acons. men. 13 anos Cinema-Espectáculo de qualidade ex- cepcional! CAPRICORNIO UM
---	---	--	---	--	---

Lisboa D. MARIA II — Gisela May, às 21.45 (10 anos) ADOQUE — Farcos e guitarradas, às 20.30 e 22.45 (18 anos) OUTROS CINEMAS Lisboa PARIS — «Linku», às 21.30 (13 anos) CAPITOLIO — «Prado», às 21.30 e 23.15 (18 anos) JARDIM — «Quatro Ofensas à Moral», às 21.15 (18 anos) LUMIAR — «O Preço da Traição», às 21.30 (13 anos) MOSCAVIDE — «E Tudo o Vento Levou», às 21.15 (13 anos) PROMOTORA — «Bruce Lee Volta ao Ataque», às 21.15 (18 anos) ROYAL — «Bananas Mecânicas», às 21.30 (18 anos) CINEARTE — «O Comboio da Madrugada», às 21.30 (13 anos)	Linha de Cascais ESTORIL — Casino — «Blue Jeans», 17.00, 21.15 (13 anos) CASCAIS — Impala — «Os Tigres não Choram», 21.30 (13 anos) CASCAIS — Oxford — «Blue Jeans», às 21.30 (13 anos) Linha de Sintra AMADORA — Lido — «Os Três dias do Condor», 21.30 (13 anos) MEM MARTINS — Cine Chaby — «Ternas Algemas», 21.30 (13 anos) SINTRA — Carlos Manuel — «Paixão Carnal», 21.30 (18 anos) Outra Banda ALMADA — Academia — «A Orca», 21.15 (13 anos) ALMADA — Incrível — «Julia», 21.15 (18 anos) SACAVEM — S. Jose — «A Voz do Sangue», 21.30 (13 anos) Porto FOCO — «Saturday Night Fever», 21.45 (13 anos) OLIMPIA — «O Banho de Tiago», às 21.30 (18 anos) ESTUDIO — «A Mulher, o Corpo e o Espírito», 21.30 (13 anos) JULIO DINIS — «A Zingança de um Filho», 21.15 (13 anos) LUMIERE — «A Última Valsa», às 21.45 (13 anos)	SADA BANDEIRA — «O Diabo em Miss Jones», às 21.30 (18 anos) VALE FORMOSO — «As Hospedeiras do Sexo», às 21.45 (18 anos) CARLOS ALBERTO — «A Última Valsa», às 21.30 (13 anos) TRINDADE — «Angela, o Amor Impossível», 21.30 (18 anos) CHARLOT — «A Mulher, o Corpo e o Espírito», às 21.30 (18 anos) AGUA — «A Flecha de Prata de Shadon», às 21.30 (18 anos) BATALHA — «Os Gansos Selvagens», 21.30 (18 anos) SALA BEBE — «Os Onze Implacáveis Meninos do Couro», 21.30 (18 anos) CHAPLIN — «Um Cadáver de Screamers», às 21.30 (13 anos) COLISEU — «Culpado ou Inocente», às 21.30 (13 anos) PASSOS MANUEL — «Feios, Porcos e Maus», às 21.30 (18 anos) S. JOAO — «O Gendarme em Nova York», às 21.30 (6 anos) ESTUDIO 400 — «Filme de Amor e Anarquia», às 21.30 (18 anos) RIVOLI — «Lady Chatterley», 21.30 (18 anos) Coimbra AVENIDA — «O Gosto da Aventura», às 21.30 (13 anos) S. TEOTONIO — «Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos) TIVOLI — «Blue Jeans», às 21.30 (13 anos) GIL VICENTE — «Deserto de Gigantes», 21.30 (18 anos)
--	--	--

CITRONIC A SUA OPÇÃO!
14 DIGITOS DE CAPACIDADE 2 MEMÓRIAS
REP. E IMPORTADORES EXCLUSIVOS
Soc. Port. de Equip. Ld.º
R. Francisco Sanches, 29 Tel. 82 60 14





RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

- ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 185-1-1, TELÉFONOS 204537/3
- REDACÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS: RUA LUIZ BORGES, 44, TELÉFONOS 321184/4, 320711/2, 320720, 322781/2, PUBLICIDADE, 200740
- SERVIÇO WHITE (007 DAS 21): PORTUGAL 321184, REPRODUÇÃO 320720
- IMPRESSÃO: TELEFONOS 200740, 200741, 200742, 200743, 200744, 200745, 200746, 200747, 200748, 200749, 200750, 200751, 200752, 200753, 200754, 200755, 200756, 200757, 200758, 200759, 200760, 200761, 200762, 200763, 200764, 200765, 200766, 200767, 200768, 200769, 200770, 200771, 200772, 200773, 200774, 200775, 200776, 200777, 200778, 200779, 200780, 200781, 200782, 200783, 200784, 200785, 200786, 200787, 200788, 200789, 200790, 200791, 200792, 200793, 200794, 200795, 200796, 200797, 200798, 200799, 200800, 200801, 200802, 200803, 200804, 200805, 200806, 200807, 200808, 200809, 200810, 200811, 200812, 200813, 200814, 200815, 200816, 200817, 200818, 200819, 200820, 200821, 200822, 200823, 200824, 200825, 200826, 200827, 200828, 200829, 200830, 200831, 200832, 200833, 200834, 200835, 200836, 200837, 200838, 200839, 200840, 200841, 200842, 200843, 200844, 200845, 200846, 200847, 200848, 200849, 200850, 200851, 200852, 200853, 200854, 200855, 200856, 200857, 200858, 200859, 200860, 200861, 200862, 200863, 200864, 200865, 200866, 200867, 200868, 200869, 200870, 200871, 200872, 200873, 200874, 200875, 200876, 200877, 200878, 200879, 200880, 200881, 200882, 200883, 200884, 200885, 200886, 200887, 200888, 200889, 200890, 200891, 200892, 200893, 200894, 200895, 200896, 200897, 200898, 200899, 200900, 200901, 200902, 200903, 200904, 200905, 200906, 200907, 200908, 200909, 200910, 200911, 200912, 200913, 200914, 200915, 200916, 200917, 200918, 200919, 200920, 200921, 200922, 200923, 200924, 200925, 200926, 200927, 200928, 200929, 200930, 200931, 200932, 200933, 200934, 200935, 200936, 200937, 200938, 200939, 200940, 200941, 200942, 200943, 200944, 200945, 200946, 200947, 200948, 200949, 200950, 200951, 200952, 200953, 200954, 200955, 200956, 200957, 200958, 200959, 200960, 200961, 200962, 200963, 200964, 200965, 200966, 200967, 200968, 200969, 200970, 200971, 200972, 200973, 200974, 200975, 200976, 200977, 200978, 200979, 200980, 200981, 200982, 200983, 200984, 200985, 200986, 200987, 200988, 200989, 200990, 200991, 200992, 200993, 200994, 200995, 200996, 200997, 200998, 200999, 201000
- DESEIGNAÇÃO DO PORTO: RUA DO ALVARADO, 30-2, TELÉFONOS 20004-1

Povo do Norte contra aumento do custo de vida

PORTO, 20 — Cerca de duas mil pessoas manifestaram-se em S. João da Madeira contra o aumento do custo de vida e «contra a ofensiva do MAP na zona de intervenção da Reforma Agrária». A manifestação foi convocada pela União de Sindicatos de Aveiro, tendo a concentração sido efectuada no Largo do Mercado.

Também no Largo da Escola das Campinas, freguesia de Ramalde, no Porto, concentraram-se centenas de pessoas numa manifestação de objectivos idênticos. Os manifestantes percorreram os bairros da Providência e da Vilarinha naquela freguesia citadina.

PARA UM JUIZ LONDRINO

Bonecas sexuais são inofensivas

LONDRES, 20 — Um juiz decidiu que cerca de 1.500 bonecas pneumáticas de tamanho natural — cada uma equipada com cabeleira destacável e estojos de reparações — confiscadas o ano passado pela alfândega britânica não são indecentes ou obscenas.

O juiz Alan Trapnell deu provimento a um recurso apresentado por uma companhia de Londres que negocia a importação de auxiliares conjugais contra uma ordem judicial anterior para que as bonecas fossem confiscadas.

Denis Ruben, um director da empresa, disse que a encomenda valia cerca de 3.000 libras e tinha sido importada de Taiwan.

O dr. Brian Richards, um consultor de assuntos sexuais, referiu por uma vez que havia recomendado o uso de tais bonecas em casos onde a actividade sexual normal era impossível ou inexistente. Disse que o uso frequente de tais engenhos era inofensivo.

Ao dar provimento ao recurso, o juiz Trapnell declarou que o tribunal tinha de considerar os actuais padrões. (R)

(Hoje 24 páginas)

QUADROS A ÓLEO

ASSIM COMO LUSTRES, CANDEEIROS, ESTATUETAS, BIBELOTES, PEÇAS DECORATIVAS, ENCONTRARA ENORME VARIEDADE NA

GALERIA ACTUAL — Móveis e Decorações

Av. da República, 12 (Perto do Saldanha)

CHEFIADA POR TRANSFUGA DO PAIGC

Grupo de ex-comandos africanos aprisionados às portas de Bissau

Um grupo de indivíduos armados, composto na sua maioria por antigos comandos africanos e chefiados por um antigo guerrilheiro do PAIGC, Malan Sanhá, infiltrou-se na Guiné-Bissau, a partir do Senegal tendo sido detectado e aprisionado já nos arredores da capital guineense onde, diz-se, pretendiam cometer actos de sabotagens e de eliminar fisicamente dirigentes do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde.

A captura do grupo, após troca de tiros que provocaram, inclusive ferimentos no seu chefe, deu-se na madrugada de sábado passado. O grupo fora detectado nos arredores do aeroporto de Bissau na sexta-feira à tarde tendo imediatamente as FARP (Forças Armadas Revolucionárias do Povo) desencadeado uma operação de perseguição e busca culminada com a prisão do grupo. Malan Sanhá, como chefe deste comando e antigo integrante das forças armadas guineenses corre o risco de condenação à morte no Tribunal de Guerra a que vai ser submetido pois a tanto corresponde a pena pelos actos que lhe são imputados e que a ANOP relata a partir de informações do seu correspondente em Bissau.

Malan Sanhá e o grupo de vinte homens, na sua maioria antigos comandos africanos (grupo de tropas nativas formado por Spínola e utilizado como esquadra de choque na luta anti-guerrilha durante a luta de libertação nacional, dirigida pelo PAIGC) renderam-se após uma ligeira troca de tiros com a patrulha das FARP que os surpreendeu.

Forças militares e militarizadas, incluindo uma brigada mecanizada, continuaram a patrulhar e a controlar os acessos à cidade. Buscas foram também desencadeadas nos arredores da cidade em busca de elementos do grupo que eventualmente se tenham infiltrado ou escapado da acção de perseguição.

Assegurava a ANOP, no sábado passado, que a vida na cidade de Bissau decorria, no entanto, de forma absolutamente normal, sendo apenas notório a presença de soldados armados em locais onde habitualmente isso não se verifica, bem como o reforço das forças que protegem os locais estratégicos. Como cabeceira de um grupo armado que procurava levar a cabo uma «criminoso acção contra-revolucionária», tal como assinala um comunicado do Comis-

sariado do Interior. Malan Sanhá será submetido a Tribunal de Guerra. O seu crime é passível de aplicação da pena capital.

«Indivíduo sem escrúpulos e analfabeto do ponto de vista cultural e político» foi como o qualificou um alto dirigente do PAIGC, citado pela ANOP. O mesmo dirigente fala de tendências tribais e de acumulação de erros atrás de erros que provocaram a transferência da Frente Sul para a Frente Norte, durante a luta de libertação. Malan Sanhá chegara a ser instrutor da milícia feminina, e responsável político militar de zona nos dois primeiros anos de guerra. A transferência de Frente e as críticas da Direcção do Partido levaram-no a abandonar a luta e retirar-se para a República da Guiné onde viveu desligado do PAIGC.

Depois do 25 de Abril Sanhá conseguiu ser reintegrado mas depressa voltou a conhecer problemas. Foi mesmo preso sob a acusação de intimidar as populações e os seus subordinados nas FARP, abusando do seu posto hierárquico para extorquir dinheiro. Em 1976 evadiu-se da cadeia de Faram no Norte, fugindo para o Senegal onde conseguiu alguma influên-

cia junto de comandos africanos que ainda ali viviam, a partir da propaganda racista e de combate à base político-ideológica do PAIGC, a unidade Guiné-Cabo Verde.

Recorde-se que muitos dos antigos comandos africanos vivem e trabalham na Guiné-Bissau sem problemas. Mas um número ainda elevado deles tinha criado problemas na fronteira com o Senegal em 1975 problemas esses que motivaram encontros ao mais alto nível com as autoridades senegalesas para que tais actividades fossem interditas em Casamansa, a região fronteiriça. O governo senegalês comprometeu-se com essas exigências, e anunciou mesmo em princípio de 76 que os elementos restantes do grupo tinham sido deslocados para outras províncias.

Nunca mais se ouviu falar deles até sábado passado quando mais uma aventura (ainda que de âmbito limitado e condenada ao fracasso — para além de eventuais actos terroristas) dos filhos do colonialismo (no caso, herdeiros directos do general Spínola) veio a terminar às portas de Bissau e às portas do Tribunal de Guerra.

CDS e PSD: votos distritais mostram divisões internas

PORTO, 20 — Foram eleitas, no sábado, as novas direcções políticas distritais do PSD e do CDS, revelando ambos os actos eleitorais que no interior daqueles dois partidos as divisões se tornam cada vez mais nítidas.

No CDS o dr. João Miranda considera que houve «assalto à condução do distrito do Porto por métodos ilegais, com moralidade cívica duvidosa, na total arbitrariedade de condutas face aos deveres de filiados — naqueles que o eram — na mais repugnante manobra de oportunismo até à educação que deixava à porta». Foi eleita a única lista apresentada a sufrágio, presidida pelo dr. Rui de Oliveira. Havia, no entanto, uma outra lista que não foi admitida, o que gerou o clima de tensão que parece existir nos centristas portugueses. Aliás, segundo o «JN» a mesa da assembleia distrital, liderada pelo dr. Rui de Oliveira, está, neste momento, a ser alvo de uma análise de contencioso, podendo vir a ser compulsivamente afastada.

A lista vencedora apoiada por Francisco Lucas Pires tomará posse no dia 28, na presença, prevê-se, de Amaro da Costa, Korth Brandão, Ribeiro e Castro e Basílio Horta.

A lista não aceite era liderada pelo dr. Moreira Guerner, tendo o dr. João Miranda na vice-presidência.

LINHA «DURA» VENCE NO PSD

No PSD concorreram duas listas, tendo vencido por 61 por cento dos votos entrados nas

urnas (74 por cento de eleitores) a linha «sá-carneirista». Assim, na Comissão Política Distrital, Amândio de Azevedo dá lugar a Montalvão Machado, membro do Conselho Nacional, que já antes das eleições para as autarquias desempenhou o cargo que agora

Arnaut contra partidarização do SNS

O antigo ministro dos Assuntos Sociais, António Arnaut, fez, ontem à noite, uma explanação sobre o Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente sobre as suas estruturas básicas tendo mais uma vez lembrado que o estabelecimento do SNS é um direito de todos os portugueses estabelecido pela Constituição. Arnaut sublinhou que o SNS não pode ser partidarizado tendo após a sua comunicação respondido a diversas perguntas formuladas pela assistência.

Cinco candidatos ao Governo de Macau

O coronel Dias de Lima é o mais recente candidato ao cargo de governador de Macau, território chinês sob administração portuguesa.

Segundo afirma a ANOP, o nome daquele militar foi sugerido ao comandante Almeida e Costa durante a missão que recentemente realizou naquele território, a mando do Presidente da República, com o objectivo de descortinar um nome que substitua o coronel Garcia Leandro.

Os outros nomes apontados como prováveis candidatos são o general Melo Egidio, o coronel César Velasco, o comandante Ferreira Cavaleiro e o coronel Barroso.

O coronel Dias de Lima, está actualmente colocado na Direcção de História Militar.

assume. Outros elementos eleitos: dr. José Bartolo Vaz, Américo Abreu Dias, Hermenegildo José Tavares, Manuel António Ribeiro, António Resende Pereira e Manuel Abreu Amorim. Para membro do Conselho de Jurisdição Distrital foi eleito (100

Quatrocentos membros de uma seita religiosa suicidam-se na Guiana

O assassinio do congressista Ryan e de mais quatro norte-americanos, três dos quais jornalistas, abatidos pela seita religiosa «Templo do Povo», ganhou novas dimensões com a descoberta de cerca de 400 cadáveres na sede da seita na selva da Guiana, a 190 quilómetros de Georgetown.

A descoberta dos corpos seguiu-se a rumores de que membros da seita, estabelecida pelo evangelista branco Jim Jones, estavam a cometer suicídios em massa após o assassinio do congressista da Califórnia Leo Ryan. Este que estava na Guiana a investigar queixas de que membros da seita eram metidos nesta contra sua vontade e submetidos a espancamentos rituais, foi atacado a tiro por uma dúzia de indivíduos armados quando se preparava para regressar de avião a Georgetown. Um sobrevivente disse que as vítimas foram mortas à queima-roupa. A seita, que a oposição da Guiana acusa de estar ao ser-

por cento dos votos) o dr. Fernando Brochado Coelho.

A outra lista, próxima do grupo das «opções inadiáveis», era liderada por António da Silva Leal e incluía o responsável máximo da JSD portuense, Luís Filipe Meneses.

viço da CIA para desestabilizar o país, foi fundada no Estado da Califórnia há 15 anos e em dada altura afirmava ter 20 mil membros.

Os 150 tropas e polícias guianenses enviados ao colonato de Jonestown para investigar o tiroteio que liquidou o congressista norte-americano encontraram-se perante o macabro espectáculo de cerca de 400 cadáveres que ainda não foram identificados. Não se sabe ainda como morreram. Contudo, poucas horas depois do assassinio de Ryan, a representante da seita, Sharon Amos, e seus três filhos foram encontrados mortos com as gargantas cortadas na sede da seita em Georgetown.

Esta manhã, desconhecia-se ainda o destino de Jim Jones. Mas um informador do Governo declarou que um americano tinha sido preso após o tiroteio na pista da aterragem. O homem não foi identificado.

Falta de meios preocupa «agulheiros» do céu

FUNCHAL, 20 — Os controladores aéreos do aeroporto de Porto Santo, em extensa carta ontem publicada no «Diário de Notícias» desta cidade, chamam a atenção das autoridades para

a existência de sérios problemas neste sector, facto que, na sua opinião, constitui um perigo para os aviões, num total de 1600 por mês, que demandam a Madeira.

EXPRESSAMENTE

Se Amaro da Costa, engenheiro, e Manuel Maria Múrias, jornalista, têm a ambição de dirigir a mesma «direita», ou «direitas» diferentes, e de em nome delas («direitas») falarem, não se percebe que tenha enjoado o jornalista César Camacho uma referência nesta secção de «Tome Nota» ao indêntico «apetite» (de devorar a «direita») e à mesmíssima «ementa» (a «direita» e as respectivas extremidades) num almoço em que Amaro e Múrias se sentaram à mesa de um restaurante.

Notícia por nós recebida dessas «gentes» de saias e de calças que pela cidade borboteiam e satisfazem a bisbilhote.

Catão Camacho esqueceu-se do que vai lá pela casa onde trabalha. Aquela «gente» ao que parece para o censor Camacho, é a melhor. Incluindo o «patrão». Claro.

SEGUE-SE A BANDEIRA...

Fala-se na Madeira em acordos havidos nos primeiros meses deste ano, entre o PSD regional de Alberto João Jardim e os separatistas da FLAMA. Por parte da FLAMA teria ficado como «ponto de honra» não hostilizar o Governo Regional/PSD. Em troca o Governo Regional teria prometido registar a bandeira, a moeda e o hino, com base em projectos dos separatistas.

A dar razão a esta tese a bandeira levemente disfarçada já foi imposta à região. Quanto à moeda recorde-se que uma proposta há meses apresentada pelo CDS seria ridicularizada na Assembleia pelo PSD. Agora é o PSD a apresentar o seu projecto (o chamar-se «pataca» ou «zarco» será apenas uma questão de pormenor). Relativamente ao hino os separatistas já o cantaram e publicaram. Resta agora aguardar o projecto do PSD (Governo) para ver até onde vão as semelhanças...

Dois juizes para 300 mil madeirenses

FUNCHAL, 20 — O deferimento dos pedidos de transferência de cinco magistrados do arquipélago para o continente vai deixar a Madeira apenas com dois juizes se se não acorreu ao problema fazendo o imediato provimento das vagas.

O deferimento das saídas veio já no «Diário da República», originando a seguinte situação: os tribunais judiciais das comarcas de Ponta do Sol de S. Vicente ficam sem juizes; o da comarca de Santa Cruz também ficará sem juiz quando o magistrado ali em serviço passar para o Funchal; enfim a capital, até agora com cinco juizes, estará reduzida a um enquanto não se apresentar o de Santa Cruz.

No total, e se não houver um rápido provimento de vagas, pode chegar-se ao extremo de um território com 300 mil habitantes ter somente dois magistrados, ambos no Funchal, responsáveis por três juizes (e seis secções de Processos). Cacula-se em 4800 o volume de processos a aguardar resolução.